



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

APOIO CULTURAL



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

N. 20

Dezembro de 2011

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Copyright © 2011
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

20ª Edição - Dezembro de 2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras/
- Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.

192p

ISSN 2178-5511

1. Literatura Sul-Mato-Grossense

CDD - 869

Projeto Gráfico: Endrigo Valadão e Valter Jeronymo

Capa (Criação e Finalização): Mota Junior

Coordenação: Rubenio Marcelo

Diagramação: Mota Junior

Coordenação Editorial: Valter Jeronymo

Revisão: Rubenio Marcelo

Impressão e Acabamento: Gráfica Viena



Diretoria (2011/2014)

Presidente: **Reginaldo Alves de Araújo**

Vice-Presidente: **Abrão Razuk**

Secretário-Geral: **Rubenio Marcelo**

Secretário: **José Pedro Frazão**

Tesoureiro: **Francisco A. Palhano**

Segundo Tesoureiro: **Enilda Mougénot Pires**



Life Editora

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antônio

CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS

Fones: (67) **3362 5545** - Cel. (67) **9263 5115**

A reprodução de qualquer texto desta Revista é permitida,
desde que citada a fonte, bem como o nome do respectivo autor.



APRESENTAÇÃO

É com espírito regozijante que entregamos à intelectualidade [e ao povo sul-mato-grossense em geral] a edição de número 20 da Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, implementando um fazer acadêmico dos mais salutares e abrangentes.

Desta feita, enfocamos, com vigor e luminosidade, os gloriosos quarenta anos de existência do nosso sodalício, organização literária detentora de conquistas imorredouras. São textos primorosos a começar com o extraordinário discurso do acadêmico José Couto Vieira Pontes, um dos fundadores da Casa, que - com riquezas de detalhes - faz uma amostragem dos primeiros anos da fundação, seus momentos mais significativos, as horas difíceis que foram superadas e os dias atuais repletos de presságios que indicam grandes vitórias.

O mesmo brilho encontramos no texto da acadêmica Maria da Glória Sá Rosa, que - além de mostrar um ângulo singular da fundação - focaliza eminentes figuras da Literatura nacional e local, tendo a preocupação de alinhar os feitos que levaram a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras a ser tão admirada e aplaudida.

Outros textos literários (em prosa e versos) inseridos nesta edição chegam a ser, de certa forma, reconfortantes, pela beleza e abrangência dos assuntos e temas ventilados. Tudo, material selecionado e fecundo, com efeito.

Homenageamos nesta edição o estimado confrade José do Couto Vieira Pontes, co-fundador do nosso sodalício e contista premiado nacionalmente, sendo um orgulho nas hostes literária da região Centro-Oeste do Brasil.

A parte final da Revista é dedicada aos contos premiados (1º, 2º e 3º lugares) do tradicional CONCURSO DE CONTOS ULISSES

SERRA (Ed. 2011), realizado pela nossa Academia entre os meses de julho e setembro do corrente ano. Traz ainda esta edição uma sinopse de notícias relevantes acontecidas no seio da ASL.

Numa outra edição, escrevi que “graças a um convênio firmado com o Governo do Estado de MS, em consonância com a prefeitura Municipal de Campo Grande (MS), o projeto da edição de nossas Revistas da ASL consolida-se e ganha fulgor desejado”. Agora, na comemoração do quadragésimo ano de existência do nossa Casa de Letras, a luz é bem mais fulgurante, bem próximo da culminância.

Ao atuante Acadêmico Rubenio Marcelo (Secretário-Geral da Academia), braço forte deste projeto, brilhante coordenador e revisor da Revista, nossos sinceros agradecimentos, da diretoria e dos membros do nosso Sodalício.

Campo Grande (MS), dezembro de 2011

Reginaldo Alves de Araújo

Presidente



SUMÁRIO

Homenagem a José Couto Vieira Pontes . 09

Textos de José Couto Vieira Pontes . 13

Comemoração . 23

Notícias da Academia . 39

Antologia . 45

Abílio Leite de Barros - 47

Abrão Razuk - 49

Adair José de Alencar - 57

Américo Calheiros - 63

Augusto César Proença - 69

Enilda Mougnot Pires - 75

Geraldo Ramon Pereira - 83

Guimarães Rocha - 93

Heliophar de Almeida Serra - 99

J. Barbosa Rodrigues - 107

José Pedro Frazão - 111

Maria da Glória Sá Rosa - 117

Raquel Naveira - 123

Reginaldo Alves de Araújo - 133

Rubenio Marcelo - 139

Valmir Batista Corrêa - 153

Wilson Barbosa Martins - 161

Concurso de Contos Ulisses Serra . 167

Premiados no Concurso . 169

Relação dos Acadêmicos . 185

HOMENAGEM



José Couto Vieira Pontes

José Couto Pontes nasceu em Três Lagoas (MS), em 1933. É juiz de direito aposentado. É advogado e foi professor. É um dos fundadores da Academia de Letras e História de Campo Grande (1971), antecessora da Academia Sul- Mato-Grossense de Letras. Foi seu presidente de 1972 a 1982. É autor de DESTE LADO DO HORIZONTE (1972, contos), JORGE LUÍS BORGES, A ERUDIÇÃO E OS ESPELHOS (1976, ensaio) e HISTÓRIA DA LITERATURA SUL-MATO-GROSSENSE (1981). É escritor contista premiado nacionalmente.



“As academias, a despeito de suas fraquezas e imperfeições – quem não as tem? – estão fadadas, nos seus momentos de mais acentuada autenticidade, a preservar a cultura, a tradição e a história de um povo. Não há civilização alguma sem o trabalho de seus poetas e escritores.”

José Couto Vieira Pontes



JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES

Por: Maria da Glória Sá Rosa

A consciência da fragilidade das coisas é marca do escritor José do Couto Vieira Pontes, que se vale da palavra para eternizar o que nem a própria memória é capaz de resguardar.

Tudo se afasta, tudo nos deixa, conforme afirma Jorge Luís Borges. Apenas a escrita fabrica sua própria moeda e com ela deixa registrada em livros a história de civilizações consumidas pela poeira do tempo.

O espaço ilimitado do signo gráfico é a janela por onde filtra pensamentos e emoções. Movimentando-se com facilidade nos mais diversos gêneros, descobriu no conto os caminhos da síntese, do humor e da ironia, que permeiam suas criações. A originalidade das aberturas, os encerramentos abruptos de narrativas curtas lembram Guy de Maupassant e outros ficcionistas latino-americanos que situaram em ambientes oníricos personagens brotados da irreabilidade reconstruída pela fantasia. Cores e acontecimentos crescem de importância aos olhos dos leitores por meio da narrativa ágil, fluida com que analisa fatos, que surpreendem pela novidade da informação. Contar histórias, que ganham novo sabor a cada nova leitura, é seu passatempo predileto.

A paixão pela palavra levou-o à desconstrução da obra de Jorge Luís Borges no ensaio *Jorge Luís Borges: a erudição e os espelhos*, na qual dissecou as obsessões do genial autor argentino, que utiliza fábulas e símbolos, na construção da própria autobiografia.

Outros ensaios têm a marca de quem busca nas raízes o resgate da história. Por ocasião do vigésimo aniversário da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, de que é um dos fundadores, imprimiu

no texto *“Os 20 anos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras”* o transcorrer dos anos de uma instituição que resistiu ao embate das lutas, quando centenas de outras entidades culturais desapareceram com o passar dos anos.

Articulista lúcido, dotado de palavra fluente, tem centenas de artigos sobre os mais variados assuntos publicados em revistas e jornais do Estado e do país. Escrever é sua maneira de manter a juventude, de resistir ao tempo, para transformar a Literatura no sonho do eterno.

Depois de longos anos de pesquisa em que percorreu bibliotecas, livros, arquivos, jornais, registrou a Literatura do Estado, na obra *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, fonte obrigatória de consulta para quem queira conhecer não só os primórdios de nossa história literária, mas a produção atual. A primeira edição, há muito esgotada, precisa ser reproduzida e ampliada numa segunda, a fim de que a juventude e o público em geral acompanhem o discurso coerente e competente de um dos desbravadores dos caminhos de nossa prosa e poesia.

Para José do Couto Vieira Pontes, a Literatura sempre se manterá viva, apesar de sua morte ter sido continuamente decretada, pois dentro dela continua cada vez mais intensa a sede de infinito que nenhuma força de mercado pode saciar.

Referência:

ROSA, Maria da Glória Sá. **A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus construtores**, pag. 171 e 172, Ed. Life, 2011.



TEXTOS DE JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES

Parabéns, Academia de Letras!

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras está completando quarenta anos de existência.

Lembrar a data de sua fundação, 30 outubro de 1971, é motivo de júbilo e orgulho para todos os que amam este rincão abençoado do Oeste Brasileiro.

Escrever toda a história de nosso sodalício, com todas as datas e detalhes relevantes, importaria já em escrever uma enciclopédia.

Com efeito, ao longo destas quatro décadas, a Academia de Letras de Mato Grosso do Sul cobriu-se de glória, seja pela repercussão nacional de suas promoções culturais, seja pela produção literária de alto nível cultural, elogiada por renomados escritores nacionais, como Austregésilo de Ataíde, Lígia Fagundes Teles, Hernani Donato, Henrique L. Alves, e outros.

O embrião da entidade foi o vitorioso lançamento da consagrada obra de Ulisses Serra, “Camalotes e Guavirais”, no dia 13 de outubro de 1971, no saguão do Hotel Campo Grande, uma noite de autógrafos inesquecível, jamais vista em nosso Estado, nos padrões de Rio de Janeiro e São Paulo.

Dezessete dias depois, o confrade Ulisses, numa manhã cheia de sol e cânticos de pássaros, convidou o poeta Germano Barros de Souza, coronel-médico do Exército Brasileiro, tendo sido Diretor do Hospital Militar de Campo Grande, bem com o autor destas linhas de saudade, e seguimos todos para a Estância Gisele, de propriedade de

Ulisses, a 10 km da cidade, na rodovia que demanda São Paulo, num Opala Vermelho.

Em seu precioso livro “A Fascinante Natureza Humana”, nosso confrade, grande cronista, Heliophar Serra lembra o dia do nascimento da nossa Academia, na beleza daquele ambiente bucólico.

Ulisses serviu um lanche, com refrigerantes, tudo preparado por um atencioso caseiro.

Quando o bate-papo literário já prosperara bastante, Ulisses subiu num caixote e disse aos companheiros:

“A Academia de Letras e História de Campo Grande está fundada”.

Nascia, assim, o nosso areópago, à sombra do arvoredo, como no Jardim de Academos, na Grécia Antiga.

Nessa histórica reunião, Ulisses Serra recitou versos de seu pai, o notável poeta Arnaldo Serra, autor do livro *Aromita*; Germano, profundo conhecedor das letras nacionais, declamou poesias de seus vates preferidos, inclusive Júlio Salusse; eu me lembrei de Vicente de Carvalho e Augusto dos Anjos, não me esquecendo de “Palavras ao Mar”, do primeiro.

A instalação oficial da entidade deu-se no dia 13 de outubro de 1972, no saguão do Hotel Campo Grande, às 20 horas, presentes altas autoridades e figuras de destaque, no mundo literário, como o escritor e acadêmico Ivan Lins, representando a Academia Brasileira de Letras; Hernani Donato, Presidente da Academia Paulista de Letras; Paulo Coelho Machado, representante do Governador José Fragelli; Hugo Pereira do Vale, da Academia Mato-Grossense de Letras, de Cuiabá; o General Reynaldo Mello de Almeida, Comandante da 9^a. Região Militar; General Heitor Luis Gomes de Almeida, Comandante da 4^a. Divisão de Cavalaria; o Cel. Agostinho Perlingeiro Perissé, Comandante da Base Aérea de Campo Grande; Dr. Humberto Canale Neto, Presidente da Câmara Municipal de Campo Grande; Dr. Ataíde Neri de Freitas, Juiz de Direito, representando o Poder Judiciário; Assaf Trad, cônsul da República do Líbano; Armando Silvestrini, cônsul da Itália; Dr. Arnaldo Estêvão de Figueiredo, ex-Governador de Mato Grosso; Cel. José de

Oliveira Lavor, da 9^a. Região Militar; Horácio Lemos, do comércio e pecuária de nosso Estado; Sras. Constança Corrêa Serra, ao lado dos netos Gisele e Noninho.

Após a solenidade, houve um banquete no Rádio Clube (cidade), no qual o acadêmico Hugo Pereira do Vale proferiu substanciosa e comovente oração alusiva ao evento.

Na memorável noite da instalação da Academia, a saudade e a emoção tomavam conta de todos os corações: Ulisses não estava presente. Falecera, no Rio de Janeiro, onde se achava em tratamento de saúde, em 30 de junho de 1972.

Toda a cidade chorou-lhe a perda. A Câmara Municipal, com o esplendor de sua histórica dignidade, desde o Império Romano, velou-lhe o corpo, no saguão, onde os amigos e admiradores, em longa e silenciosa fila, foram levar ao honrado filho, não o último adeus, mas a certeza de que ele viverá eternamente em nossos corações.

A partir de sua fundação, a nossa Academia prosperou. Passaram a integrar-lhe o quadro ilustre figuras de nossa vida literária, como Demóstenes Martins, Otávio Gonçalves Gomes, Antônio Lopes Lins, Pe. Angelo Venturelli, Luiz Sá Carvalho, Licurgo de Oliveira Batos, Inah Machado Metello, Mariano Cebalho, José Maria de Barros Vasconcelos, José Barbosa Rodrigues. Henedina Hugo Rodrigues, Pe. Félix Zavataro, José Fontanilhas Fragelli, Júlio Alfredo Guimarães, Raquel Naveira, Frei Gregório de Protásio Alves, Jorge Antonio Siufi, Abrão Razuk, Maria da Glória Sá Rosa, Paulo Oliveira Corrêa, Rubens de Castro, Oliva Enciso, Rui Garcia Dias, Arassuay Gomes de Castro, Luiz Alexandre de Oliveira, Adair José de Aguiar, Francisco Leal de Queirós, Nelly Martins, Geraldo Ramon Pereira e Lenine de Campos Póvoas, para citar aqui apenas os pioneiros.

No texto do Convite para a solenidade de instalação da Academia, a palavra empenhada de seus confrades e confreriras: “Ulisses, não nos esquecemos de você”. AD IMORTALITATEM.

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras prosperou. Este nome ela adquiriu, no final de 1978, com o advento do novo Estado (Mato

Grosso do Sul), criando pela Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977, decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo ilustre Presidente da República, ERNESTO GEISEL, concretizando, assim, velha aspiração de nossa terra.

A partir de sua criação, nossa Academia editou o Suplemento Cultural, no Correio do Estado, graças à gentileza e ao nobre espírito de seu proprietário, o confrade J. Barbosa Rodrigues, página publicada, até hoje, nas edições de sábado.

Instituiu o Concurso de Contos Ulisses Serra, de repercussão nacional, tanto que um dos primeiros laureados foi o grande contista goiano, Miguel Jorge. Até hoje, todos os anos, o certame é lançado, com ampla divulgação.

Criou as Edições Acadêmicas, para publicação de obras literárias, mormente de membros do sodalício; as Biografias de Patronos, escritas pelos ocupantes das cadeiras da instituição; os Discursos Acadêmicos, periodicamente publicados em livros, contendo as orações proferidas por ocasião da posse de cada acadêmico.

Várias iniciativas foram levadas a cabo, como cursos de Arte Poética, Arte de Escrever e Arte do Conto. Em sua gestão, o saudoso confrade Elpidio Reis criou a Campanha “A Academia nas Escolas”, com centenas de palestras em todo o Estado.

Nossa Academia manteve, a partir de sua fundação, com instituições congêneres de todo o país, intenso intercâmbio, com a remessa de livros e revistas e visita de renomados escritores a Campo Grande. Seu trabalho foi e vem sendo elogiado em todas as instituições culturais do país. O Presidente Francisco Leal de Queirós, em setembro de 2003, lança a revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, uma verdadeira antologia com a colaboração escrita pelos acadêmicos, em prosa e verso, além de um noticiário com fotografias.

No dealbar de suas atividades, a Academia realizava reuniões, promovidas mensalmente na residência dos acadêmicos, com coquetel. Depois, a instituição instalou-se em vários locais, até que o saudoso confrade Luiz Alexandre de Oliveira destinou, em testamento, sua re-

sidência, na Rua Rui Barbosa nº 2624, centro de Campo Grande, para sede da Academia, onde até hoje se acha, desde 1º de Outubro de 1999.

Substituindo as reuniões domiciliares referidas acima, o atual Presidente da nossa instituição acadêmica, Reginaldo Alves de Araújo, no cargo há 7 anos, implantou, na última segunda-feira de cada mês, às 18 horas, na sede, o Chá Acadêmico, onde se acha o acervo bibliográfico, os pertences históricos do sodalício, local de realização de palestras de escritores e intelectuais convidados.

Quarenta anos de existência. A sabedoria popular, fonte de tantas obras literárias, chegou à conclusão de que “A Vida Começa aos Quarenta”.

Muito bem. Fecunda em todos os sentidos, desde o início de suas atividades culturais, a nossa Academia continua e continuará na luta.

Em todos os períodos de sua existência, foram editadas obras de grande envergadura, como recentemente, demonstrando a sua imortalidade, os livros de acadêmicos, dentre outros, “Graal das Metáforas” e “Horizontes d’Versos”, poesias de Rubenio Marcelo; “Aurora e Crepúsculos”, poesia de Geraldo Ramon Pereira; “As Flores que não morrem”, de Heliophar Serra; “Águas do Povo”, crônicas de Reginaldo Alves de Araújo; “Poesia pra que te quero”, de Américo Calheiros.

Além dessas produções literárias citadas, duas a seguir mencionadas são muito gratas aos nossos corações, porque retratam e analisam, com acuidade, própria das interpretações profundas da arte literária, as contribuições dos autores que traçaram o panorama sul-mato-grossense, nesse campo da inteligência humana.

São elas: “A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores”, de Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira, lançada neste ano, em que são analisadas as obras de vinte e cinco autores de nosso Mato-Grosso do Sul; e “Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense”, de Guimarães Rocha, também editada neste ano, contendo, o estudo e interpretação das contribuições literárias dos autores de Mato Grosso do sul.

Parabéns, Academia Sul-Mato-Grossense de Letras! Muitos anos de Vida!

Esta é a saudação dos simples, dos humildes, dos que trocam as riquezas materiais pelo aperfeiçoamento da cultura e enriquecimento do espírito.

Não foi em vão o seu maravilhoso sonho, Ulisses. Sabemos, com nossa fé cristã, que você, das galerias da Eternidade, está participando de nossa alegria, nesta hora de comovente lembrança, a par do contentamento pela conservação e cultivo de seu sublime ideal.

SIC ITUR AD ASTRA, diziam os gloriosos romanos. Na verdade, ASSIM SE VAI AOS ASTROS.



A Academia de Letras

Dia 13 de outubro de 1971. Vinte horas. Saguão do Hotel Campo Grande. Inicia-se uma cerimônia literária jamais vista em todo o Estado de Mato Grosso, mesmo em Cuiabá, famoso centro de cultivo das letras: uma noite de autógrafos nos moldes de Rio e São Paulo. O intelectual e tabelião Ulisses Serra autografa seu livro de crônicas do passado campo-grandense, “Camalotes e Guavirais”. Nenhuma pessoa, de algum modo ligada à arte literária, pelo amor à leitura ou pelo cultivo das letras, conseguiu ficar em casa.

Finda a solenidade, altas horas, muitos dos que saem não podem avaliar que, muito mais do que uma festa a mais, o evento literário breve desencadearia, em nosso meio, uma verdadeira revolução cultural. Na verdade, pondo em prática paciente plano, Ulisses Serra consegue convocar os cultores da literatura em tertúlias semanais. Recrudescer o interesse pelas letras. Lavra-se a primeira ata da nascente Academia de Letras e História de Campo Grande, redigida com a letra inconfundível do primeiro presidente da entidade: Ulisses Azul de Almeida Serra. Subscrevem-na apenas três acadêmicos.

Daí a alguns meses, o número de integrantes chega a quinze, depois a vinte. Funda-se o Suplemento Literário no “Correio do estado”, editado até hoje, sem interrupção. Surgem as Edições Acadêmicas, no afã de criar uma biblioteca sul-mato-grossense, destinada a conservar e preservar os fatos de nossa história, seu folclore, sua tradição e suas obras de literatura mais representativas.

Em 13 de outubro de 1972 – ironia da vida – sem que ninguém, de início, desse pela coincidência, no mesmo local, justamente um ano depois do lançamento de “Camalotes e Guavirais”, instala-se solenemente a Academia de Letras e História de Campo Grande.

Noite memorável, discursos eruditos. Mas um grande vazio: Ulisses não está presente. Ele assiste a tudo das galerias da eternidade e sabíamos que ele estava feliz. No convite para a solenidade, a nossa palavra honrada: “Não nos esquecemos de você, Ulisses”.

Hoje transformada em Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, orgulha-se nossa entidade literária máxima de ter sido precursora da criação do estado de Mato grosso do Sul, no sentido de que colaborou para a geração de condições culturais, valorizando a contribuição intelectual como esteio de implantação de um novo Estado.

A instalação da Academia favoreceu, ainda, o interesse pelas artes de um modo geral, nascendo de seu exemplo novas entidades artísticas e culturais em nosso meio; despertou na mocidade o interesse pela coisas do espírito, e ainda serviu de estímulo ao intercâmbio com entidades congêneres do país, tornando a nossa terra, nossa cultura e a nossa tradição, conhecidas em outras unidades da Federação.



A Poesia de Rubenio Marcelo

*“Se a Poesia é a essência da vida,
Como exprimi-la em palavras?”
(Gibran Kalil Gibran)*

O notável poeta libanês, ora epigrafado, confirma a sabedoria dos romanos, quando afirmavam, com a precisão de seus conceitos “OMNIA DEFINITIO PERICULOSA EST”.

Sim, toda definição é perigosa, principalmente quando se pretende exprimir os sentimentos humanos e a beleza, fazendo uso de

metáforas, contradições e o poder oculto mesmo das coisas materiais, como a lembrar o estro maravilhoso de Virgílio: “SUNT LACRIMAE RERUM” (São as lágrimas das coisas).

Henriqueta Lisboa, expressão máxima da poesia mineira, que admirava Dostoievski, os simbolistas franceses e brasileiros e os modernistas italianos, portugueses e brasileiros, elogiada por Sérgio Milliet e Antônio Cândido, acentuava sempre: “A Poesia não se define, é definidora”.

Tais considerações iniciais assomam à minha mente, diante da produção poética de nosso confrade RUBENIO MARCELO, escritor, poeta e Secretário-Geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, reunindo, assim, produção e trabalho em prol da Literatura, que, segundo o grande André Malraux, “é a honra da humanidade”.

Após a publicação de seis obras literárias, além de assídua colaboração em jornais e revistas, RUBENIO MARCELO lançou “GRAAL DAS METÁFORAS”, sonetos e poemas, com apresentação de Enilda Mougenot Pires, e prefácio de Jorge Antonio Siufi, ambos membros de nossa Academia de Letras.

Segundo uma tese que sustentei, quando universitário, no Rio de Janeiro, na revista “A Época”, a obra poética é constituída de três elementos: Imaginação, sensibilidade e construção.

No livro de Rubenio Marcelo, estes três componentes não só se acham presentes, como também explorados, com muita originalidade.

Na verdade, há, nessa obra, uma incessante busca dos fascinantes mistérios da Poesia, que muitos estudiosos da matéria consideram até mesmo quase insondáveis.

Daí, a necessidade de talento e maestria para alcançá-los e percuti-los.

No chá acadêmico promovido pelo nosso sodalício, na sede da entidade, no dia 29 de junho passado, o estudioso acadêmico Abílio Leite de Barros pronunciou uma substanciosa palestra a respeito do tema “Poesia e Razão”, citando produções de Olavo Bilac, Garcia Lorca, Raimundo Corrêa e outros bardos, não se esquecendo da contribuição valiosa de Freud.

Não há negar tenha sido muito feliz nessa conquista o nosso poeta Rubenio Marcelo.

Velho adágio assevera: “Os bons perfumes são embalados em pequenos frascos”. Eis uma prova dessa afirmação nos versos de Rubenio Marcelo:

“A música faz relembrar
Momentos de afeição,
Etapas da nossa vida,
Pessoas que não estão...
Lembranças que nos adornam,
Saudades que só retornam
Nas asas duma canção”.

Os grandes poetas jamais resistiram ao encantamento do mar, como Vicente de Carvalho, em “Palavras ao Mar”, ao exclamar: “Ó mar de nossas praias solitárias”, ou chamá-lo de “amargo confidente”, e ainda Virgílio, Camões e Fernando Pessoa, dentre outros. Rubenio sentiu-o assim:

AH, O MAR!
Eu tenho fascínio pelo mar
Como domar
O bulício azulíneo
Das águas,
Seus mistérios,
Verdes mágoas?
Estrelar flertam o luar
Nas ondas...
Sereias querem amar
No mar
Sou um pingão d’água
E me sinto marulhar...
Ah, o mar
É tanto
Infinito encanto...

De mar a mar
Saudade e acalanto
Remate e antecanto
Enlevo ultramar
Ah, o mar!

Renomados mestres da Literatura destacaram os méritos do poeta Rubenio Marcelo, não só os de Mato Grosso do Sul, como Maria da Glória Sá Rosa, Raquel Naveira, e os já mencionados no início deste trabalho, mas também os de outras regiões do país, e mesmo do exterior, como críticos literários da Argentina e da Espanha.

Para encerrar, fiel às palavras do genial GIBRAN, e diante de tantos mistérios e beleza, só poderia mesmo transcrever um terceto final do soneto JESUS, MEU ABRIGO:

TORRENTE ETERNA DE LIBERTAÇÃO,
SENHOR JESUS, SÓ TU ÉS CLARO ABRIGO.
Ó CRISTO, ESTOU FELIZ... ESTÁS COMIGO!

COMEMORAÇÃO



A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e seus 40 anos de fundação

Parabéns a você, Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, pelos seus 40 anos de fecunda atividade!

Por: Geraldo Ramon Pereira

Parabéns a você, Academia Sul-Mato-Grossense de Letras – pelos seus 40 anos de fecunda atividade!

No dia trinta de outubro comemora-se a data de fundação desta que é a mais legítima e proeminente entidade cultural de Mato Grosso do Sul.

“No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo... E disse Deus: Haja luz. E houve luz.” – *Gênesis 1.1-2*.

E para que mais luz houvesse em Campo Grande, Deus criou Ulisses Serra. E Ulisses Serra gerou a “Camalotes e Guavirais”, esplêndida coletânea de crônicas, cujo livro, lançado em noite de autógrafos no dia 13 de outubro de 1971, gerou o reconhecimento e fomentou a admiração das pessoas mais sensíveis pela arte literária local. E todos louvaram

aquele autor, o messias das letras regionais que, na pág. 10 daquela 1ª edição, trescalou, em poucas palavras, toda a singularidade de sua formação cultural e natureza divinamente poética: - *“Se eu morrer alhures, onde quer que seja, morrerei um exilado e um proscrito de mim mesmo. Como sucedia aos antigos egípcios, minha alma, aflita e errante, esvoaçaria pelo Infinito, sem nunca encontrar abrigo. Aqui não morreria de todo. Ouviria o passo e a voz dos meus amigos, o gorjeio dos pássaros que amo, o farfalhar das frondes que conheço e o bater do coração da minha casa”*.

Pois quis o destino que Ulisses morresse alhures, longe da terra e da gente que amava e sem ouvir o coração de sua casa! Adormeceu o sono eterno no dia 30 de junho de 1972, na longínqua Rio de Janeiro, mas não sem antes haver realizado o maior sonho de sua vida, no âmbito literário: fundar uma Academia. A ideia, lançada na memorável noite de autógrafos de Camalotes e Guavirais, pelo amigo e contista José Couto Vieira Pontes, entusiasmou-o a tal ponto que, dezessete dias depois, ou seja, no dia 30 de outubro de 1971, ao lado daquele e de outro amigo e grande sonetista – Germano Barros de Souza – Ulisses declarou: *“A Academia de Letras e História de Campo Grande está fundada!”*.

Tal fato histórico aconteceu num sábado de manhã, na sombra de uma árvore da “Estância Gisele”, propriedade do fundador, cujo brado emanou-se-lhe do eufórico coração e foi ecoar nos semblantes iluminados dos dois companheiros, que o aclamaram com risos iluminados de emoção.

Não tardou que intelectuais conhecidos viessem a participar de futuras reuniões literárias na residência do próprio Ulisses Serra, advindo daí as adesões de novos membros, como Demosthenes Martins, Hugo Pereira do Vale, Antônio Lopes Lins, Licurgo de Oliveira Bastos, José Barbosa Rodrigues, Inah Machado Metello, Paulo Coelho Machado e tantos outros.

E eis que a borbulhante nascente, projetando-se já como bravo regato, vai ganhando terreno propício e paulatinamente engrossa seu caudal com magníficos afluentes, cujas águas - turbulentas de entusiasmo, idealismo e saber - acabam por formar este enorme rio cultural que hoje se chama Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Sem fins lucrativos, reconhecida e legalizada a níveis governamentais, nossa Casa de Letras integra-se ao processo de formação intelectual, moral e cívica da nossa gente, à qual oferece cursos de cunho literário, como os de poética e redação de contos e crônicas; palestras nas escolas; participação em concursos literários... Além de angariar livros, através de doações, para o enriquecimento de sua própria Biblioteca (aberta ao público), a Academia oferece compêndios para a fundação ou manutenção de Bibliotecas em outras entidades, principalmente escolas. E muito mais.

Se nada ganhamos em termos de remuneração pecuniária pessoal (pelo contrário, contribuímos com uma anuidade para manutenção), nosso sodalício - além do apoio complementar de alguns de seus membros (nossa sede própria é uma doação do saudoso confrade Luiz Alexandre) e mesmo de outras pessoas que preferem o anonimato - nosso sodalício vem recebendo também o apoio de órgãos como a Prefeitura Municipal de Campo Grande e Governo Estadual, bem como do *Jornal Correio do Estado*, cujo diretor, Prof. J. Barbosa Rodrigues, membro da Academia, além de outras contribuições, ofereceu gentilmente uma página do seu diário (Suplemento Cultural) para a divulgação semanal – aos sábados – dos nossos trabalhos e notícias acadêmicas.

Enfim, é à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras que pertencem reconhecidos nomes da nossa literatura, como José Couto Pontes, Maria da Glória Sá Rosa, Jorge Antonio Siufi, Helio Serejo, Paulo Coelho Machado, Acyr Guimarães, Elpidio Reis, Rubenio Marcelo, José Pedro Frazão, Hildebrando Campestrini, Raquel Naveira, Adélia Menegazzo, Guimarães Rocha, Augusto César Proença, Reginaldo Araújo... e outros tantos, cujos nomes, por falta de espaço, preservo escritos na memória da admiração.

Por tudo isso, os acadêmicos da “Casa de Ulisses”, em sessão a um tempo solene e informal, comemoraram recentemente, na noite de 03/11/2011, o quadragésimo aniversário de sua fundação (ocorrida em 30/10/1971). O grande evento, que aconteceu no auditório lotado na Assembleia Legislativa de MS (Plenário) – Parque dos Poderes, Campo

Grande/MS – teve início às 19h45min e, na ocasião, a ASL fez a entrega do *Título de Benemérito da Cultura Sul-Mato-Grossense* ao Deputado Jerson Domingos, que foi saudado, em nome da Academia, pelo acadêmico Rêmolo Letteriello. Aconteceu também, na memorável noite, a sessão solene de posse da nova Diretoria da ASL, (para o triênio compreendido entre 2011/2014), que ficou assim composta: Presidente – Reginaldo Alves de Araújo; Vice-Presidente – Abrão Razuk; Secretário-Geral – Rubenio Marcelo; Secretário – José Pedro Frazão; Tesoureiro - Francisco Albuquerque Palhano; e Segundo-tesoureiro – Enilda Mougnot Pires. A eleição foi por aclamação unânime, em Assembleia Geral, realizada na sede do Sodalício, e consonante às normas estatutárias.

Várias autoridades, de diversos setores da sociedade, além de órgãos da imprensa (jornais e TV), compareceram e prestigiaram a concorrida cerimônia, que foi contagiada com aquele eufórico contentamento que traduz a satisfação pela consciência do dever cumprido, pois são quarenta anos de existência e de serviços em prol da Arte e da Cultura sul-mato-grossenses e brasileiras – quicá universais!



Aos 40 anos de Resistência Cultural da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Por: Maria da Glória Sá Rosa

O sonho é a realidade vestida com a dourada pele do desejo humano.

Hélio Peregrino

O sonho é a matriz profunda, a estrutura a partir da qual brotam as letras, as artes, as culturas, que desaguam num oceano simbólico de transformações sociais e liberdades coletivas.

Foi graças ao sonho de um grupo de arrojados idealizadores, que acreditavam no milagre da vida, de que fala Manuel Bandeira, que nos idos de 1970 surgiu a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Mato Grosso do Sul fazia parte do Mato Grosso Uno e em Campo Grande a vida intelectual ensaiava seus passos nos jornais, nas reuniões acadêmicas, no esforço solitário dos que acreditavam na cultura como o discurso da linguagem e da ação, capaz de mover vontades e transformar sociedades.

Para falar desse trajeto de sonhos e coragem de derrubar preconceitos, mergulho nas ondas da poesia, porque a palavra poética é o único signo capaz de nos guiar com segurança na encruzilhada das recordações.

Embora, como bem afirma Guimarães Rosa, contar seja muito dificultoso, visto que “as lembranças vertem e reverterem como cartas de baralho”, sigo o poeta Manoel de Barros que tem dias de ler avencas e outros de ler Proust. Estou hoje em meu dia de releitura de Marcel Proust.

Colho em Murilo Mendes “todas as rodas do mundo rodando desde o começo da roda até a consumação final dos tempos rodando” para falar das incríveis transformações a que somos submetidos no redemoinho da vida. Recorro a Vinícius de Moraes, quando busca um caminho “para qualquer lugar, enquanto segue ao sabor de todos os ventos”, pelos quais Manuel Bandeira se sentia varrido, embora sua vida ficasse cada vez mais cheia de tudo. Encontro em Cecília Meireles a exortação da passagem das horas no lamento “vai correndo, fonte pura, não mires quem te bebeu” e finalmente visito Camões:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Esses versos, que reforçam o que disse Gregório de Matos, segundo o qual a única coisa permanente num mundo de mudanças é a instabilidade, vêm-me à cabeça no momento em que saúdo os 40 anos

da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras pela sua participação nas transformações, que marcaram a história do Estado, nessas quatro décadas, que presenciaram o nascer e o fenecer de incontáveis esperanças.

Sem medo de errar, afirmo que entre as inúmeras instituições, que perderam os traços essenciais, ou simplesmente desapareceram, a Academia é dos raros órgãos oficiais, que permaneceram, sem se deixar deformar pelos vendavais do tempo, crescendo para melhor e fazendo crescer os que dela participam.

Criada para a missão de estimular e valorizar a literatura, a Academia em seus primeiros tempos sobreviveu graças à garra de um grupo de idealistas, que, contando apenas com a ajuda do talento e a confiança no próprio valor, ergueram pedra por pedra, tijolo por tijolo o edifício das letras sul-mato-grossenses.

Desde o início, o grande objetivo da Academia foi o trabalho com a palavra, a reinvenção dos seres e das coisas por meio da linguagem.

Dessa forma, cada acadêmico se sentiu estimulado a produzir, a escrever poemas, contos, romances, livros de crítica literária, obras de conteúdo histórico, jurídico e psicanalítico. O Suplemento Cultural do Jornal Correio do Estado e as revistas acadêmicas têm sido nesses 40 anos o espaço garantido das publicações acadêmicas.

Ao saudar o aniversário da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, presto inicialmente minha homenagem aos fundadores Ulisses Serra, José do Couto Vieira Pontes e Germano Barros de Sousa, que acreditaram no sonho e fizeram dele sua arma de conquista e resistência ao tempo.

Saúdo todos os que ajudaram e ajudam a construir o discurso, que a mantém viva, tecendo ponto por ponto a teia de ideias e emoções de que é feita a literatura sul-mato-grossense.

Dirijo de forma simbólica esta homenagem ao dinâmico escritor Reginaldo Alves de Araújo que, como Mario de Andrade, não quer ser apenas um, mas duzentos, trezentos na tarefa de introduzir novos ritmos na presidência, lutando bravamente pela construção da futura sede da Academia, atualmente seu grande objetivo.

Tendo eliminado de seu repertório as palavras descanso, sossego, convoca os acadêmicos a abrir novos rumos nas artes e das letras, a fim de que Mato Grosso do Sul caminhe integrado à dinâmica da vida cultural brasileira e universal.

“Tudo passa”, dizia o padre Manuel Bernardes. O que o espírito constrói é imorredouro e ajuda a projetar o presente no futuro. Hoje, a Academia ostenta em seu currículo, além de centenas de obras publicadas, os concursos de contos, os chás acadêmicos, as palestras em escolas e universidades, os lançamentos de livros. Conta, sobretudo, com a solidariedade de seus membros, que resistem a todos os combates lutando, como queria Drummond, com palavras, na certeza de que o tempo não murchou e não nos diluímos.

Clara manhã, obrigado!
O essencial é viver.



Odisseia Guaicuru (Reprise)

(Escrito em 2008, este texto original do acadêmico José Pedro Frazão dialoga, pela sua atemporalidade, com o momento em que celebramos os 40 anos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. O autor exalta dois imortais do nosso Sodalício: o fundador Ulisses Serra e o seu irmão Heliophar de Almeida Serra, ambos saudosos e com significativa parte da vida dedicada à nossa ASL. Daí a razão por que – nesta ocasião especial – reprisamos a imortalíssima “Odisseia Guaicuru”)

Odisseia Guaicuru (Reprise)

Por: José Pedro Frazão

Convidado gentilmente pelo secretário-geral da Academia a elaborar um texto acerca do tema principal desta edição da nossa Revista, condicionei tal propósito à condescendência do ilustre leitor e da erudita comissão editorial desta que já se tornou o mais destacado periódico da modalidade, por haver entre nós muitos acadêmicos mais dignos e merecedores desta insigne e honrosa missão.

Ante a temática alusiva ao aniversário do nosso Sodalício Literário, assaltou-me a ideia de consultar os oráculos da cultura, no afã de encontrar novos e pitorescos fatos relacionados ao vulto do nosso laureado e saudoso fundador da Casa, Ulisses Azuil de Almeida Serra. E diante da dificuldade da tarefa, haja vista já ser de conhecimento público toda a essência da vida do homenageado, pautei entrevistar o seu irmão, desembargador e cronista Heliophar de Almeida Serra, nosso confrade e autor de obras memoráveis, como *A fascinante natureza humana*, *Fragments do cotidiano* e *As Flores que não morrem*.

Farta e rica fonte para a matéria seduzia-me, sorrindo, em Aquidauana, à Rua Marechal Mallet, 606, bem ao lado da casa onde nasceu um dos maiores dramaturgos brasileiros, o também estimado e saudoso Rubens Alves Correa. E o meu instinto jornalístico, acertada e preguiçosamente, elegera esse reduto dos Serra como o manjar dos deuses da notícia.

Bastou um telefonema e logo um gentil e caloroso abraço de Heliophar me acolheu em sua inspiradora morada, para a entrevista, que fluiu proveitosa e deleitavelmente graças à simpatia, à cultura e à peculiar e invejável lucidez do queridíssimo e nonagenário acadêmico.

Enquanto ouvia histórias sobre Ulisses Serra, mormente as aventuras beletristas do autor de *Camalotes e Guavirais*, tecidas com moderado ufanismo consangüíneo do anfitrião, meu pensamento vagava furtivamente por algum lugar da longínqua Grécia, levado pela

feliz e coincidente associação do nome do nosso personagem ao do seu famoso homônimo revelado por Homero em seus fantásticos poemas épicos *Iliada* e *Odisséia*.

Escutava Heliophar e Homero ao mesmo tempo, vindo o límpido e onírico desaguar do Aquidauana no Mar Adriático e um gigante cavalo guaicuru adentrar as muralhas de Tróia. Ali, moldados ocultamente ao ventre do excomunal alazão pantaneiro, o astuto Ulisses e seus soldados escreviam a sentença letal do incauto inimigo.

Por aqui, o relato sobre a odisseia de Ulisses Serra, libertando a nossa literatura dos grillhões do esquecimento, culmina quando este, em companhia de mais dois leais escudeiros (o contista José Couto Vieira Pontes e o sonetista Germano Barros de Souza), fundamenta seus ideais artísticos e historiográficos, criando, em 30 de outubro de 1971, a Academia de Letras e História de Campo Grande, que logo se expandiu com o advento do Estado de Mato Grosso do Sul, recebendo a denominação atual.

Desde os anos setenta, o cenáculo da nossa literatura tem se destacado entre as muitas tertúlias que se reúnem nas românticas e loiras noites da Cidade Morena. Dívida eterna que temos para com Ulisses – corumbaense que adotou Campo Grande como sua terra amante, para cantá-la em verso e prosa como ninguém jamais o fez. O homem gentil, o político reto, o escritor inteligente, o poeta ourives, o amigo sincero, o cidadão exemplar, tudo isso é detalhe que ilustra a grandeza do filho de Arnaldo e Júlia, o nosso inexplicável Ulisses guaicuru.

A figura impar do Ulisses de Homero, herdeiro de Laertes, rei da Ilha de Ítaca, ainda me prendia em Troia enquanto o eloquente Heliophar desfilava com galhardia a história e a qualidade erudita e apaziguadora do irmão, que, dentre os nove da família, era o mais virtuoso intelectualmente; às vezes, temperamental, mas de tamanho equilíbrio e sabedoria que se tornara naturalmente líder e conselheiro de seus amigos, familiares e simpatizantes.

Muito embora o nosso Ulisses fosse mais humano e mais humilde que o grego, a essa altura, ambos se fundiam em minha retina, encan-

tada pelas helênicas sereias dos mares de Posóidon, tanto quanto pela flauta do deus Pã – que protegia a fertilidade dos camalotes e guavirais pantaneiros do uno Mato Grosso.

Ulisses de Homero é o guerreiro e diplomata que convence Aquiles a tomar parte da guerra de Tróia, derrota Príamo (rei troiano) e se lança ao mar de volta para os braços de sua gente e de sua família, tendo antes que enfrentar as maiores provações destinadas a um herói soberbo. Ele não teme aos deuses, ninfas, sereias, feiticeiros, ciclopes gigantes e procelas, mas nos ensina que a vida é uma eterna batalha, que o homem não é uma ilha e que o vencedor é aquele que nunca desiste de seus sonhos.

Neste lado pacífico do Atlântico, em pleno paraíso pantaneiro, de terras mágicas e não menos sedutoras com suas inigualáveis belezas naturais, a bravura e a maestria de um jovem escritor faziam a sua história de luta em prol da cultura de sua gente. Vencedor de muitas batalhas do conhecimento, o nosso guerreiro cujo nome de batismo é o mesmo do herói grego, também buscava a sua ilha da fantasia. O seu mar, Xaraés; o seu navio, a chalana; as suas sereias, o imaginário; a sua espada, a palavra; a sua missão, despertar a literatura no coração do pantanal.

Assim, o nosso personagem guaicuru, protagonista de sua própria odisséia, escreveu, ao lado de experientes e abnegados soldados das letras, a mais importante página da literatura sul-mato-grossense. E, feito um aguapé que destemido se desprende dos verdes camalotes, flutua para sempre nos mares de nossa lembrança, enfrentando os desafios do tempo e encantando musas e querubins com a magia de sua palavra.

Com as bênçãos de Atenas, sua deusa protetora, Ulisses de Homero representa para a Grécia, não apenas o herói secular que tanto nos fascina, mas um símbolo da conquista, da reconciliação e da perseverança. Ele é a marca de homem forte, hábil, inteligente e vencedor, capaz de se adaptar aos mais insalubres lugares e de enfrentar as mais difíceis e inesperadas situações.

É o mesmo que representa para nós o Ulisses Guaicuru, patrono fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Escritor

incomum, gênio de escrita rica, rara e formidável em cuja obra traz o balsamo milagroso da arte literária para quem teve a felicidade de sorvê-lo em suas crônicas. É sobre ele que tentei descobrir novidades, porém a sua invejável história é única e irretocável como a do Ulisses grego, demasiadamente explorada, literalmente cantada e decantada pelos melhores escribas.

Todavia, como um repórter que se preza nunca deixa o seu leitor na mão, consegui descobrir algo novo sobre Ulisses Guaicuru: ele não apenas amou sua terra e sua gente de tal forma que os imortalizou em verso e prosa; ele amava as pessoas, os animais, as plantas, a natureza e as letras, com a mesma paixão de seu contemporâneo Charles Chaplin, que diz que “o homem não morre quando deixa de viver, mas sim quando deixa de amar”.

Destarte, perante a evidência de tanta vitalidade e amor que brotam de sua imortal memória, a ponto de declarar não querer “morrer alhures”, mas em sua terra ouvindo amigos e pássaros e o “bater do coração de sua casa”, constatei, também, com a garantia mineira de João Guimarães Rosa, que Ulisses Serra, realmente, não morreu; e como queria, “não morreu de todo”; ele apenas ficou encantado e vive entre nós.



Meu credo acadêmico

Por: Elpídio Reis

CREIO na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras como instituição literocultural criada por um grupo de idealistas com a superior finalidade de cultivar o aprimoramento do idioma pátrio em termos de belas letras, envidando esforços no sentido do engrandecimento de uma literatura regional condizendo com a potencialidade esplendorosa do Estado de Mato Grosso do Sul;

CREIO no trabalho quase sempre anônimo dos membros efetivos do sodalício, que se lançam, dia após dia, na concretização de um ideal traduzido numa entidade de cunho literário, de portas abertas, trabalhando, de dia e à noite, em favor de uma comunidade estadual, sequiosa de proveitoso aperfeiçoamento cultural;

CREIO nas metas adotadas pela Academia, que trabalha gratuitamente através de mais de duas dezenas de itens e formas, em prol da colaboração literária e cultural, sempre tão requisitada por pessoas de todo o Estado já costumadas a ver no sodalício uma instituição disposta a prestar seu quinhão de ajuda e apoio, na conformidade de seus fins estatutários;

CREIO no caminho que a Academia está trilhando, já apontada, em termos de pesquisa nacional, como um sodalício literário que trabalha, de forma contínua com horário certo de atendimento, em favor da comunidade;

CREIO, com justificada esperança, que o trabalho executado pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras acabará servindo de exemplo para que outras Academias de Letras do Brasil também se disponham a abrir suas portas, lançando-se a serviço dos que necessitam de aprimoramento literário e cultural;

CREIO, também, que as autoridades em geral, a quem cabe o amparo constitucional à cultura, à literatura, se decidam, cada vez mais, a apoiar a Academia, que tem como slogan: ajudem-nos para que possamos ajudar;

CREIO, por fim, que a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, que já conquistou o título de a primeira a inovar o método de trabalho dos sodalícios congêneres, continue trabalhando não apenas como cenáculo de aprimoramento literário e cultural de seus membros efetivos, mas sobretudo lançando-se ao trabalho que visa à superior intenção de ajudar o crescimento intelectual da sociedade mais consciente quanto ao seu desenvolvimento no campo das ideias.



Meu tributo à Academia

Por: Rubenio Marcelo

Foi numa sexta-feira, vinte e sete,
Ano dois mil e dois, mês de setembro.
Inesquecível noite... Não deslembro:
Eu e minha emoção, num tête-à-tête.

Rejubilado, ouvi a grã claquete
Do Sodalício que me dava assento.
E logo, em fraternal acolhimento,
Eu fui saudado pelo egrégio escrete.

Em seguida, e contendo a emoção,
Solenemente, alcei minha oração
Perante o silogeu em sãos auspícios...

– Tenho poucos amores nesta vida.
E esta *Casa de Ulisses* consolida
Um destes meus amores vitalícios!



Criação do suplemento cultural

O atual Suplemento Cultural, presente todo sábado no *Jornal Correio do Estado*, é, segundo consta, o suplemento literário mais antigo em circulação jornalística contínua no nosso país.

Sua concepção remonta à reunião da Academia de Letras e História de Campo Grande (pioneira da ASL), em 22 de janeiro de 1972, como registra a ata: “Os confrades Otávio (Gonçalves Gomes) e Couto

(José Couto Vieira Pontes) comunicaram aos presentes que haviam criado um Suplemento Literário no *'Correio do Estado'*, que sairia aos sábados, solicitando colaborações em prosa e verso dos membros da entidade, ressaltando a simpática cooperação do diário dirigido pelo culto e dinâmico homem de letras Prof. J. Barbosa Rodrigues. Esclareceram que o referido Suplemento desempenharia a função de veículo de difusão da cultura campo-grandense.”

Na reunião da Academia realizada em 29 de janeiro de 1972, “os acadêmicos Couto e Otávio apresentaram aos presentes o primeiro número do Suplemento Literário do *'Correio do Estado'* e editado nos dias 29 e 30 de janeiro de 1972, havendo os presentes tecido louvores e elogios à grande iniciativa cultural da imprensa campo-grandense.”

Aquele primeiro número trazia assuntos e temas de obras de ficção – de José Couto Vieira Pontes, que assim concluía o artigo: “Seja como for, criar a literatura de ficção importa nessa busca incessante de situações que não se apresentam simplesmente como um drama corriqueiro, banal, própria de uma reportagem ou de coisa semelhante. Mas sim de situações em que a alma de personagem é sondada em profundidade, seus gestos, suas reações, suas atitudes, em que o ser humano é surpreendido no desempenho, às vezes inconfessável, de sua própria condição.”

Apareciam, no mesmo número, *Eis a amarga questão* (poesia) – de Hugo Pereira do Vale; a poesia *Carro de Boi*, de Otávio Gonçalves Gomes; e *Eu e Quasímoda*, de Rui Garcia Dias. No mundo das letras, notícias de que se destaca a seguinte: “Em grande e produtiva atividade a nascente agremiação literária denominada Academia de Letras e História de Campo Grande – Sábado, dia 25, houve reunião na residência da congreira Dona Inah Machado Metello, no horário regulamentar de 10h às 12h, tendo comparecido os membros Demóstenes Martins, Hugo Pereira do Valle, Otávio Gonçalves Gomes, Sá de Carvalho, Mariano Cebalho, José Couto Vieira Pontes, Oliva Enciso. Lida na ocasião uma carta do confrade Ulisses Serra, dirigida aos companheiros, do Rio de Janeiro, onde se acha em férias. Foram discutidos vários problemas

de interesse da entidade e debatidos temas literários da atualidade”.

Em 1983, o Suplemento Literário passava a denominar-se Suplemento Cultural.

Enfrentando as dificuldades comuns a esse tipo de iniciativa, o Suplemento Cultural vem, nestes gloriosos anos de vida, registrando a trajetória da literatura sul-mato-grossense. Graças à visão pioneira de J. Barbosa Rodrigues e de seus sucessores.

O Suplemento Cultural da ASL é coordenado há muito anos pelo acadêmico Geraldo Ramon Pereira, que – com muita competência e dedicação – organiza cada edição semanal da publicação.

Ao *Correio do Estado*, aos que acreditaram no projeto e aos que vêm colaborando, o agradecimento da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

ASL



NOTÍCIAS DA ACADEMIA

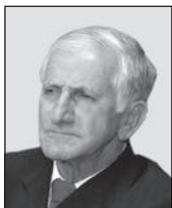


1 - EM ASSEMBLEIA GERAL, ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS ELEGE SUA NOVA DIRETORIA (PARA O TRIÊNIO 2011/2014)

Conforme Edital de Convocação e Cronograma oficial do Processo de Eleição para nova Diretoria, a ASL realizou assembleia geral na tarde de 26/11/2011, com grande presença de acadêmicos do sodalício, sendo que – ao final – foi eleita por unanimidade a chapa regularmente inscrita: “Trabalho e Lealdade”, composta pelos seguintes nomes/cargos:



Presidente:
acad. Reginaldo Alves de Araújo



Vice-presidente:
acad. Abrão Razuk



Secretário-geral :
acad. Rubenio Marcelo



Secretário:
acad. José Pedro Frazão



Tesoureiro:
acad. Francisco Albuquerque Palhano



Segundo-tesoureiro:
acad. Enilda Mougnot Pires

2 - POSSE SOLENE DA NOVA DIRETORIA DA ASL ACONTECE EM CONCORRIDA SOLENIDADE NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MS

A posse solene da nova Diretoria da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras aconteceu no dia 03/11, às 19h45min, no auditório/plenário da Assembleia Legislativa de MS (Parque dos Poderes – Campo Grande), em solenidade bastante concorrida [que foi transmitida ao vivo pela TV Assembleia MS] e prestigiada por autoridades de diversos segmentos da sociedade.

No evento, que marcou também as comemorações do quadragésimo aniversário da ASL, a entidade fez a entrega do Título de Benemérito da Cultura Sul-Mato-Grossense ao Deputado Jerson Domingos, presidente da AL/MS.



Acadêmicos da ASL com o Dep. Jerson Domingos (penúltimo da direita)

3 – EM SESSÃO MAGNA CONJUNTA COM A ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS, A ACADEMIA LAVRENSE DE LETRAS FAZ ENTREGA DO ‘TÍTULO DE MEMBRO CORRESPONDENTE’ AO ACADÊMICO RUBENIO MARCELO

Na tarde/noite de 29 de setembro/2011, no espaço cultural da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (Rua Rui Barbosa, 2624 – centro – Campo Grande) aconteceu a significativa sessão conjunta deste Casa Literária com a Academia Lavrense de Letras, que na ocasião fez a entrega oficial do título de Membro Correspondente ao acadêmico Rubenio Marcelo, que é membro e secretário-geral da ASL, além de Conselheiro Estadual de Cultura de MS.

Fizeram-se presente à concorrida solenidade grandes autoridades e acadêmicos, inclusive o presidente da Academia Lavrense de Letras, acadêmico João Gonçalves de Lemos, e o acadêmico Jeová Batista, também daquele sodalício literário cearense (ambos vindos de Fortaleza especialmente para o evento).

O presidente da ASL, acadêmico Reginaldo Alves de Araújo, enfatizou a importância da sessão e da presença dos imortais da ALL, bem como a outorga do Título ao acadêmico Rubenio Marcelo.



Acadêmicos Rubenio Marcelo (ASL) e João Lemos (ALL)

4 - LANÇADOS RECENTEMENTE, COM APOIO DO FIC/MS, DOIS LIVROS ENFOCAM A LITERATURA SUL-MATO-GROSSENSE

4.1 - “*A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus Construtores*”

da autoria das escritoras Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira: o livro tem prefácio do escritor José Fernandes (Doutor em Letras pela UFRJ e membro da Academia Goiana de Letras). Apresenta 21 escritores e 4 críticos literários do Estado (Escritores: Manoel de Barros, Abílio de Barros, Adair José de Aguiar, Augusto César Proença, Brígido Ibanhes, Cláudio Valério da Silva, Emmanuel Marinho, Flora Thomé, Geraldo Ramon Pereira, Guimarães Rocha, Heliophar Serra, Henrique de Medeiros, José Couto V. Pontes, José Pedro Frazão, Lucilene Machado, Orlando Antunes Batista, Raquel Naveira, Reginaldo Araújo, Rubenio Marcelo, Samuel Medeiros e Thereza Hilcar. Críticos Literários: Afonso de Castro, Marcelo Marinho, Maria Adélia Menegazzo e Paulo Nolasco).



“*Além de cristalizar aspectos existenciais revelados pelos escritores que figuram nesta obra, imprescindíveis a uma análise profunda de componentes intrínsecos às suas produções, este livro de Albana Xavier Nogueira e Maria da Glória Sá Rosa abre caminhos para pesquisas futuras (...)*”, assim afirmou o professor e escritor José Fernandes num dos trechos do seu prefácio.

A acadêmica Maria da Glória Sá Rosa, em texto seu publicado acerca do livro, assim expressou: “*A presente obra, intitulada A Literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores, brotou do desejo de caminhar ombro a ombro com os sujeitos da pesquisa, os criadores de histórias, poemas, contos, numa tentativa de desbravar os caminhos da escrita pela força de depoimentos em que a memória organizou, de forma cronológica, as lembranças definidoras dos traços distintivos de uma literatura multifacetada, onde cabem influências de toda ordem*”.

4.2 - “Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense”, da autoria do poeta e acadêmico Guimarães Rocha. Com 312 páginas, patrocinado pelo FIC/MS, o livro timbra o reconhecimento de grandes vultos da literatura e de admiradores das belas letras, tendo sido prefaçado pelo ilustre acadêmico José Couto Vieira Pontes, e apresentado pelo professor Orlando Mongelli.

Ao passo que Vieira Pontes reconhece no livro de Guimarães Rocha “Um esforço bem sucedido, digno de um grande resultado”, Mongelli escreve que se trata de “Trabalho de vulto, dirigido, com habilidade, perscrutado no mais íntimo dos trabalhos dos denodados acadêmicos”. Já o escritor e acadêmico Américo Calheiros - presidente da Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul, afirma ser uma obra referencial que tem foco centrado na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e seus 40 anos de existência. A obra possui ilustrações feitas a crayon por Fausto Furlan.

O lançamento oficial da obra aconteceu na noite de 04 de agosto de 2011, no Memorial da Cultura Apolônio de Carvalho, na Avenida Fernando Corrêa da Costa (entre Calógeras e 14 de Julho) – Campo Grande/MS.



ANTOLOGIA



**Antologia em prosa
e versos**

(Textos de Acadêmicos)

“A literatura, como toda arte,
é uma confissão de que a vida não basta.”

(Fernando Pessoa)



ABÍLIO LEITE DE BARROS



Nasceu em Corumbá (MS), em 1929. Advogado, professor universitário e pecuarista. Obras: Gente Pantaneira, Uma Vila Centenária, Opinião e Histórias de muito antes, Gente Pantaneira - Crônicas de sua história. Ocupa a cadeira nº 32 da ASL.

Heliophar – como as flores que não morrem

A vida nos roubou um amigo, o saudoso Heliophar Serra. Pequeno, agitado e ainda saltitante aos 94 anos, a vida o levou. Não foi a morte, pois essa sinistra ceifadeira de sonhos, não combina com a alegria do nosso querido Heliophar com “ph”. Ele não morreu, vai ficar em nossa memória, como viveu: amigo sincero, alegre, de quem nunca se ouviu um dito ou um só gesto de agressão a quem quer que fosse.

Quero guardá-lo assim. Mas, infelizmente, não consigo livrar-me da tristeza da sua ausência – isso que a sabedoria do nosso vernáculo chamou de saudade...

Como “As flores que não morrem”, título do seu último livro, Heliophar permanecerá entre nós. Permanecerá como o cronista que, com elegância e beleza soube, em suas obras, registrar os acontecimentos e, com maior talento os pequenos momentos sem grandezas, gestos e recordações.

Escolheu-me como prefaciador desse seu último livro. Claramente senti que era um ensaio de memórias, de saudades, fruto desse incômodo sentimento de finitude da vida. Dele disse: “Não poderia ser de outro modo, pois quando o futuro já nos parece menor o que ficou é não somente maior, mas principalmente mais importante: lá estão nossos amigos, nossos amores, nossas vidas, tudo ameaçado pela condenação do esquecimento. E o esquecimento é insuportável ao homem”.

Mas, como “as flores que não morrem”, parece-me, com clareza, que o nosso amigo Heliophar, por sua obra literária, seu talento, seus exemplos, conseguiu realizar a sua mágica da permanência. Nunca o esqueceremos.



O curral do ponto de vista do boi*

À Raquel Naveira, para sua coleção.

Este espaço, o curral, conheço desde que nasci. Agora post-mortem, vejo-o em todas as perspectivas de uso e destino.

Ele é o oposto da liberdade dos campos. Desde bezerro, acostumado à fatalidade das coisas, tomei-o como parte de nosso modo de viver. Dizem que os homens também têm currais.

Nesses corredores estreitos éramos tocados pelo pavor e medo, determinados por motivos que ignorávamos. Quando pequeno aqui me perdia da vaca-mãe. Colocavam-me em compartimentos de contenção para marcarem-me a ferro em brasa e sinais cortantes nas orelhas. Enfiavam-me drogas pela boca e pela carne. Dizem que os homens também passam em corredores estreitos.

Nesse curral, em dia de fatal importância, sofri, com a costureira surpresa, uma contenção mais forte. Imobilizaram-me e com uma faca cortante arrancaram-me os testículos. Depois entendi que naquele ato, arrancavam-me a vontade, a coragem e a honra. Só os animais são castrados mas, entre os homens, dizem que há castrações morais.

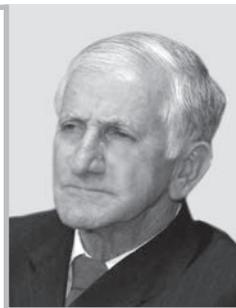
Depois de perder os testículos a vida passou a melhor. Este curral já não me causava medo. Aprendei a aceitar os comandos. Dizem que os homens também amansam. Também desse tempo, passei a ser melhor tratado. Os melhores espaços eram meus, as melhores aguadas, as melhores pastagens, os melhores alimentos. Hoje eu sei que estavam me preparando para o abate. Os melhores tempos da minha vida foram a preparação para a morte.

**Texto de apresentação de uma instalação artística de Mercedes Barros, sob o tema: O curral e o boi – Berlim 1993.*



ABRÃO RAZUK

Nasceu em Campo Grande (MS) em 1940. Advogado. Escreve para jornais do Estado. Publicou as seguintes obras: Enfoques do Direito Processual Civil, e Da Penhora. Ocupa a cadeira nº 18 da Academia, da qual é Vice-Presidente.



Advocacia

Certa feita, um jovem acadêmico de direito perguntou a um advogado já experiente com 40 anos de prática forense o seguinte:

- O que é ser um bom advogado?

Assim respondeu o decano da advocacia:

- O primeiro requisito é a formação educacional, familiar e moral recebida de seus pais, ou seja, a educação construída nos primórdios da vida;

- O segundo requisito é uma boa base do ensino fundamental;

- O terceiro requisito, possuir conhecimento humanístico, técnica de redação e saber expressar claramente suas ideias;

- O quarto requisito, o aprendizado adquirido na Faculdade de Direito através de livros e ao sair dela aprofundar o conhecimento obtido. Ainda, saber interpretar a Lei, fundamentar com base na lógica e estudar os textos legais sob o império do raciocínio;

- O quinto requisito, boa formação ética;

- O sexto requisito, ser vocacionado para o Direito;

- O sétimo requisito, ser leal com seus colegas advogados, promotores e magistrados;

- O oitavo requisito, preparação técnica para advogar com efetiva vivência, com amor à causa que abraçou e não compartilhar com outra

profissão, mantendo a exclusividade da advocacia sem se esquecer de valorizar seu ganha pão, não sendo mercenário;

- O nono requisito, ao pegar a causa, diagnosticá-la verificando se o cliente tem razão ou não e só após baseado em fundamentos sólidos e morais, “vestir a camisa do cliente” distante da traição do mandato sem jamais se olvidar de buscar o melhor resultado. Advogar sempre com inteligência, equilíbrio e sabedoria;

- E o último e décimo requisito: O advogado contemporâneo deve compartilhar suas causas com outros colegas exceto obviamente aquelas que se exige sigilo. O advogado isolado que não troca informações e não mantém constante diálogo com os demais pares esta fadado ao insucesso. A complexidade atual dos conflitos não permite o isolamento, é a vez dos advogados associados, das equipes e das parcerias.

Feito isto quem ganha é a justiça e a sociedade.

Ao encerrar sua carreira, a sociedade diz em alto e bom som: “Este cidadão foi seu advogado essencialmente digno, de grande reputação profissional” e, sobretudo “confiável”.

Se assim você agir, com o tempo terá a reputação merecida e será útil para a sociedade. Isto que eu penso da advocacia, que para mim é a mais bela das profissões.



Crônica da onça pintada

Segundo a Wikipédia, “onça pintada é um mamífero da ordem dos carnívoros, membro da família dos felídeos, encontrada nas regiões quentes e temperadas do continente americano, sendo um símbolo da fauna brasileira; é encontrada no pantanal de MS e MT”. Tenho lido na imprensa que, periodicamente, na região do pantanal, ocorrem ataques de onça em ser humano e em gado e noutros animais. Com o advento da lei protetora do meio ambiente e com a fiscalização da polícia florestal

e do trabalho das ONGS, houve um aumento acentuado desse belo e magnífico animal que tanto admiramos e somos fascinados pelo assunto.

Inclusive, pelas estórias que os antigos contavam das caçadas com cachorros e zagaias, revelava-se grande coragem dos caçadores; mas o panorama mudou como tudo muda e estamos de pleno acordo que a onça pintada deva ser preservada a qualquer custo. Não é só a onça pintada que deve ser preservada, como também os outros animais, aves e peixes, rios, florestas enfim a natureza.

Agora, diante deste fato recente de aumento de ataque da onça pintada, inclusive perto da cidade de Corumbá-MS, como devemos proceder?

Diante do ataque da onça pintada em relação ao ser humano e dos bens semoventes dos empregados e proprietários das fazendas no pantanal, como devemos agir?

É evidente que a caçada da onça pintada é proibida por lei, então o caçador que dolosamente matar a onça pintada, indubiosamente pratica um fato típico, culpável e injurídico e, concludentemente, deve ser penalizado.

De outro lado, no momento do ataque da onça pintada, se o ser humano defender sua integridade física ou sua vida, o seu ato não pode ser considerado criminoso, pois está amparado pelos artigos 23 item I e 24 do código penal brasileiro.

Há exclusão de ilicitude pelo estado de necessidade.

Considera-se em estado de necessidade 'quem pratica o fato para salvar de perigo atual, que não provocou por sua vontade, nem podia de outro modo evitar, direito próprio ou alheio, cujo sacrifício, nas circunstâncias, não era razoável exigir-se'.

Campo Grande- MS, 21 de outubro de 2011



Literatura – comparação entre Balsac e Dostoiévski.

Ambos escreveram sobre o perfil da mulher ante o relacionamento amoroso heterossexual, ou seja, homem com mulher. Os livros são assim intitulados: “Noites brancas”, de Dostoiévski e o outro, de Balsac, “24 horas na vida duma mulher”.

O primeiro narra que um jovem se enamora duma jovem e daí nasce um belo romance. Todavia, o moço necessita estudar em Moscou e para lá se dirige, triunfa e forma-se. Nesse interregno, ela conhece um coroa, ou seja, um homem maduro que, naturalmente, é um personagem que se presume seja o próprio escritor.

Estabelece-se entre eles um relacionamento amigável bem acentuado, dá-se impressão que esse amor seja platônico, sem sexo. Ela passa a admirar grandemente a cultura do coroa e apegar-se a ele. E o autor escreve belas cartas de amor de grande valor literário, que só o admirável escritor russo saberia fazer. Dostoiévski foi um homem sofrido, pois esteve preso na Sibéria e lá escreveu a grande obra “Crime e castigo”, pelo que foi taxado de comunista pela exposição de suas idéias e pelas reuniões políticas de que participava. Ele era jogador e ficou muito endividado, não pagava conta, em resumo era velhaco, casou-se e foi traído e, portanto, levou chifre e, destarte, foi corno, mutatis mutandis.

Persistindo no tema abordado, um dia o jovem que houvera se formado volta de Moscou e reencontra-se com sua amada e ela, embora mantendo relacionamento “amigável” com o coroa, volta-se para os braços do jovem mancebo recém-formado. Aí o autor revela toda sua genialidade e encerra o livro assim: “... conquanto minha querida tenha voltado para os braços de seu antigo namorado, todavia os poucos momentos que passei com ela, e que foram prazerosos, justificaram minha existência pela vida.

Para mim, o escritor Fiódor Dostoiévski foi o maior escritor de todos os tempos. De outro lado, Honoré de Balsac, em seu escrito acima enfocado, retrata o romance dum jovem com uma coroa, aqui o romance é inverso, é

um jovem que se envolve com uma coroa. A coroa foi muito discriminada no interior da França, pois era uma cidade pequena e lá havia muito preconceito contra a mulher desquitada. Assim aconteceu, embora aquela mulher, de grande qualidade, não fosse galinha d'angola e nem nenhuma leviana.

Então o jovem, premido pela sua família, foi coagido a casar-se com uma moça rica. Casaram-se e houve uma festa tipo destas de certos vaidosos aqui de Campo Grande-MS. Comem feijão e arrotam faisão. Só que o jovem ficou infeliz, pois não amava sua esposa e sentiu saudade da coroa, de vez que se adaptara em todos os sentidos com ela, só que a coroa não tinha dinheiro como a bela donzela rica com quem houvera se casado.

Resultado, casamento realizado sem amor resulta em separação, a natureza não admite nada forçado, só vinga se houver amor e olhe lá.

O jovem mancebo quis voltar para sua coroa e ela decidiu rejeitá-lo. A pior coisa que existe para o ser humano é a rejeição amorosa... A vereda que o jovem encontrou foi o suicídio e a coroa continuou sua vida como se nada tivesse acontecido. Logo o autor quis demonstrar que a mulher é mais forte que o homem quando ocorre a ruptura amorosa.

Conclusão: a coisa mais linda da vida é o amor verdadeiro.

Campo Grande – MS, 08 de setembro de 2011



Personalidade humana

Não existe nada mais complexo, mais profundo do que a personalidade humana. Se quiser conhecer um homem basta que lhe examine sua personalidade. Se for neutro, cuide-se dele porque além de prejudicar a humanidade ainda aproveita-se de circunstância para satisfazer seu interesse próprio; se, o dono desta personalidade, for extremista, traz enormes malefícios para si, para sua família e para sociedade, num lance porá fora tudo o que conquistou após longos e

longos anos. Se for homem possuidor duma personalidade egoísta, então o mundo interior será todo seu, ele não quererá saber se irá beneficiar ou prejudicar seu semelhante e só lhe interessa seus dois mundos: introspectivo e o exterior.

Pessoa egoísta sempre acha que seu pensamento é o certo. Caso alguém lhe indica cautela, acha que é o mais prudente dos homens.

A meu ver, o pior tipo de personalidade é a contraditória. Se hoje ela é a favor duma orientação, amanhã já não o é; o que seguiu neste caminho praticamente já se perdeu. Hoje ela vai contra uma orientação, porém amanhã alia-se aos que lutaram contra seus princípios. Logo se veem abandonados e liquidados.

Não há, a meu ver, melhor tipo de personalidade humana do que aquela que propugna pelo equilíbrio. Feliz é o homem que a possui, pois este dirigirá o mundo para felicidade. Das forças e das paixões antagônicas, a personalidade equilibrada tira o que há de verdadeiro duma extremidade e, analisando a outra, aponta-nos qual é o bom caminho que devemos seguir.

Somente possui a personalidade equilibrada, portanto, aquele que sofreu, filosofou, sorriu e que teve uma alma iluminada por Deus.

Esta é a personalidade que o mundo deseja.

Faça uma reflexão profunda e identifique-se.

(São Paulo, 15.08.1965 – redigido das 10h às 10h15min)



Jorge Antônio Siufi

No dia 28 de março de 2011, no Tradicional “Chá Acadêmico” da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, realizado no SESI de Campo Grande, onde fizeram palestras, o presidente da Academia Goiânia de Letras e o advogado e ex-presidente da Assembleia Legislativa de Goiás, Dr. Eurico Barbosa, e o médico Dr. Hélio Moreira, fui indicado para falar em nome da ASL.

Prestamos homenagens ao confrade Jorge Antônio Siufi, falecido em 14/03/2011 e nascido em 13/09/1932, portanto, com 78 anos de idade. O homenageado nasceu em Campo Grande - MS.

Os intelectuais Dr. João Campos, José Couto Vieira Pontes e Rubenio Marcelo escreveram enaltecendo o imortal Jorge Siufi - respectivamente no Midiamax, sob o título “O pequenino gigante”, e os demais no Suplemento Cultural da ASL, editado aos sábados, no Jornal Correio do Estado.

O advogado Carlos Stephanini fez um belo discurso fúnebre para o Prof. Jorge A. Siufi, por ocasião de seu sepultamento, no cemitério “Santo Antônio,” no dia 15/03/2011. Ele foi velado no auditório da OAB/MS.

Na minha oração disse que Jorginho, carinhosamente chamado assim, era pessoa de grande valor, leal, honesto, educado, solidário, criativo, intelectual e excelente chefe de família, bom amigo e generoso.

Um excelente cantor, amante do tango e bolero, inclusive tendo gravado um belo CD musical: “Jorge Siufi - Eclético”.

Foi professor de Direito Penal na UCDB, antiga Fucmat. Pai de três filhos, Antônio Siufi Neto, Procurador de Justiça; do finado Fábio Siufi, falecido precocemente, e Gisele.

Ele era casado com Dona Dilene, portanto casal unido e feliz. Era titular da cadeira 14 da ASL, cujo patrono é Severino de Queiroz, que foi seu professor no Colégio Dom Bosco, daí ser ele exímio escritor. Autor do Hino de MS juntamente com o confrade Otávio Gonçalves Gomes.

Foi um ótimo advogado criminalista, e se destacou como um grande orador, dotado de persuasão e habilidoso, de grande senso de humor, deixando seus rivais atônitos. Ex-presidente da OAB/MS, à época seção de CG. Torcia para o América Futebol Clube do RJ e para o Operário Futebol Clube em MS.

Jorginho, além de muitas alegrias, também passou por “algumas vicissitudes cruéis da existência” (segundo Rui Barbosa), na perda de um querido filho: Fábio, e na escolha para Desembargador de MS onde foi engabelado, trazendo-lhe relativo sofrimento.

Era um homem de boa fé. Tudo que fazia era de boa intenção e completamente desapegado ao dinheiro e aos bens materiais.

Conhecia bem o português e redigia maravilhosamente bem. E era ele quem fazia a revisão dos textos que eu escrevia, juntamente com meu dileto amigo Carlos Stephanini.

Jorginho jogou futebol: era dono de chute potente e jogava na ponta esquerda. Possuía inúmeros títulos e honrarias merecidamente conferidas.

Sem medo de errar, Jorginho foi um dos melhores valores desse Estado e jamais poderá ser esquecido.

Aposentou-se como Defensor da Justiça Militar.

Repetindo o grande Rui, “Deus nos dá sempre mais do que merecemos”. Sua biografia é rica e Deus lhe deu sabedoria, bondade e grande senso de justiça.

Finalizando, conforme o mestre Rui filosofou em seu discurso “ORAÇÃO AOS MOÇOS”, assim: “a vida não tem mais que duas portas: uma de entrar, pelo nascimento, outra de sair pela morte. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída”

Em conclusão, Jorginho foi um homem de seu tempo, universal. Jorginho é exemplo para a juventude e principalmente para a mocidade acadêmica de Direito, onde pregou a ética profissional e a justiça e foi um modelo de advogado. Sempre defendeu a pobreza de graça. Jorginho deve receber o nome numa praça com seu busto.

Por tais razões, querido colega e irmão, efetivamente Jorginho jamais morrerá, pois permanecerá para todo o sempre vivo espiritualmente, porque é imortal e por pertencer a essa gloriosa Academia Sul-mato-grossense de Letras, da qual foi um de seus membros fundadores.

Era uma felicidade estar em companhia do benquisto Jorginho.

Uma curiosidade: quando cantava, não gostava que o ouvinte ficasse conversando ou não prestando atenção, ameaçando algumas vezes de parar de cantar. Mas, não parava e sua arma era seu humor felino e engraçado.

Que o Grande Arquiteto do Universo, em sua bondade infinita, receba esse grande homem [o qual indiscutivelmente pertence à História de MS] para gozar da paz eterna.



ADAIR JOSÉ DE ALENCAR



Nasceu em Cruz Alta (RS) em 1924. Professor e Advogado. Morou em Campo Grande, quando foi secretário de educação do município e também diretor-proprietário do Colégio Osvaldo Cruz. Publicou, dentre outros títulos: Sarabico e Tico-Tico (infantil), Crônicas de Ontem e de Hoje, Rimas e Ritmo. Ocupa a cadeira 26 da ASL.

Os valores humanos

Introdução: Tarefa de relevância e nada fácil é definir o homem e o valor, sem situá-lo no ambiente em que ambos são sumamente importantes e sem relacioná-los entre si, para que adquiram, “in concreto”, significação objetiva.

Os conceitos, a respeito da matéria, em todo o longo percurso da História, têm sofrido múltiplas acepções e há os que ousam afirmar não terem ainda compreensão claramente delimitada.

Fundamentalmente, Homem e Valor são realidades recíprocas, ricas em determinações fenomenológicas que, da sua má, boa ou ótima análise e interpretação, tem dependido toda a realidade fática da humanidade.

Efetivamente, o Homem e o Valor sempre estiveram presentes na ciência e nas preocupações do mundo.

Na Filosofia, eles provocaram o ressurgimento de todos os problemas clássicos e de várias teorias que tentaram desvendar sua natureza e fixá-los nos parâmetros da casuística do conhecimento e da ação humana.

Em Economia, os encontramos, suscitando encontro e desencontro de opiniões e tentando o equilíbrio entre o ser e o realizar.

Na Antropologia e na Sociologia, como ponto de referência e noção-base, timbrando na armação e estruturação de sistemas que, tendo por objetivo, não só a ontologia, como ainda a hermenêutica da vida, terão forçosamente que descobrir-lhes e analisar-lhes a gama de verdades de que são portadores.

No Direito, como ciência por excelência dos relacionamentos, Homem e Valor afloram num pedestal de capital importância, fundamentando e orientando a ação jurídica, de tal modo e com tal e inelutável veemência que, sem o Homem como sujeito do Direito e o Valor como conteúdo da regra normativa, não se pode falar em elemento jurídico nem conceber o Direito Subjetivo ou Objetivo.

Valor: na Filosofia dos Valores, são muitas e diversas as indagações a respeito do Valor: o que é Valor? Qual a importância do Valor? O Valor é algo objetivo ou puramente subjetivo? O Valor é algo por natureza relacionado? O Valor pode variar de lugar para lugar ou de época para época? Terá o Valor outras conotações temporais, espaciais ou culturais?

Podemos afirmar que o pensamento humano sempre, através do tempo e do espaço, nas invencíveis tergiversações históricas, repetimos, sempre se ocupou da questão dos Valores. Nem sempre, todavia, chegou a uma conclusão unânime, o que tornou a questão, já de per si não fácil, de extrema dificuldade.

Valor vem de *valere* que significa ser forte e ter boa saúde. A expressão latina que formula votos de boa saúde e de bondade e bem em geral é “*Vale*”. Bem pode corresponder ao nosso: *passé bien!* Vele tudo, em Latim, é saúde. Em alemão, *Wert* e conseqüentemente *Werttheorie* quer dizer a teoria dos valores. Em inglês, italiano e francês respectivamente é *value* – *valeur*, mas *vaillance* que significa o preço de alguma coisa, o valor guerreiro, proeza, riqueza que se dispõem ou qualidades que se possuem.

Laudelino Freire afirma que Valor é preço, coragem, estimação.

Para Aulette, Valor é resignação, paciência, bondade. Em Portugal, Valor significa grau de aproveitamento escolar, termo que junto a um número gradua e qualifica o aluno. Obteve dezesseis valores.

Valor é também tido como grau de utilidade ou aptidão das coisas para satisfazer necessidades, proporcionar bem estar ou deleite.

Percebe-se, em todos os conceitos, a ênfase ao aspecto do Valor como um bem, uma virtude, uma qualidade rara que satisfaz e realiza.

Um de nossos autores assim se exprimiu: “Valor é uma qualidade da alma que a leva a cometer grandes empresas e enfrentar os perigos sem medo.” Ainda com referência às pessoas, entendemos que tem valor se são capazes e se empregam adequadamente suas capacidades, se são pessoas de bem. Uma pessoa de valor é a que tem virtudes e méritos.

Daí, o que afirma, com muita propriedade, o filósofo Edmundo Luís Kunz, quando diz: “É difícil definir o Valor sem relacioná-lo ao bem. Valor, no entanto, não é bondade abstrata, mas bem concreto, bondade em um sujeito. O bem concreto, para se erigir em valor, deve estar relacionado sempre e exclusivamente ao homem, sujeito espiritual. À água, por exemplo, é boa para o boi, mas “vale” só para o dono do boi. O espírito humano é quem atribui valor aos objetivos e aos atos que os atingem”.



A tarde

Na calma de uma tarde silenciosa,
Nessa mágica e límpida quietude,
Apagam-se os borrões da vida rude,
Aquieta-se a mágoa lacrimosa.

Reanima-se a alma pesarosa,
O enfático ouropel não mais ilude
E a alma existencial, por mais que mude,
Não será nem fria, nem maldosa.

Ah! Uma tarde assim tão preguiçosa,
Cheia de sonhos. Mais, plena de amores,
Aos poucos se entregando ao anoitecer.

Tu és, tarde solene e langorosa,
A doce imagem vespéral das cores,
Serás a imagem luz do amanhecer.



A professora

Uma jovem sorridente,
No seu “costume” de linho.
Eu, um guri mirradinho,
Mas eterno sonhador.
Para mim, era uma fada,
Escultural, pura e bela,
Ninguém jamais como ela,
Não era gente, era flor.

Nas aulas, apalermado,
Meio em transe, meio voando,
Eu me quedava cismando
E não prestava atenção.
A professora, bonita,
Bem sabia e observava,
Mas nunca me reprovava,
Eu sempre soube a lição.

Por ela, virei um poeta,
Com seu amor eu sonhava,

Em sonhos é que a amava,
Era a minha inspiração.
Adeus, minha professora,
Eu cresci e fui embora.
Às vezes, meu peito chora
Com essa recordação.



Tarde machucada

(In memoriam de José Boaventura)

Sim. A cítara chora desolada
E soluça a guitarra tão sentida!
É sempre emocionante uma partida
E a alma fica no vazio do nada.

Parece que a esperança malograda,
Triste, naufraga na aluvião da vida,
Rosa vermelha sangra na ferida
Da tarde esmaecente e machucada.

Essa é a dor de quem ficou na terra
Pedindo paz na desumana guerra,
Ao ver cair quem pertenceu aos seus.

Quem saberá o amor feito saudade?
Somente quem confia na bondade,
No absurdo infinito amor de Deus!



AMÉRICO CALHEIROS

Nasceu em Goiana (PE), em 1952. Professor e teatrólogo, criou o Grupo Teatral Amador Campo-Grandense (GUTAC). Atual diretor-presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Dentre suas obras literárias, destacam-se: “Memória de Jornal”, “Da Cor da sua Pele”, “A Nuvem que Choveu”, “Poesia pra que te quero” e “Na Virada da Esquina”. Ocupa a cadeira nº 7 da ASL.



A inteligência e as artes

*Educar a mente sem educar o coração
não é educar. (Aristóteles)*

Séculos antes de Cristo, Aristóteles, filósofo grego, já defendia a importância da educação dos sentimentos. Os gregos tinham conhecimento pleno da importância do desenvolvimento da inteligência, do aprimoramento do raciocínio, da aquisição do conhecimento, enfim do domínio dos fatores adversos ao homem e da conquista do bem estar.

Educar os sentimentos não é uma tarefa fácil. O homem, dito animal racional, nem sempre obedece a razão e quando isso ocorre, o saldo maior fica por conta da violência. A violência, em suas múltiplas possibilidades, tem marcado a humanidade desde as mínimas ações no âmbito doméstico, aos extremados conflitos mundiais. Mais do que o controle da razão, a educação dos sentimentos pressupõe a conquista do equilíbrio.

Os sentimentos evocam emoções, saber expressá-las e conduzi-las diante das distintas situações, em uma sociedade dominada pelo stress, reveste-se, na atualidade, de importância tão relevante quanto buscar o refinamento da inteligência dentro do conceito dominante até final do século passado, ou seja, “capacidade mental que envolve a

habilidade de raciocinar, planejar, resolver problemas, compreender assuntos complexos, aprender rápido e aprender com a experiência” de acordo com a publicação “Mainstream Science on Intelligence”.

A chamada inteligência emocional na conceituação de Salovey e Mayer, estudiosos do assunto, é a capacidade de perceber e exprimir a emoção, assimilá-la ao pensamento, compreender e raciocinar com ela e saber regulá-la em si próprio e nos outros. A inteligência emocional aproxima-se, muito mais, portanto das preocupações de Aristóteles e do que se enfoca neste artigo.

É vital acrescentar, a tudo que a inteligência emocional preconiza, o papel das artes na educação das emoções. O teatro, a dança, a música, as artes plásticas, a literatura e outras artes, a essas associadas, possibilitam o burilamento da personalidade humana e o seu enriquecimento. As artes favorecem o auto-conhecimento e a percepção das filigranas dos sentimentos, o domínio das emoções e a sofisticação da sensibilidade. Estimula o sentido de solidariedade, da importância do coletivo, da valorização do belo e auxilia o ser a situar-se com maior consciência e emoção no espaço social em que está inserido. O exercício artístico promove a inteligência criativa, renova as visões de mundo, quebra preconceitos e reconhece as diferenças como traços enriquecedores das vivências humanas. Claro que as artes podem contribuir para tudo isso, desde que trabalhadas nessa direção.

Não quer dizer que as artes transformam o mundo em um mar de rosas. O exercício artístico estimula o espírito crítico, revela e encara conflitos de toda ordem, coloca a pessoa diante da realidade sem dissimulação. A pessoa pode sair mais forte e preparada, aberta ao diálogo e às diversas soluções que um só problema pode ter. O exercício com as artes, ao trabalhar os pontos fracos, os pontos fortes enfim, os pontos sensíveis da pessoa contribui para elevar sua auto-estima e para que seja protagonista de sua vida. É um caminho interessante para a construção, não de super-homens e nem de super-mulheres e sim de seres capazes de pensar, unindo razão e sensibilidade para escrever a própria história com todas as dificuldades e facilidades existentes, porém com menos amarras racionais e emocionais e com uma gama maior de recursos para vencê-los.

Infelizmente o ensino formal não se atentou ainda para a dimensão educacional das artes nas escolas com vistas à formação e conquista de um ser humano que une, com sabedoria, mente e coração.

Atualmente há centenas de escolas e universidades que, na busca da excelência do ensino, investem no desenvolvimento da inteligência de seus alunos. Na inteligência que privilegia o domínio máximo de conteúdos, a resolução de problemas intrincados e, acima de tudo, no domínio dos conteúdos que abrem as portas profissionais de seus alunos ou “clientes”. O sucesso profissional, principal meta, às vezes é conseguido por uma parcela significativa desses alunos. Pesquisas, muitas, indicam esse objetivo alcançado. Pouca ou quase nenhuma pesquisa, entretanto, é feita ou indica o grau de satisfação desses alunos, consigo mesmo, de harmonia com sua vida e de felicidade com o capital social que construiu. Muitos com um diploma debaixo do braço e zero de paz na cabeça para usufruir o que “conquistou” enterram suas vidas num pântano de insatisfação.

No momento em que se coloca em pauta até a denominada inteligência artificial, nunca é demais lembrar que com todas as novas tecnologias facilitadoras do acesso à informação, a inteligência humana ainda tem muito a ser desenvolvida e neste aspecto a milenar preocupação de Aristóteles ainda instiga.



Livro e leitura, um olhar da cultura

Manoel de Barros ao dizer:

“Carrego meus primórdios num andor.

Minha voz tem um vício de fontes.

Eu queria avançar para o começo.

Chegar ao criancimento das palavras.

Mostra que, com o domínio da palavra escrita, abrem-se possibilidades de criar mundos e imagens que permeiam nuances da simplicidade ao inusitado. O desenvolvimento da escrita e da leitura como política de estado é decisivo na constituição de uma população leitora.

Ler não é apenas decifrar signos. É, antes de tudo, a capacidade de aliançar esses signos, à leitura do mundo, à sociedade em que o ser está inserido, tornando-o criativo e crítico. Para Paulo Freire, a leitura pode e deve ser, profundamente, reveladora da realidade, pois só assim potencializa seus objetivos. Nesse sentido, é preponderante considerar toda complexidade e as distintas influências e linguagens sociais, culturais, políticas e econômicas que caracterizam as sociedades contemporâneas.

Dono de uma riqueza cultural multifacetada, em função da presença de diversas etnias, a indígena e outras decorrentes da presença de variados grupos de imigrantes, bem como outros oriundos de distintos estados brasileiros, Mato Grosso do Sul faz fronteira com dois países: Paraguai e Bolívia dos quais, também, assimila parte expressiva de suas culturas e *modus vivendi*.

O grande caldeirão cultural em que o Estado está imerso, resultante das influências de todos esses povos, envolve uma efervescente pluralidade cultural que precisa ser considerada em sua essência e magnitude. A leitura é uma ferramenta essencial para compreensão e valorização dessa diversidade e de sua importância como pilar que sustenta nossa identidade e promove o desenvolvimento do Estado.

Possibilitar às crianças e adolescentes sul-mato-grossenses a oportunidade de

dominar o processo de leitura, em todos os seus níveis, de forma que se apoderando desse saber possam modificar seus comportamentos, alterar seus destinos e tornarem-se, efetivamente, protagonistas de suas vidas é um dever do Estado.

Cabe, portanto, ao Estado, em consonância com as portarias interministeriais n.º 1.442/2006 e n.º 1.537/2006 - Plano Nacional do Livro e da Leitura, por intermédio dos seus órgãos, diretamente

responsáveis pela formação intelectual de seu povo, Secretaria de Estado de Educação e Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, traçar políticas públicas que alicerces e edifiquem esses ideais.

Mato Grosso do Sul foi o primeiro Estado da federação a zerar o em relação às bibliotecas públicas. Entretanto, tem à sua frente, nesse âmbito, o desafio de motivar os variados segmentos sociais a utilizarem esses locais, pois só assim essa conquista terá valor pleno. Muitas bibliotecas estão sem leitores, sem vida.

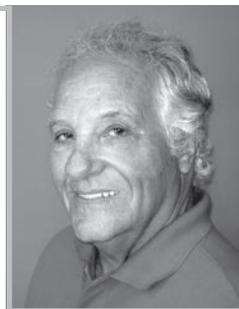
Uma tarefa dessa dimensão aliada às demais como formar um Estado de leitores, consolidar uma cultura de prática leitora, tornar o livro um objeto de desejo, ampliar o acesso ao livro, (lutando pelo seu barateamento), estimular e facilitar a produção e difusão da obra de escritores regionais, colocar, de todas as formas possíveis, o livro ao alcance da população, dentre outras, só pode ser feita a muitas mãos: governo e sociedade civil como um todo. Ou seja, é preciso envolver todos os cidadãos nessa empreitada que é, acima de tudo, uma grande ação em favor de uma educação de qualidade.

O Plano Estadual do Livro e da Leitura define diretrizes e traça políticas públicas para se alcançar, em especial, a criança e o adolescente, sem deixar de lado o analfabeto absoluto, o funcional e, também, aquele que sabe ler, mas não exercita a leitura. Pela primeira vez, no Estado de Mato Grosso do Sul, uma ação desse nível entrelaça a educação e a cultura e na transversalidade natural que o tema possui, engloba os demais órgãos do Estado, num esforço conjunto para finalidades que são primárias para a conquista de resultados consequentes e imprescindíveis.

A leitura qualifica a relação do ser humano com o seu meio, estimulando seu raciocínio e capacidade de discernimento e alicerçando-o como um cidadão. Para atingir essa condição e alçar o Estado de Mato Grosso do Sul a um patamar de cultura e educação de excelência, é necessário colocar mãos à obra, porque o futuro está aí, exigindo daqueles que querem um lugar ao sol, qualificação e vontade para construir um país de leitores.



AUGUSTO CÉSAR PROENÇA



Nasceu em Corumbá (MS), em 1940, filho de família tradicional do Pantanal da Nhecolândia, universo que explora em seus livros. Dentre suas obras, destacam-se: “Pantanal - Gente, Tradição e História”, “Memória Pantaneira”, “Corumbá de todas as Graças” e “Rodeio a Céu Aberto”. Ocupa a cadeira n° 28 da Academia.

Carta a Pedro de Medeiros

Perdão poeta, não quero perturbar a paz do seu sagrado sono. Não desejo aborrecê-lo neste momento, mas alguma coisa pulsa dentro de mim e exige um desabafo. Sei que a distância que nos separa é grande, porém não me custa ir buscá-lo onde estiver para um passeio ou um diálogo que, prometo, vai ser breve.

Estamos nesta terra no dia 28 de outubro de 2011. Há 120 anos você nascia e há 68 partia para sempre, deixando a cidade que tanto amou, o convívio dos amigos e uma imensa saudade no coração de todos nós, saudade que até hoje perdura com a leitura dos seus versos, a ponto de merecer uma evocação. Lamento que tenha partido tão cedo desta vida: apenas com 52 anos de idade! Posso imaginar então a tristeza que cobriu a cidade naquela manhã de 12 de abril de 1943.

Durante esses anos que passaram poeta, a sua cidade pouco mudou. Quer dizer: cresceu um pouco, prosperou o quanto pôde. Aconteceram alegrias, esperanças, nasceram e morreram pessoas, a vida remanchou sob os olhos deste sol e sob a luz do luar que você dizia ser cúmplice de todas as fantasias do amor: “lugar que ouvia pálido de ternura o gemer da viola e o soluçar dos cantores despertando bairros, ao poema vivo das serenatas...”

Sim, poeta, ainda há vestígios daquela Corumbá do seu tempo: a sua cidade continua com aquela linda natureza, o esplêndido pôr-do-sol brilha nas tardes de junho; as palmeiras estão ali no mesmo lugar; o rio ainda desce escrevendo em prata um S na paisagem pantaneira; as figueiras retorcem raízes nas pedras; a escadinha de 221 degraus por onde você descia para ir ao velho prédio da Alfândega; o São João, o Carnaval, e muitas ruas do centro por onde você andou comentando ou criticando a vida social, política e esportiva da época.

No entanto, poeta, não existem mais as serenatas de outrora; os saraus nos quais você participava até altas madrugada; certos locais por onde costumava circular com o seu jeito de boêmio inteligente e feliz. Não encontrará mais o Hotel Venizelos com o Miguel Condos regando roseiras e tomateiros; o vapor Fernandes Vieira atracando com as novidades do mundo; as lavadeiras acoradas nas pedras lisas e azuis da beira do rio, os velhos amigos batendo papo na Farmácia Central; o antigo prédio do Ginásio Santa Teresa e muitos outros, cujas paredes foram destruídas pela voracidade do tempo ou pela ingratidão das picaretas.

Não sou saudosista, muito menos pessimista, juro, mas penso que você não gostaria de viver momentos como estes. Vivemos hoje sem olhar as belas coisas da vida, estamos sempre apressados, inseridos no imediatismo, com outras preocupações na cabeça. Inflação, carestia, violência. A própria realidade sócio-econômica empedrou o coração das mulheres e dos homens, separou-os dos seus semelhantes, trancafiou-os atrás das grades de ferro dos condomínios e entre paredes de “lan houses”. Somos a civilização do teclado. Mais virtuais do que reais. Temos medo de tudo, até das sombras. Ninguém mais quer saber de história, de letras, de poesia. É uma pena!...

Mas eu pergunto a você amigo, com toda a sinceridade e emoção: o que seria desta cidade e de nós corumbaenses sem os versos dos poetas que retratam épocas e nos convidam a sonhar?... Ainda bem que temos poemas que simbolizam forças e nos libertam dos entraves cotidianos, afastam-nos das notícias imorais, das baixarias, das humilhações, das ofensas, das mentiras e das falsidades, das corrupções e das impunidades indignas, das cenas de vandalismos aterrorizantes.

Aqui na nossa fronteira, poeta, ainda enfrentamos graves problemas infraestruturais, temos carências em saneamento básico, saúde, educação, há obras paradas, tampadas com tapumes vergonhosos, desrespeito ao patrimônio histórico, descuidos com a ambiência urbana, contrabando, tráfico de drogas, violência, todos aqueles probleminhas de uma região fronteira, já considerados anacrônicos.

Porém uma coisa é certa e isso me conforta: passam-se os anos, mudam-se os costumes, entram em cena novos atores no palco da vida, as ilusões se acendem e se apagam, o dinheiro vem e vai, torna-se inútil nos bolsos dos falecidos, mas os versos dos poetas ficam: Vivos, Perenes e Eternos!...

E é por isso que eu lhe presto uma homenagem nesta nova edição da Revista da Academia Sul Mato-Grossense de Letras e agradeço por aquele fugaz momento de inspiração, que fez com que você se debruçasse no parapeito da Avenida General Rondon, olhasse o céu repleto de luzes e escrevesse a lindeza destes versos eternos:

Deus atirou do espaço um punhado de estrelas.
Uma caiu na terra. Outras tardam ainda.
A que desceu, por certo, a mais luzente delas,
Veio e se transformou numa cidade linda.

Desceu, porque do alto, o Paraguai parece,
Nesse ponto uma joia: escreve em prata um S,
Que a estrela imaginara um prendedor ideal,
Ligando à serrania o imenso pantanal.
E como a muita estrela o céu azul não basta,
Caiu como um brilhante à procura de engaste.

E Corumbá surgiu por sobre a terra branca,
Na alegria sem par do gentil casario,
Entre o verde dos morros, no alto da barranca,
Debruçada a sorrir para o espelho do rio.

Obrigado poeta!

“Lenda Bororo, de Pedro de Medeiros (1891-1943), poeta corumbaense”.

A fundação de Ladário

Depois de examinar o local, o sertanista Leme do Prado fez um esboço topográfico do mesmo e o enviou ao governador Luís de Albuquerque, a 9 de novembro de 1776. Esse importante documento histórico encontra-se nos arquivos da Casa de Insua, em Portugal, solar em que habitou Luís de Albuquerque e hoje ainda pertence aos seus descendentes.

Durante quase dois anos, apesar das ordens do governador e dos benefícios que oferecia a quem atendesse seu apelo de dar início aos preparativos do futuro povoado, o local ficou esquecido, pois ninguém queria aventurar-se em uma região longínqua e desprovida de recursos.

Porém, a 1^o de outubro de 1777, a rainha de Portugal, Dona Maria I e o seu irmão Carlos III, rei da Espanha, assinam o Tratado de Santo Ildefonso, que copiava o de Madrid (1750), voltando o rio Paraguai a ser reconhecido como limite das duas Coroas. Os territórios da margem direita do grande rio voltariam a ser espanhóis e assim, tanto o local do futuro povoado (Corumbá) como o Forte de Coimbra estavam fora dos domínios portugueses.

Luís de Albuquerque, então, baseando-se no princípio jurídico do “UTI POSSIDETIS” (como possuis, assim continueis possuindo), mandou “fincar o pé” nos locais conquistados e ordenou ao sertanista Leme do Prado que viesse com a família e iniciasse o mais rapidamente possível as preparações para a fundação do povoado.

Em agosto de 1778, após ter sido agraciado com o título de “capitão-mor das conquistas do rio Paraguai” o sertanista com a família e uma comitiva chegavam ao sítio escolhido, mas como o local não oferecia condição para o incremento de lavouras, por ser terreno calcário, seco e pedregoso, Leme do Prado explorou as cercanias e acabou encontrando, a 6 Km à jusante, terras boas e favoráveis à agricultura. E a esse lugar deu o nome de Ladário, onde nasceu Luís de Albuquerque, situada no distrito de Viseu, região da Beira Alta.

Assim, o dia 2 de Setembro de 1778, ficou sendo a data de fundação de Ladário. Durante muitos anos foi distrito de Corumbá, até que a Lei Estadual nº 679, de 11 de dezembro de 1953, elaborada pelo deputado

estadual Manoel Wenceslau de Barros Botelho (Neto Botelho), a tornou município independente.

Além de abrigar o 6º Distrito Naval, Ladário é a sede do terminal hidro-ferroviário, onde se processava o transbordo de gado e de mercadorias de embarcações fluviais com os vagões de trem.

A história de Ladário está muito ligada à de Corumbá.



Eu quero passar com a minha dor

O seu legado material foi quase nada, apenas uma pequena pensão no antigo INPS e uma casa modesta da Cohab em Vila Esperança, subúrbio carioca. O espiritual, no entanto, foi vasto e produtivo, com centenas de produções musicais que enriqueceram a Música Popular Brasileira. Estamos falando de Nelson Antônio da Silva, o Nelson Cavaquinho, que nasceu no Rio de Janeiro, ali pelas imediações da Praça da Bandeira, no dia 28 de outubro de 1910.

Filho de tocador de tuba da banda da PM e de mãe paraguaia, de quem herdou os traços e a cor marcante da herança indígena guarani, Nelson Cavaquinho começou a vida no duro batente de uma fábrica de tecidos, até entrar para o Batalhão de Cavalaria da PM e poder, com menos sufoco, ajudar no orçamento da família.

Ele mesmo dizia, que se não fosse o “xadrez” do batalhão do qual era assíduo frequentador, não teria feito muito samba de sucesso. É que, boêmio como era, muitas vezes desistia da ronda que fazia, montado num garboso cavalo, para tomar uns tragos com amigos, futuros parceiros como Cartola, Carlos Cachaca, Zé com Fome e outros. O cavalo, que ficava amarrado numa cerca do Morro da Mangueira, sabe-se lá como, conseguia fugir e voltar certinho para o quartel e ele, Nelson, ia direto para o xadrez do batalhão, onde aproveitava para compor seus sambas memoráveis. E quem ganhou com isso, com certeza, foi a MPB, até hoje agradecida.

Mas não parava por aí as gandaias do nosso compositor. Além dos bares da Mangueira, freqüentava os da Praça Tiradentes, na época, também um reduto de gente sensível como ele, repleta de artistas e de boêmios compulsivos. Num desses botecos, cujo nome era Cabaré dos Bandidos (que de bandido não tinha nada) costumava se encontrar com Guilherme de Brito o qual, depois do expediente da famosa Casa Edson (uma casa de disco) partia para o botequim a fim de se encontrar com o parceiro de tantas músicas inesquecíveis : A Flor e o Espinho, por exemplo.

Nelson tocava cavaquinho e violão apenas com dois dedos, o polegar e o indicador. No tempo das vacas magras, para pagar as dívidas acumuladas, vendia sambas e, quando a situação melhorava dava parceria a quem se encontrava em necessidade. Foi uma das atrações do lendário Bar Zicartola, na Rua da Carioca, bar que ficou famoso na década de 60, de propriedade de Cartola e da dona Zica, sua esposa. Tinha uma voz rouca, inconfundível, um coração grandioso.

Deixou centenas de músicas gravadas e de excelente qualidade. Em 1946, Cyro Monteiro gravou duas de suas composições : Rugas e Degraus da Vida (de parceria com César Brasil e Antônio Braga) mas só se tornaria famoso em 1965, ao participar do show Rosa de Ouro, tendo como intérprete a saudosa Elizeth Cardoso.

As suas composições estão recheadas de frases lindas e líricas, como estas : “nossos barracos são castelos na nossa imaginação”, “ quando eu passo perto das flores quase elas dizem assim : vai que amanhã enfeitaremos o seu fim”, “as rugas fizeram residência no meu rosto”, “ tire o teu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor”.

Entre cigarros e bebidas, varando madrugadas, compondo em mesas de bares, Nelson viveu até o dia em que foi encontrado morto em sua cama, ao lado do inseparável violão, aos 75 anos de idade, pela companheira com quem viveu seus últimos momentos. Era o dia 18 de fevereiro de 1986.

Tirava o seu sorriso do caminho e entrava para a história da Música Popular Brasileira.



ENILDA MOUGENOT PIRES



Nasceu em Aquidauana (MS) em 1949. Professora universitária (UFMS). Autora de Fronteiras da Crítica, A Geometria do Espaço Temporal do Romance e Avalovara de Osman Lins. Atualmente é professora do Curso de Redação e Estilo. Ocupa a cadeira n° 05 da Academia, da qual é atualmente a Segunda Tesoureira.

Poesia Sul-Mato-Grossense

*Aos escritos de Rafik Zalla Blanco
(Enilda Mougenot Pires)*

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu no Beco da Marinha, Cuiabá, Mato Grosso, em 1916. Seus versos são lembrados por dar importância ao que não tem importância.

O poema abaixo transcrito (publicado em Retrato do artista quando coisa, Record, [s/d], p.45) apresenta uma única estrofe com dezoito versos.

13

Desde criança ele fora prometido para lata
Mas era merecido de águas de pedras de árvores de pássaros.
Por isso quase alcançou ser mago.
Nos apetrechos de Bernardo, que é o nome dele, achei um canivete de papel.
Servia para não funcionar: na direção que um canivete de papel não funciona.
Servia para não picar fumo.
Servia para não cortar unha.
Era bom para água mas obtuso para pedra.

Havia outro estrupício nos guardados de Bernardo.
Tratava-se de um Guindaste para Mosca.
Esse engenho, pra bem funcionar, havia que estar
Ligado por uma correia aos ventos da manhã.
Funcionava ao sabor dos ventos.
Imitava uma instalação.
Mas penso que seja um desobjeto artístico.

Os versos são delimitados pela mudança de linha, mas sua característica principal prende-se ao fato de ser um enunciado caracterizado pelo ritmo. Não se observa a prática de regras de versificação. Portanto são versos livres, pois não apresentam igualdade entre os sons – um jeito contemporâneo de fazer poesia.

O poema, título representado pelo cardinal 13, pode ser dividido em dois movimentos: o primeiro, quando Bernardo é criança (“Desde criança ele fora prometido para lata/...”); o segundo, seus objetos (“canivete de papel” e “Guindaste para Mosca”).

Observa-se que às palavras, são aplicados novos significados, novos valores, outros usos, por exemplo: “canivete de papel”, “merecido de águas de pedras de árvores de pássaros” e o guindaste usado para moscas, uma produção que ultrapassa o permitido, o legal, o normal. Outras sentenças, como “Esse engenho, pra funcionar, havia que estar/Ligado por uma correia aos ventos da manhã” e “funcionava ao sabor dos ventos” causam espanto em quem as lê.

Pode-se relacionar esse estranhamento despertado no leitor ao fato de não conseguir mais reconhecer a palavra. A matéria, os objetos do mundo exterior apresentam-se ao poeta de forma diferenciada como se ele mesmo estivesse em devaneio. E é assim que nascem suas relações e interligações, tais como desobjetos artísticos. Seus versos mostram que as palavras poucas vezes estiveram tão às avessas.

Por fim, este poema é uma volta à infância, aliás, este tema está presente em diversos poemas das diferentes épocas de suas composições poéticas.

Os ervais

Raquel Naveira

Os ervais se estendem como um manto,
Muralha verde e movediça;
Cada folha é a vida de um homem
E todas juntas contam a história deste sul,
Deste estado calcado em sangue e clorofila.
No mesclado vegetal
O ervateiro é rude,
Puro músculo de tigre,
Mas na noite profunda e silenciosa
Sabe embalar o filho
E amar com ternura a mulher guarani.
Pela manhã, madrugada ainda,
Sonda o tempo:
O verão torra a terra,
Urutau, ave do sol,
Pousa sobre as erveiras arredondadas.
Ao trabalho!
Não importa o sacrifício,
O que vale é o mate;
Não importa a liberdade,
O que vale é a produção;
O patrão tem chicote de lagarto papo-amarelo
Para arrebentar todos os órgãos e sonhos.
Se tem baile,
Por um momento esquece a luta;
Quanta fita encarnada,
Quanta chica bonita!
Mas por ciúme ou desdita,
Pode haver quebra-quebra,
Sururu bravo

E acabar em defunto,
Em peito aberto a navalha
Como um cravo colorado.
Se a tarde ameaça chuva,
Os espíritos caminham no lusco-fusco:
É o duende que vem na garoa,
É a alma feminina do fogo e da erva-mate;
Onde a estrela d'alva
Com seu leite,
Sua bênção branca?
No pequeno cemitério da fronteira,
Povoado de cruzes esquálidas,
Trançadas por tiras de pano
Que lembram rotos sudários,
Há tantas vítimas,
Tantos heróis,
Tantos carrascos...
E lá, onde começava o manto dos ervais...
Ainda se ouvem os gritos de ira e entusiasmo dos ervateiros!

In: O arado e a estrela

Raquel Naveira, poetisa sul-mato-grossense, premia o leitor com os versos verdes do poema intitulado *Os ervais*, acima transcrito. São mais de 45 versos, apresentados como um todo autônomo, dependente de um contexto histórico amplo de significações regionalistas. A disposição das linhas faz-nos pensar em versos, mas não se pode observar uma metrificação regular. A largura desigual das linhas surpreende e solicita uma observação mais atenta de modernidade.

O texto mostra-se atemporal. O título e o texto especificam determinada lida, localizando-a no tempo e no espaço – uma espécie de repatriação do passado, quando a grande dama Naveira lembra os horrores nos ervais:

Os ervais se estendem como um manto,
Muralha verde e movediça;
Cada folha é a vida de um homem
E todas juntas contam a história deste sul,
Deste estado calcado em sangue e clorofila.

O patrão, que estimula a violência, é reconstituído na injustiça secular contra os pobres e humildes: “O patrão tem chicote de lagarto papo-amarelo/ Para arrebentar todos os órgãos e sonhos.”

O realismo fantástico surge nas tradições relacionadas à atividade ervateira - a sedução é arma do diabo:

Quanta chica bonita!
Mas por ciúme ou desdita,
Pode haver quebra-quebra,
Sururu bravo
E acabar em defunto,
Em peito aberto a navalha
Como um cravo colorado.

É importante a reflexão do cemitério da fronteira. No território da poesia, Naveira é uma observadora incansável de caminhos neo-historicistas:

No pequeno cemitério da fronteira,
Povoado de cruces esqueléticas,
Trançadas por tiras de pano
Que lembram rotos sudários,
[...]

Isso significa abrir novas possibilidades para a poesia e história. O leitor é um testemunho de haver visto e ouvido, por aqueles matos, tantas vítimas,
Tantos heróis,
Tantos carrascos...

E lá, onde começava o manto dos ervais...
Ainda se ouvem os gritos de ira e entusiasmo dos ervateiros!

Quantos desses pobres homens ervateiros não conseguiram vencer a balança pesada da carga. Quantos ficaram mortos recostados sobre suas cargas: “Ao trabalho!/ Não importa o sacrifício,/ O que vale é o mate; / Não importa a liberdade,/ O que vale é a produção;”.

Fica uma pergunta e uma resposta: “Onde a estrela d’alva/ Com seu leite,/ Sua bênção branca?”

- Banha grandes ossuários de esqueletos enterrados nos ervais.

Quixeramobim Saudades

Guimarães Rocha

Esta terra me pertence
Indestrutível no coração
Suave amor alimentado
É certidão de posse real
Possuir porém não bastou
Exijo e quero cantar
Eu nasci no pé da serra
Com o Rio Quixeramobim
A água bate na pedra
E a saudade dói em mim
Minha terra é tão boa
Que de boa racha e sangra
Onde o pássaro senta e voa
Como eu
Só quem está distante canta
Se cantar saudades matasse
Acalmava meu coração
Como saudade não mata
Vamos cantar um baião
Balança neguim balança

Balança pra lá e pra cá
Eu canto a minha terra
Eu canto o meu Ceará
Ceará é charque
É sempre alimento
Do corpo e do coração
...

A voz poética de “Quixeramobim Saudades” encanta o leitor por abranger, a um só tempo, as imagens da terra natal e as duas faces do coração de Guimarães Rocha: a poesia e o canto.

A certidão de amor à terra cearense vem com os versos iniciais: “Esta terra me pertence/ Indestrutível no coração/ Suave amor alimentado/ É certidão de posse real”.

Este poema compõe-se de sete estrofes e 26 versos. Nestes, encontra-se um procedimento que se chama técnica da fusão, ou seja, ao lado das palavras referidas à terra, ressoam outras, de todo diversas como: “Balança neguim balança/ Balança pra lá e pra cá”.

Esses versos não são impróprios; apenas realizam o grande salto da fusão na diversidade. Com isso, a composição inteira fica impregnada de solidariedade ao sofrimento e às aflições das mulheres de cor.

É quando se pede que todos cantem o baião: “Vamos cantar um baião”. A festa animada começa: “Balança neguim balança/ Balança pra lá e pra cá/ Eu canto a minha terra/ Eu canto o meu Ceará”

Sua maior força é o canto, que agora se soma à dança. Ambas aproximam-se do encantamento, por isso é preciso cantar o Ceará do charque – “sempre alimento/ Do corpo e do coração”. Mas o canto, o rio, a serra, a dança levam à saudade: “ Eu nasci no pé da serra/ Com o Rio Quixeramobim/ A água bate na pedra/ E a saudade dói em mim”.

Que terra é essa? Que de tão boa “racha e sangra” ?

– É aquela onde “o pássaro senta e voa/ Como eu/ Só quem está distante canta” uma saudade, uma funda tristeza no peito.

É o Ceará – de corpo de “neguim” e coração de pássaro.



GERALDO RAMON PEREIRA



Nasceu em Maracaju (MS), em 1939. Professor universitário (área biomédica). Dedicase também à música regional. Autor de “Poemas Íntimos”, “Estrelas de Sangue”, “Caroço de Manga”, “Álbum de Sonetos”, e “Auroras e Crepúsculos”, entre outras obras. Ocupa a cadeira nº 39 da Academia.

Milagre do amor

Nem Julieta ou Marília de Dirceu
Amaram tanto e tão eternamente,
Como me amas, amor, e o quanto é teu
Este ser que te amando é onipotente!

Vives por mim! Por ti eu sou vivente!
Nossas vidas o etéreo dissolveu!...
E mesmo na tristeza sou contente,
Me fazes crente, se me sinto ateu!

Mas, também ciente de um final inglório,
Sonho a certeza de um milagre lindo:
Quando for de um de nós o frio velório

E o outro entrar, a pungente dor sentindo,
Todos verão, num pasmo exclamatório,
Que o morto move o olhar e chora rindo!

Reflexões natalinas

Desde a infância fugaz que descortino
– Envolto em sonho de magia e luz –
A imagem sacrossanta de um Menino,
Que cresceu santo, mas morreu na cruz!

Salvar a humanidade, eis seu destino!
Mas o homem se esconde em mau capuz
E em pecado e maldade, ao desatino,
Finge, na maioria, amar Jesus!

“Amai-vos uns aos outros!” – Ele disse.
Mas, em vez de afeição e fé etérea,
Muitos dão, uns aos outros, canalhice.

Dádivas, no Natal, têm seu valor...
Mas desde que os presentes de matéria
Sejam sempre embrulhados com amor!

Duas mães

Confesso arrependido, meu Jesus,
Que invejo às vezes o teu santo status...
Teu Pai é do Universo o gérmen-luz,
O meu foi só um santo lá dos matos.

Tudo em Ti é perdão, e amor reluz,
Nem sempre são humanos os meus atos...
Foste Rei mesmo escravo numa cruz,
Sou escravo de reinos insensatos!

Em tudo tua essência me suplanta,
Ser teu servo e teu súdito me encanta,
Mas em algo não tens supremacia:

A mãe em quem forjaste a vida minha
Dá-me o mesmo amor-santo que se aninha
Em tua mãe-santíssima – Maria!

Quatro reis... Dois destinos

Na humilde manjedoura dormitava
Um rei-menino da mãe ainda quente...
E uma estrela de mística luz alva
Guiava os três reis magos d'Oriente.

Na caverna José a Deus orava,
Maria delirava de contente...
Ela em fé já sentia o quanto amava
Quem ia amar o mundo e toda gente!

Os reis magos se foram pela aurora
Qual todo rei que chega e vai-se embora
Pelo Tempo a ofuscar-lhe a claridade...

Mas o Rei a quem deram seu presente,
Este veio e acendeu-se eternamente
Num sol de fé e amor à Humanidade!

Inspiração natalina

Como a água espectral de seca mina
Que, à chuva intensa, eclode novamente,
Também me aflora a inspiração divina
Quando mais um Natal me chove à mente...

Doce emoção me tange e me domina,
E o amor a Cristo jorra em tal torrente,
Que em celestial dilúvio eu cumpro a sina
De fiel cristão e poeta reverente!

E então componho mais uma poesia,
Graças legando à Virgem-Mãe-Maria
Pelo soneto feito em dor e luz:

A dor é o sofrimento do seu parto,
Que vira luz – prazer de que me farto
Sentindo em tudo renascer Jesus!

Cruel realidade

Em plena era em que “ficar” é o lema,
E a “família” agoniza esfacelada,
Surge-me alguém, a frente em luz-diadema,
Com pureza e pudor divinizada...

Do século vinte e um uma Iracema,
Que ao velho poeta vem jurar, curvada,
Eterno “amor à antiga”. E eis que me queima
A chama da esperança reencontrada...

Naquele instante, de joelhos caio
E de emoção fatal quase desmaio,
Em doida prece pelo amor febril...

Torpe ilusão de poeta mais otário:
Minha vida amorosa é um calendário
Que só sabe mostrar-me o “1 de abril”!

Ao Antônio Lopes Lins

Não mais aquele riso de chegada
Com que feliz e alegre me acolhias...
Não mais, no teu olhar, iluminada,
A alma prene de sabedorias!

A vida é pela morte fulminada...
Em verdade, esta lei tu contrarias:
E tua partida é para nós chegada
À consciência do quanto tu valias!

Lins: “Penso, logo existo”, disse alguém;
Pois serás imortal no pensamento
Que a ti devotaremos lá no além...

E te amaremos tanto e de tal sorte
Que tua vida há de servir de alento
No eterno pranto pela tua morte!

Sonho dourado

Na vã desesperança que se espalma
Por meu ser sem alento e quase morto,
Sem mais remédio à dor da triste alma,
Busquei ressuscitar o inerte corpo.

E eis que um vislumbre de esperança acalma
Todo o amargor de um vago viver torto:
Teu olhar – que me orvalha qual a palma,
Teu riso – que é oásis... meu céu-porto!

Como a ave que busca de tardinha
Seu ninho colorido de arrebol,
Sonho ser só teu – tu somente minha! –

Em um leito florido em girassol,
Onde minh'alma à tua em amor se aninha,
Os corpos se queimando ao mesmo sol!

Reflexões de alerta

Implacável e dura realidade esta:
A rósea adolescência, energética e nobre,
Que de tanta ilusão e sonhos nos encobre,
Vira rugas, traçando o fim em nossa testa.

No mundo, muita gente às vezes só descobre
Que da tulha da vida pouco grão lhe resta,
Quando vê que a vã luta vazou pela fresta
Do não se contentar em ser um feliz pobre.

Não viveu, pois, a vida, só buscou fazê-la,
A queimar a saúde, o tempo, a fase bela...
E eis que o tempo passou e lhe roubou a sorte.

Vê então – sem fé, trôpego ao fim da corrida –
Que apenas um futuro é certo nesta vida:
Velhice – trágico aperitivo da morte!

Cantata sertaneja

No encantado planalto sul-mato-grossense,
Bordado de cerrado, ervais e camparias,
Vê-se um bolo de festa e agrestes iguarias,
A que seres vivos, por amor, atêm-se:

Índios e brasiguaios em sãs alegrias
Se unem aos animais com emoção e suspense,
Todo mundo cantando, em louvor que convence,
“Parabéns a Você” – a um rei das pradarias!

É o jus a quem decanta, seja em prosa ou verso,
– E como ninguém! – nosso matuto universo,
Um filho nioaquense, o mais culto e sobejo...

Juntos cantemos, gente minha tão querida,
A toda uma existência em Arte e santa vida
Deste imortal caboclo – nosso Hélio Serejo!

Inconformação

Para tudo há remédio neste mundo,
É a lei da vida que nos dita a norma:
Nos rouba o tempo um amor mais profundo
E o próprio tempo ilude e nos conforma!

Neste molde de Deus eu me confundo,
E não aceito a sina desta forma:
Não é certo perder-se um bem fecundo,
Um bem que em nossa vida se transforma!

Por isso, Amor, se um dia, em desencanto,
Fores viver sozinha, eu, noutra canto,
Sempre a vida hei de resgatar em ti...

Pois se não mais eu for levar-te flores,
Nem canções, nem sonetos, nem amores,
É porque simplesmente já morri!

Desencontros

Dá-se o encontro primeiro nas entranhas
Da fêmea-mãe, convulsa de prazer...
Depois, no parto, as dores são tamanhas,
Que tal destino desencanta o ser!

Em aperto nascas e ao nascer apanhas,
É o destino da vida à dor nascer...
Buscas os seios, pegas logo as manhas
Do sugar dependente, até morrer!

Assim, entre o destino e a vida aflora,
Para cada prazer, um desatino...
E é tanto contra-senso a toda hora,

Que em vice-versa é que se chega ao tino:
A cada encontro pela vida afora,
Por dentro um desencontro do destino!

De mão em mão

Qual cego, passo a passo com seu guia,
Pelas mãos do destino fui levado...
Pelas trevas da vida então seguia
No enalço de algum sol a mim negado!

Mas, outras mãos busquei, pois perseguia
A esperança longínqua do eldorado...
E quanta angústia e dor, nunca alegria,
Me deram mãos de tato congelado!

Ah! por vezes me quis roçar, a medo,
Terna mão, que supus felicidade...
Que pena! Havia espinho em cada dedo!

Mas, boa ou má, aquela mão me vinha...
E eis que agora, cruel, um caos me invade
E mão alguma vem tocar na minha!

Meus funerais

Quando morrer eu peço singeleza
Nos adornos do féretro sereno...
Camisa esporte, música por reza,
Nas mãos um crucifixo bem pequeno.

Santas mulheres sonho junto à mesa:
Filhas, esposa, a minha mãe! Que ameno
Sinceras lágrimas de amor-pureza
Me aguando na aridez do inerte aceno!

Que a terra que amo, pela mão do vento,
Adube os ramos de flor sobre mim,
Já molhados de pranto e sofrimento...

E que por isso haja um milagre assim:
Sobre meu corpo, ao tempo desatento,
Vá crescendo um canteiro de jardim!



GUIMARÃES ROCHA

Antônio Alves Guimarães nasceu em Quixeramobim (CE) e reside em Campo Grande (MS) desde 1980. Poeta, professor, e produtor cultural, é major da reserva da PM/MS. Escreveu 20 livros, dois deles inéditos. Está em busca do reconhecimento pelo Guinness Book pelo recorde poético - www.guimaraesrocha.com.br. Recentemente lançou "Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grosense". Autor do CD "Encanto". Ocupa a cadeira nº 4 da Academia.



O Segredo das Águas

Donde vêm as águas?

- Do laboratório divino

O fluido é condensado em água

Que cai

Sobe

Brota

Despeja

Corre

Alimenta

Multiplica

Substâncias

O dom das águas é fluir

No nascedouro

E mesmo depois

De represada

Em outra fase não fugirá

À força divina do eterno fluir

Até o charco ainda que
Aparentemente imóvel
Elabora em segredo
No calor das essências
A vida luxuriante que depois se expõe
Miraculosamente

No pantanal o mistério
Das águas
É sublime ainda mais
Suas temperaturas cambiantes
Acalentam variedades
De animais
Num tanto que desafia
A imponência da matemática

A água é fiel veículo
- Não a envenene
Mesmo por pensamento
Para que tal ato não se converta
Em conseqüências desastrosas
Acionando outras águas
Para verterem com amargura
Dos olhos do teu filho

A Lenda

Boca-de-sapo
Onça pintada
Aracnídeos

O medo é grande
No imaginário pantaneiro

Nada é mais real
Que a lenda
Quando a mente cria
O fantástico factível

O nativo
Acordado sonha
E se vê realizado
No mundo mágico
Não destrói em vão
- Preserva naturalmente
Mas ainda anseia o progresso
E a evolução à porta lhe traz
O bom mas também
O inteligente ambicioso
Que soma à tecnologia
O cruel egoísmo voraz
Que fazer para evitar
O desastre?

Nem o medo e o modo
Do estacionário ingênuo
Podem assim permanecer
Nem a máquina fria
Irresponsável que aniquila
E os métodos imorais
De exploração maciça
Poderão prevalecer

Há uma solução plausível

Entre a lenda e a realidade
Da globalização

Tal medida é o coração
Atualmente na ação progressista
Reverente na base do bom senso
E o reconhecimento
Da globalização

Tal medida é o coração
Atuante na ação progressista
Reverente na base do bom senso
E o reconhecimento
Da essência espiritual
Que se espraia por todo aquele mundo
- Chamada “tudo quanto é sagrado”
Diante da qual toda agressão
É sacrilégio
Ou simples assassinato.

Chuva pantaneira

Depois da decisão
De precipitação
Quem poderia impedir
A chuva?

No coração do Pantanal
O jacaré guarda os olhos
Protegendo as órbitas
Submerge

Nada
Vem à tona
E se desloca
Pra toca úmida e quente
Sua função agora é aguardar

Há um profundo instinto-respeito
Dos bichos no seio
Da mãe-natureza

Trocam o arrulhar
As aves
Pela quietação expectante
Cada qual no seu momento
Vital

No tocante à chuva
Que passa a reinar soberana
Assessorada pelos agentes
Do raio e do trovão
O silencio se faz
Até que as águas
Comecem apenas a correr
Em vez de desabar

Devagarzinho os baques
Tornam-se embalos sutis
Da natureza

Como querem os pássaros
E tudo o mais que vive
Eis de novo

O sol e as aragens
Nas terras baixas
Elevações e morros
Entranhados pelo Rio Paraguai

A celebração permanente
É retomada simplesmente
Ao impulso do Divino Regente
De todas as coisas

É tanto pio
Tanta voz de fauna e flora
Que diante do majestático
Meus olhos não contêm
As lágrimas de alegria
De minh'alma comovida
A cantar:
- Quanta luz! Quanta luz!
- Quanta alegria! Quanta alegria!



HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA

Nasceu em Corumbá (MS), em 1917 e faleceu em Campo Grande (MS) em 29/07/11. Desembargador aposentado. Residiu em Aquidauana (MS). Escreveu para jornais do Estado. Autor de “A Fascinante Natureza Humana”, “Fragmentos do Cotidiano” e “As Flores que não Morrem”. Foi casado com Dirce Jordão Serra. Ocupou a cadeira nº 3 da Academia.



Ulisses Serra - Nosso orgulho

Para algumas pessoas da nova geração, Ulisses Serra é conhecido apenas por duas das suas marcantes realizações: autor do livro CAMALOTES E GUAVERAIS e fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Esses dois fatos – brilhantes, não há dúvida – em verdade esfumaram as atividades múltiplas que Ulisses Serra exerceu anteriormente, neste Mato Grosso antigo, marcando indelevelmente as áreas onde atuou com sua portentosa inteligência e o seu espírito de equilíbrio e ponderação.

Nascido em Corumbá, filho de Júlia Barbato de Almeida Serra e de Arnaldo Olavo de Almeida Serra (este, funcionário público federal, escritor e poeta, descendente do engenheiro militar português Ricardo Franco de Almeida Serra), Ulisses criou-se em Campo Grande. Diplomou-se perito contador em São Paulo (capital), cursou até o terceiro ano a Faculdade de Direito de Petrópolis; casou-se com Constança, filha do jornalista e professor cuiabano Ovídio de Paula Correia.

Do seu moderno escritório de contabilidade, situado à Rua 14 de Julho, Ulisses foi levado à vida política (quase contra sua vontade) e

eleito deputado estadual classista. Posteriormente, foi nomeado pelo presidente da República Getúlio Vargas para membro do Conselho Administrativo do Estado de Mato Grosso, servindo a esse órgão durante um ano e meio. Renunciou para assumir as funções de tabelião e escrivão do 5º Ofício da comarca de Campo Grande. Foi presidente do diretório municipal do Partido Social Democrático (PSD). Mais tarde (ainda por insistência dos amigos), candidatou-se e foi eleito vereador em Campo Grande, quando encerrou, em definitivo, sua carreira política, não aceitando nem quando, anos mais tarde, o quiseram como candidato de conciliação apoiado pelos dois grandes partidos PSD e UDN.

Na mocidade, dando largas ao seu entusiasmo de jovem, fundou, com Osvaldo Pereira, a Ironia, jornal lírico e zombeteiro. Ajudou a fundar uns dos primeiros clubes de futebol de Campo Grande, ao tempo em que somente existiam clubes militares e um outro, do Ginásio Dom Bosco. Em homenagem ao protomártir da nossa independência, o clube chamou-se Tiradentes Futebol Clube. Integram-no, como consta em CAMALOTES E GUAVIRAIS, Ulisses, Augusto Barbato (nosso primo), Osvaldo Pereira, Heretiano Rios, Fanci Medeiros, Eurípedes Rabelo, Tauri Ramos, Gasparino e Lima. Os jogadores trajavam meias vermelhas, calção branco, camisa vermelha (escarlate, como disse Ulisses), de mangas compridas, gola e punhos brancos.

Quando da sua fulgurante passagem por Cuiabá, como deputado e como membro do Conselho Administrativo, Ulisses recebeu as mais carinhosas homenagens. Em 25 de junho de 1941, foi nomeado para exercer, efetivamente, as funções de tabelião de notas e escrivão do 5.º ofício da comarca de Campo Grande. Essas funções, ele as exerceu com diligência, probidade, tato e honradez, granjeando, assim, a estima e o respeito dos seus colegas, dos juizes de direito, dos advogados, dos funcionários e da clientela do cartório.

Pertenceu à Academia Mato-Grossense de Letras. Tomou posse na memorável noite de 8 de abril de 1963. Apesar de tê-la exercido, a política jamais o seduziu. O seu espírito fino, leal, sincero, não se coadunava com os meandros, com as reticências, com a flexibilidade

que, às vezes, a própria política exige. De boa estatura, possuía uma fisionomia espantosamente simpática, risonha, olhos seguros como duas bolitas negras, de onde refulgia um brilho intenso e, no sorriso bondoso, um laivo de ironia, quando, às vezes, se defrontava com pessoas prosaicas, vaidosas e vazias.

Ulisses Serra faleceu no Rio de Janeiro, no dia 30 de junho de 1972. Transportado para Campo Grande, seu corpo foi velado na Câmara Municipal, onde centenas de amigos, conhecidos e admiradores foram levar sua derradeira homenagem ao fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Acompanhamos o corpo de Ulisses do Rio a Campo Grande. No velório, marcaram-nos fundamente as palavras do professor Aecim Tocantins, que nos abraçou comovido: “Heliophar, ninguém desejava a morte de Ulisses, nem a família nem os amigos. Mas, se analisar friamente os fatos, Ulisses faleceu no momento culminante da sua vida: quando escreveu um livro e fundou uma grande Academia! Desapareceu no apogeu da sua inteligência e do seu vigor físico! Foi o sol que se apagou no zênite! E dele é essa a maravilhosa imagem que guardaremos para sempre!”

Repousa Ulisses, hoje, na generosa terra de Campo Grande, que ele tanto amou, e em obediência ao seu desejo expresso: “Se eu morrer alhures... morrerei um exilado... Aqui, não morrerei de todo. Ouviria o passo e a voz dos amigos, o gorjeio dos pássaros que amo, o farfalhar das frondes que conheço e o bater do coração da minha casa!”

Ulisses foi o líder natural e zeloso conselheiro de toda a família, que a eternizou com seu trabalho, seu caráter e suas obras.



O cartão do senador

Assumi a comarca de Porto Murtinho o juiz de direito Dr. Adorlano Seixas Alves (nome fictício).

Solteiro, ainda jovem, de estatura mediana, magro, com um linguajar típico de carioca, calçando alpargatas, mandou fixar em sua bicicleta (o juiz ganhava tão pouco que só podia andar de bicicleta) uma placa com o seguinte dizer MAGISTRATURA; numa caixa de madeira presa à parte traseira carregava os processos. Andava sempre armado. Ao vergar o corpo e agarrar o guidom da sua indefectível máquina, o cabo do revólver calibre 38, cano longo, levantava o paletó como mastro forçando lona de circo. Não tinha papas na língua. Para ele, todas as pessoas eram viga (vigaristas); até os advogados.

Certa vez, uma menor de dezesseis anos foi desvirginada e os pais apresentaram queixa-crime, com base no art. 217 do Código Penal. O inquérito ainda não havia saído da delegacia e o juiz de direito já esbravejava pelas esquinas, em alta voz:

- Esse cara que comeu a menor é um viga! É um miserável! Mas, comigo não! Comigo não tem mumunhas! Entrou, levou! Esse pilantra vai tomar uma porrada de quinze anos de cadeia! No duro!

Falava e olhava os efeitos de suas palavras, nos perus de roda. Um deles não perdeu tempo! Pendurou na bajulação rastaqüera:

- É isso mesmo, doutor! Há muito que nós precisávamos de um juiz firme e correto como o senhor, graças a Deus!

O dr. Adorlano sorriu, vaidoso, e continuou sua arenga de chama-mosca-no-mel.

Mas tanto falou, tanto ameaçou, que a família do indiciado entrou em pânico; recorreu ao chefe político local. E lá do Rio de Janeiro veio para o juiz um cartão do então poderoso senador Filinto Müller. Cartão simples, inócuo. Elogiava o juiz, as suas qualidades morais e intelectuais e solicitava – “se possível” – pressa no julgamento do processo, para condenar ou para absolver, com rigor, mas pressa, porque a família do indiciado vivia em constante sobressalto.

O dr. Adorlano babou de satisfação. Recebera um cartão do cacique estadual; mais do que isso, do cacique nacional, o grande Filinto Müller. Convocou imediatamente uma reunião, no fórum, a portas fechadas.

Ao iniciar a reunião, Ênio Sales, um dos chefes políticos locais, pediu a palavra:

- Meus senhores. Esta reunião é de suma importância, e ninguém melhor para presidi-la do que o nosso amado chefe.

E ato contínuo, colocou sobre a mesa um enorme quadro com o retrato do senador Filinto Müller, semeando a seu redor rosas vermelhas. Presentes: o juiz de direito, o indiciado, o pai e o seu advogado (César Froes).

O dr. Adorlano, depois de passear seu olhar pelos presente, consentou a garganta e lascou:

- Sou um juiz severo e não admito bandalheiras na minha comarca. Estava disposto a condenar esse patife (apontando o indiciado) a quinze anos de reclusão. Mas, meus senhores, como já disse o famoso escritor inglês Schakespeare, há razões que a própria razão desconhece. Recebi cartão de um ilustre amigo, do senador Filinto Müller, a quem nada posso negar, por isso, mudei de opinião; vou absolver o indiciado, ou condená-lo na pena mínima e conceder sursis, por ser primário.

Alguém bateu palmas, e ele incisivo: - Parem! Guardem essas palmas pra suas negas. Está encerra a sessão.

Levantou-se, mandou todo mundo embora. (Na pressa, esqueceram o quadro do senador Filinto). Ao chegar à porta, parou, virou-se para trás: - Senador: já paguei a minha dívida com o senhor. Estamos quites. E, agora, escafeda-se. Não me peça mais coisíssima nenhuma, tá?

Falou. E bateu com violência a porta atrás de si.



Dinheiro vivo

“Sim, o dinheiro à vista é a lâmpada de Aladim.” (Byron)

Ele recordava com volúpia o juramento que prestara no dia de seu casamento, há mais de quarenta anos, numa igreja iluminada, repleta de parentes e de amigos. Repetia de cor, mentalmente: – Prometo ser

fiel na alegria e na tristeza, na saúde, ou na doença, amando-te e te respeitando por todos os anos da minha vida.

Cumprira fielmente o juramento feito, às vezes com dificuldade – é verdade – mas cumprira. Amava a esposa e Lisbeth o amava também. Viviam em constante lua-de-mel, mesmo após a criação dos filhos.

No aniversário de casamento, almoçavam com os filhos, mas, à noite, jantavam a sós, num restaurante de luxo, discreto, à luz de velas. Depois, curtiam músicas românticas, dançavam e encerravam a noite com brinde de Chandon Moet. Essa comemoração faziam-na todos os anos. Virou tradição.

Generoso, Carlos Alberto nada negava à esposa: vestidos, jóias, perfumes, viagens. Não dava, no entanto, dinheiro vivo – isso não – a não ser íntimas quantias. Lisbeth compreendia a mania do seu marido e a respeitava. Em compensação tinha crédito ilimitado à sua disposição nas maiores casas da moda do Rio de Janeiro.

– Meu Deus, não tenho roupa – exclamava Lisbeth. – Estou nua. Não sei como

comparecer, amanhã, à recepção da embaixada francesa.

Carlos Alberto contemplava, sorrindo, o guarda-roupa da esposa, estufado de

vestidos lindo e modernos. Compreendia perfeitamente a expressão “estou nua”. Significava que Lisbeth não dispunha de vestido novo para exibi-lo às amigas, naquela ocasião. Essa aparente futilidade era, afinal, o encanto das mulheres e o desespero de alguns homens.

Carlos Alberto confiava sempre no bom senso de Lisbeth – que sabia gastar com equilíbrio. Gastava tão somente para ser elegante, não para ser a mais elegante.

E, dessa maneira, deslizaram os anos, suavemente.

Num certo domingo de maio, Carlos Alberto e Lisbeth encontravam-se no interior fluminense, aonde ele fora a serviço, por algumas semanas. Pela manhã, dirigiram-se a igreja, assistiram à missa, comungaram, felizes. À tarde, Carlos Alberto telefonou e conversou animadamente com seus quatro filhos, no Rio. À noite, antes do jantar, bebericou um

escocês e dançou com Lisbeth, agarradinhos. Eram dois corações, entrelaçados, rodopiando pelo salão. Mais tarde, enquanto Lisbeth dava ordens à empregada, Carlos Alberto recostou-se num sofá, acendeu um cigarro, aspirou a fumaça com prazer, e... tombou morto, fulminando por violento ataque cardíaco. Morte feliz, rápida para ele, não para Lisbeth, que entrou em parafuso, desesperada, desatinada.

Quatro dias mais tarde, após o sepultamento, Lisbeth recebeu, surpresa, polpuda importância do seguro de vida, em dinheiro vivo. De estalo, sofreu radical transformação. Ela – que nunca tivera dinheiro vivo na mão – ficou fascinada. E fascinada reagiu, como se estranha força penetrasse no seu espírito, nos seus nervos, na sua carne. Enxugou as lágrimas, levantou a cabeça. Passou a gastar com volúpia. Sentia estremecimento de orgasmo toda vez que preenchia cheques ou debulhava notas graúdas da sua carteira filetada de ouro. O maior impacto para os amigos foi quando compareceu à missa de sétimo dia do marido, elegantíssima, maquiada, num resplendor à Lady Di, numa recepção no Palácio de Whinthewall, em Londres.

– Não sei como visitar Lisbeth – comentou Luís Antônio, velho amigo do casal,

recém-chegado do interior. Desconhecendo ainda a “ressurreição” de Lisbeth, temia enfrentar a desolação da viúva. – Calculo como Lisbeth deve estar sofrendo e desesperada.

– Ledo engano, meu irmão. Pode visitá-la sem susto. Lisbeth está superconformada.

Luís Antônio não quis acreditar nas palavras da irmã. À noite foi visitar Lisbeth.

Antes de chegar à porta, ouviu a risada cristalina e alta de Lisbeth, que conversava animadamente com as amigas, no interior da casa. Mal pressionou o botão da campainha, as risadas cessaram e Lisbeth apareceu tranqüila, abraçou risonha o velho amigo como se o marido tivesse falecido há milênios.

Meses depois, cessada a euforia do dinheiro vivo, Lisbeth despencou em profundo desespero, afogada em lágrimas, dia e noite. A

volta da consciência e do sofrimento transformou-a num espectro de mulher, magra, absorta, infeliz. Internada numa casa de saúde, faleceu, em seguida, numa noite tranquila de setembro, agarrada ao retrato do marido.

Dizem os namorados que, naquela noite, viram surgir duas novas e estranhas estrelas, cirandando no infinito do céu: Carlos Alberto e Lisbeth?

(História verídica da vida e morte de um casal amigo, no Rio).



J. BARBOSA RODRIGUES



Nasceu em 30 de junho 1916, em Poços de Caldas/MG. Chegou a Campo Grande na década de 40, e aqui exerceu o magistério de forma pioneira, em vários estabelecimentos de ensino. Diretor-Presidente do Grupo Correio do Estado, o Jornalista e Professor J. Barbosa Rodrigues foi membro-fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, tendo exercido a presidência desta entidade em 1983. Faleceu em 19/03/2003, aos 86 anos de idade. Deixou obras como: “História de Mato Grosso do Sul”, “Pedras Lascadas” e “Meus Haikais”.

HAIKAIS (do seu livro autoral “Pedras Lascadas - Poemetos nipo-brasileiros, 1998) -

Após o explodir
da dinamite só restam
as pedras lascadas.

O homem ao nascer
recebe áurea moeda.
Um dia dará conta.

Amar o Próximo
sempre foi a ordem do Mestre.
Por que não a seguimos?

As flores, que lindas
nascem em nosso coração,
também têm o seu fim.

Amar uns aos outros
foi ordem do meigo Jesus
ao amigos seus.

Batalhões de espinhos
protegem as rubras rosas
que bailam ao vento.

Quem com ferro ferir,
só pode ser perdoado
se com ferro pagar.

Colher flores duma
planta é abortar os frutos
que nascer iriam.

Dar flores é querer
agradar alguém querido
com morte dos frutos.

Os lábios quentes
e teus beijos ardentes
só falam de amor.

Insone, triste e só,
acaricio lençóis
que a ela cobriram.

Vento vai, vento vem...
só meu bem vai e não mais vem...
por que se foi e não vem?

Da terra de Sabá
viera a musa do velho
vate e rei Salomão.

Do barro nasceu Adão.
de uma costela Eva surgiu.
do amor nascemos nós.

Um galho de oliveira
no bico de branca pomba:
fim do dilúvio.

Deixando o seu leito
o maior rio fronteiro
forma o Pantanal.

Todo o meu Pantanal
se cobre de águas quando
cresce o rio Paraguai.

Vegetal tapete
deslizando sobre águas –
camalote chama.

O pantaneiro chão
à habitação de cupins
chama-se tacuru.

Aqui no Pantanal
vagalumes e mosquitos:
grandes como avião.

Dois que bem juntos
comem uma saca de sal
mui bem se conhecem.

Um, bem preso na mão,
mais valor tem que dois
lá no céu voando.

Perfuma-se todo
o machado que golpeia
cheiroso sândalo.

É antigo dizer
o velho sol para todos
igualmente nascer.

Em noites escuras
todos os gatos se mostram
pintados de pardo.

Beijo não foi feito
para dois bem bicudos,
diz antiga gente.

Cantar é arte
de espantar tristes males,
dizem os antigos.

Pimenta que arde
no olho do teu vizinho
a ti refresco é.

O perigo do cão
nunca está no latido,
mas sim na mordida.

Galo quando canta
fora de hora, avisando
menina ir fugindo.

O que não foi visto
pelos olhos é certeza
coração não sentir.

O mundo desejar
pode ser prejudicial:
leva a tudo perder.



JOSÉ PEDRO FRAZÃO



Nasceu em Belém (PA), em 1955. Reside em Anastácio (MS) desde 1980. Professor e jornalista, fundou em 1982 o jornal "O Porta-Voz", em Anastácio. Foi secretário de Educação e Cultura de Anastácio. Dentre suas obras, destacam-se: "Nas Águas do Aquidauana eu andei" (romance ecológico) e "Tuiuiu My Brother". Ocupa a cadeira nº 29 da Academia, da qual é o atual Secretário da Diretoria.

Um orgulho aquidauanense

As homenagens póstumas devem ser pouco apreciadas pelos mortos. Por isso muitas personalidades são homenageadas em vida.

Assim, admirem a arte e exaltem seus artistas para que eles em sorriso morram nos braços da honra e no leito da glória. Porque o que dói não é a morte, mas a desonra e o esquecimento.

Por falar em arte, nunca me cansei de contemplar as cômodas e suntuosas dependências do Palácio Popular da Cultura, no Parque dos Poderes, em Campo Grande – aquele monumento arquitetônico, entre árvores naturais, traçado pela sutileza e inteligência do arquiteto Ruben Gil De Camilo para a comodidade da cultura sul-mato-grossense.

É uma obra e tanto.

Um misto de concreto e almofadas, espelhos e pedras, luzes e cores, espaço e luxo, segredos e jardins. Um aconchego digno para a arte e seus artistas, exposições, saraus, conferências e shows.

Certa vez encontrava-me anódino a vagar pelo saguão do palácio, como se quisesse descobrir algo mais em suas entranhas. Na verdade perdera-me na poesia daquelas pedras, nas palavras daquele silêncio e no ócio da imaginação.

Meus olhos maravilhados se arrastaram de inveja por dentro e por fora daquele prédio, numa investigação aguçada e prazerosa. E, sem que me desse conta, atravessaram as vidraças da sala principal e se foram colar na parede interna sobre um letreiro moldado em ouro, cuja composição gráfica formava o nome de uma pessoa – dada a proporção das letras só podia tratar-se de uma grande personalidade.

O meu olhar, ainda agarrado àquele nome que em alto relevo emprestava-se a denominar a sala de comissões, trouxe-me a identificação final. Era mesmo o de um ilustre cidadão sul-mato-grossense: um aquidauanense, querido e imortal, que recebera em vida, da Cultura do nosso Estado, esta digna e merecida homenagem.

Aquela agradável surpresa despertou em mim a alegria e o orgulho de ser aquidauanense, mesmo não tendo nascido em Aquidauana. O prazer de ser amigo do homenageado, mesmo estando aquém de sua grandeza. A satisfação de ser confrade desse escritor, mesmo não tendo o talento de sua verve literária. Essa pessoa fantástica dispensa maiores comentários, porque é um exemplo de vida e porque tanto orgulho já deu a Aquidauana e a nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Querem saber quem é esse misterioso homenageado que meus olhos descobriram em letras flamejando no Santuário Cultural do Estado? A sua vaidade não se assanha por isso, nem a sua simplicidade me permitiria alardear este tributo. Mas está lá, escrito em ouro, para imortalizá-lo e orgulhar Aquidauana, no Palácio Popular da Cultura: “SALA DE COMISSÕES HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA.”



Velório de peixes

Por alguns minutos caminhei na beira da praia, admirando aquele gigante que serpenteava em seu leito dizendo-me de suas dificuldades: – Eu também tenho os seus problemas, assim como os demais ricos

do mundo. Sofro diariamente agressões praticadas pelo homem. A destruição das matas ciliares que encobrem minhas margens é uma delas, pois permite que as águas da chuva me encham de terra e areia, sufocando-me com o assoreamento. Os pescadores de barranco cavam as margens em busca de minhoca, e os piloteiros ajudam a solapar a mata ciliar, com seus possantes barcos a motores. Além, é claro, do lixo, dejetos de esgotos, metais e venenos que atiram nas minhas águas, poluindo-me todo e eliminando o meu oxigênio. Nem sei por quanto tempo resistirei a esses ataques.

- Será que as pessoas fazem isso pensando que o mundo é um manancial de água inesgotável? – interrompi.

- Todos deveriam saber que a terra é um planeta de água salgada; apenas três por cento de toda a água é doce, e dessa quantia somente uma pequena parcela de cinco por cento é água externa – enfatizou o rio, advertindo: – O mundo inteiro está ameaçado de ficar sem água para consumo, no terceiro milênio, porque não preserva sequer seus recursos hídricos, a fonte da vida terrena. Mas, como tudo na vida, o homem só perceberá a verdadeira importância da água quando todas as fontes secarem.

Num relance rebusquei na lembrança imagens dos rios Taquari e Tietê, imaginando como é fácil para o homem matar um rio. Todos dizem amar a natureza, mas poucos são capazes de preservá-la. E quem não zelar não ama.

- Outro dia, quase mataram o Rio Miranda – falei.

- Conte-me a respeito. Quero ouvir sua versão – provocou-me o rio.

- Bem, o que eu sei é que no ano passado, poucos dias antes do início da piracema, quinhentas toneladas de peixes amanhecera boiando nas águas do Rio Miranda. Que os exames ictiopalógicos descartaram a possibilidade de acidente natural, pois ocorrera mesmo um crime comum – o envenenamento com produtos agroquímicos, oriundos das plantações.

- Isto não se deu apenas uma vez – disse o Rio Aquidauana. – muitas e muitas vezes, os famigerados produtores, pensando em seus

lucros, praticaram crimes iguais a este nos rios de nossa família pantaneira: Eu, o Paraguai, o Miranda, o Formoso, o Negro, o Taboco, o Dois Irmãos, o Nioaque, o Taquarussu, e ainda os córregos Acogo e João Dias – completou o nosso rio falante.

Então prossegui falando: – Os quilômetros de peixes mortos na flor da água do Miranda formavam uma negra mortalha passando como um fétido velório aos olhos dos turistas e dos pescadores. Os peixes morrerão sempre assim e assados. Na mesa do pobre é que poderá, de vez em quando, boiar uma sardinha enlatada.

Com suas águas um pouco turvas de tristeza, e contorcendo-se de dor, o Rio Aquidauana me olhava compenetrado, ansioso por mais um pedaço de prosa. Ele ficava lambendo carinhosamente os meus pés envoltos na areia da praia, como se eu fosse o único confidente de suas lamentações.

Bem próxima de nós, uma ponte velha que liga as duas cidades, como um arco-íris de metal, ouvia a nossa conversa murmurante, enquanto sustentava em seus pilares de concreto a sua pesada armação de ferro, o antigo peso do tempo e o moderno e inquieto trânsito das cidades irmãs. Às vezes, a ponte atirava um ou dois moleques nas águas, e eles boiavam perto de mim, com seus olhos de lontra e brilho de pacu no corpo. Só não boiava o corpo do jovem que sonhara ser um grande jogador de futebol.

O rio, atento a mim, não se incomodava com o barulho e atraía a minha atenção, interessado na conversa com o amigo. – Os amigos são aqueles que se ajudam, respeitam-se e mantêm um relacionamento sincero, honesto, sem traição ou mágoas. Essas qualidades são um verdadeiro bálsamo para o coração – dizia o rio, espreguiçando-se no leito e caricaturando uma cópia do meu rosto em seu espelho aquoso.



A morte do poema

Fecundava na alma um poema
Adorável, sutil, de amor talvez,
Com versos e rimas tão supremas,
Eloqüentes, de altíssima solidez.

Enfim, deu-se à luz fruto querido,
Como obra de divina perfeição,
Em estrofes de ouro concebido
E acolhido no berço-coração.

Foi noite de êxtase e alegria,
Paparicos, reis magos e presentes,
Músicas, musas, fantasias...
E lampejos de estrelas cadentes.

Mas, como a luz do sol-poente,
Que se apaga na abóbada vespéral,
Entristeceu o poema de repente
Inda no cálido afago maternal.

Seu rosto de risos ficou triste,
Seu corpo de febre se ardia,
Meu poema – meu filho – não resiste:
Meu rosto em seus olhos se esvaía.

Ao lado do seu leito entristecido,
Meu pranto assoalhou dor paternal,
Ao ver sucumbir o ente querido
Na alcova da inércia madrigal.

Meu raquítico poema, fraco, ao léu,
Nascituro, esquelético, despido,
Agonizara no canto do papel
Até o último sopro estremeado.

Minhas mãos se abraçaram em prantos
Meus olhos, afundados, transbordaram;
Tentei reanimar seus versos brancos,
Mas as musas da palavra não deixaram.

Euterpe me abandonou naquele instante
Em que parte de mim partiu pra sempre,
Jazido sobre a mesa, hirto, infante,
Entre lágrimas de velas refulgentes.

E do cadáver na lápide do escritório
Despedi-me indagando a Melpomene:
Por que naquele sinistro velório
A poesia abandonara o meu poema?



Maria da Glória Sá Rosa



Nasceu em Mombaça (CE). Radicou-se em Campo Grande, onde exerceu o magistério, transformando-se em excepcional agente cultural nas segunda metade do século passado: criou o Teatro Universitário de Campo Grande, organizou inúmeros festivais de música e de teatro. Seu nome está ligado a todas as iniciativas culturais a partir de 1960. Seu livro mais recente é “A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus construtores” (2011) em parceria com Albana Xavier Nogueira. Ocupa a cadeira nº 19 da ASL.

A trajetória dos 50 anos (de luta) da Aliança Francesa de Campo Grande

Afirmo que a memória é uma faculdade maravilhosa e o dom de reviver o passado é surpreendente e muito melhor que o de ver o futuro.

Anatole France

Impossível remontar aos 50 anos de luta da Aliança Francesa sem o auxílio da memória involuntária, essa colméia de lembranças, que no dizer de Walter Benjamin, é repositório de sonhos, misteriosas aparições, que reconstruímos através de gestos, sensações, revivendo um passado, que parecia perdido nas dobras do esquecimento.

Como nasceu essa Aliança, que depois de 50 anos de luta pela defesa da história, da língua, da civilização francesa continua de pé, sustentada pela força da arte e da cultura, enquanto a seu lado inúmeras instituições foram levadas pela poeira do tempo?

O que tem a França de tão especial para transformar-se em objeto de desejo nunca esgotado de sucessivas gerações marcadas para sempre por ideias e sensações, como se tivessem seus elementos se apropriado dos genes dos ancestrais franceses?

Acontece que quem prova do licor de uma civilização marcada por conquistas em favor da liberdade, por autores como Lamartine, Molière, Rousseau, Balzac, Zola, Flaubert Maupassant e Marcel Proust, Sartre e Simone de Beauvoir, fica para sempre marcado pelo sabor de uma paixão que, ao invadir o sangue e os sentidos, passa a ser uma segunda natureza, que cresce como fogo.

Foi o que aconteceu comigo e Eza Jacques Monteiro Leite, quando nos anos 1960, depois de cursos na Aliança Francesa do Rio de Janeiro, regressamos a uma Campo Grande bem diversa do progresso atual, na qual funcionavam pouquíssimos cursos de línguas e o estudo do francês se resumia a algumas aulas no ginásio, que no correr do tempo foram eliminadas por completo.

Veio-nos a ideia de implantar em Campo Grande uma extensão da Aliança Francesa do Rio para que a língua francesa funcionasse como forma de vida, signo de abertura para uma aprendizagem dinâmica, paradigma de formação do espírito crítico, descoberta de verdades importantes ao desenvolvimento do ser humano.

Exposta a ideia aos responsáveis pela Aliança Francesa do Rio de Janeiro, fomos aconselhadas a abrir um curso de francês, que seria o embrião da Aliança de hoje.

A ideia empolgou a cidade e teve inúmeros estimuladores, entre os quais o bispo Dom Antônio Barbosa, que colocou à nossa disposição uma sala e os serviços da Rádio Educação Rural. Logo acorreram inúmeros alunos, entre os quais Francisca Pache, Margarida Neder, Ruth Pinheiro da Silva, Arlete Saddi Chaves, que guardavam, dos estudos de francês do passado, carinho especial pela língua e literatura e queriam reviver o prazer que lhes vinha da lembrança dos textos e até das aulas de gramática do passado, em que se decoravam poemas de Victor Hugo, Musset e Lamartine num tempo em que falar francês era toque de elegância cultural, de felicidade interior.

Criou-se a primeira Associação Franco-Brasileira de Campo Grande, da qual o primeiro presidente foi o ex-governador Wilson Martins, a primeira diretora Maria da Glória Sá Rosa, tendo como professores José Prekler e as fundadoras Maria da Glória e Eza Jacques.

Nasceu a Aliança Francesa de Campo Grande, depois que o representante da Aliança Francesa do Rio de Janeiro, Dennis Ropa, veio a Campo Grande em agosto de 1961 oficializar os cursos.

A Aliança Francesa nunca perdeu a força interior, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, das múltiplas sedes por que passou, até estabelecer-se definitivamente na rua Antônio Maria Coelho, 1719, onde funciona o Consulado Francês no qual atuou como cônsul honorário Arlete Saddi Chaves, diretora dos cursos da instituição. Destaque para o casal José Afonso Chaves (in memória) e Arlete Saddi Chaves que adquiriram a sede atual e deram impulso dos mais significativos à vida da Aliança.

Localizada no centro de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, onde convivem sem se anular diferentes etnias, culturas, tradições e costumes, a Aliança Francesa, ao cumprir sua missão de difundir a língua e a cultura francesa na região, estabelece pontes de comunicação entre diferentes mundos, oferecendo oportunidades de crescimento intelectual, profissional e de entretenimento a seus alunos. Prepara estudantes interessados em fazer estágios na França, capacitando-os com os diplomas DELF e DALF de reconhecimento internacional. Até o ano de 2009 coordenou dinâmico projeto de Língua Estrangeira promovido pela universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Desde sua fundação, formou milhares de profissionais das mais diversas áreas. A formação didática e pedagógica de seus professores vem sendo intensificada graças ao apoio da Delegação Geral e do Consulado da França.

A descoberta da cultura francesa abre clareiras de crescimento interior na mente dos alunos, quando desvendam os segredos da história, das riquezas do mundo da arte, da moda, da gastronomia.

Em contacto dos mais expressivos com a comunidade, promove exposições, palestras, ciclos de conferências, sessões de cinema e vídeo,

coquetéis e jantares. No mês de junho de cada ano, a Festa da Música, preparada por alunos e professores já se tornou tradição pelo brilho das interpretações. A Festa de 14 de julho recebe especial relevo.

Em 2009, o Ano da França no Brasil, em conjunto com a Fundação de Cultura do Estado, de quem é parceira, foi comemorado de forma expressiva. Em 17 de outubro do corrente, celebra-se com gala especial, no Memorial da Cultura do Estado, os 50 anos de uma Instituição que embala corações e mentes com canções, que permanecem nas dobras do inconsciente, filmes que desvendam mundos imaginários, telas que descortinam espaços de beleza, livros que iluminam o entendimento.

Cada ano na Semana da Francofonia, celebram-se as diferenças de um idioma que nunca pretendeu a unificação, porque seu enriquecimento provém do fato de ser falado por povos de diferentes culturas, que se reúnem sob a égide de valores, que estimulam a solidariedade e o entendimento entre os povos.

Ao relembrar a dinâmica dos 50 anos de resistência cultural, a Aliança Francesa reverencia o País que lhe deu régua e compasso para palmilhar as vias da ciência, da arte e da cultura.

Neste momento, levada por pensamentos resultantes da admiração por um País que resistiu a toda e qualquer tentativa de cerceamento de ideias, sinto orgulho de fazer parte integrante da Aliança Francesa de Campo Grande e ao lado de sua diretoria, alunos e professores declaro que vale a pena lutar em prol da dignidade humana, da liberdade, do poder do sonho, como sustentáculo da vida.

Vive La France Eternelle...



Lídia Baís, a força de um mito transfigurador

*“O mito é o nada que é tudo
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo”*

(Fernando Pessoa)

Quando o arqueólogo, pintor, desenhista, gravador e pesquisador Paulo Rigotti resolveu aceitar o desafio proposto a si mesmo de desvendar a história de vida e as obras de Lydia Baís, um dos mais desafiadores mitos sul-mato-grossenses, o resultado não poderia ter sido outro: um livro que faltava a nossa cultura e que pela riqueza do texto e das ilustrações é um verdadeiro tesouro de informações e análise da artes plásticas de MS;

A figura de Lydia Baís sempre intrigou os que se debruçaram sobre a tragicomédia dessa menina/mulher tão frágil e forte a um só tempo, que se constitui em enigma na paisagem nos anos 30 em Campo Grande, onde nada parecia acontecer.

Enquanto viveu, foi vista como uma mulher exótica, que se escondia, não aceitava as imposições da sociedade de seu tempo, que a considerava um pequeno ser perdido na desimportância da vida doméstica ou no passatempo de desenhar e compor signos sem sentido algum. O tempo passou e o nada virou tudo, o pequeno sol mudo abriu os céus da arte e tornou-se o mais instigante símbolo de criações que olhos críticos insistem em desvendar.

Surge uma obra que é o discurso dessa paixão, que dá coerência à vida humana, da paixão que irmana sujeito e objeto da conquista, conforme nos firmam os versos de Camões em que se transforma o amador na coisa amada pela virtude do muito imaginar.

O exaustivo processo de infiltração nas camadas subterrâneas da vida e da arte de Lydia Baís ligou para sempre o destino de ambos.

Rigotti torna-se Lydia, absorve sua capacidade de elaborar novas composições, mostra-se tão conhecedor da Bíblia e da história antiga como ela. Desce à essência de sua alma, até seu alter-ego. Como seu discípulo predileto, aprende com ela a estabelecer comparações, a discutir técnicas, a propor soluções, a descer à essência tanto dos clássicos, como dos modernos. Faz juízos de valores pertinentes, como quando considera as intertextualidades de Lydia superiores à de Andy Worhol, ícone da pop Art. Elabora discursos inteligentes como se o olhar de Lydia, o fitasse irônica na Última Ceia em que se colocou ao lado de Jesus.

Transmite aos leitores lições de como analisar símbolos, o que torna o livro imprescindível como fonte de pesquisa e estímulo aos artistas da contemporaneidade sobre os quais Lydia mantém permanente fascínio.

Na pele de um mágico, dotado de poderes extrassensíveis, viajou pelos mais diversos recantos do território brasileiro, vasculhou livros e bibliotecas, armazenou milhares de informações sobre aquela que se tornaria, sua obsessão maior e com quem se identificaria na loucura de descer ao mistério de um ser feito para desconsertar velhos esquemas e propor novos caminhos para a arte brasileira.

Esse livro foi um aro presente a uma sociedade carente de análises críticas sobre os processos estéticos, da arte e da cultura de MS.



RAQUEL NAVEIRA

Nasceu em Campo Grande (MS). Professora universitária. Formada em Direito. Autora de numerosas obras (quase todas de poesia), dentre as quais: Via Sacra, Fiandeira, Guerra entre irmãos, Abadia, Samaritana, Maria Madalena, Casa de Tecla, Senhora, Casa e Castelo. É membro do PEN Clube do Brasil. Ocupa a cadeira n. 8 da ASL



Aprendiz de Virgílio

Certa vez, no Rio de Janeiro, o Jornal do Brasil me perguntou qual era o meu clássico preferido. A resposta foi instantânea: Eneida, de Virgílio. Converso com Virgílio há anos. Se Nélida Piñon confessou que é aprendiz de Homero, eu sou aprendiz de Virgílio. Sempre lendo e relendo suas páginas, apresentando os dramas das personagens para os meus alunos de Literatura Latina, apontando detalhes da tradução, a escolha dos adjetivos, os arranjos das palavras, a precisão e força das metáforas, dissecando, enfim, o estilo do mago. Virgílio transita pelos planos temporais: passado, presente e futuro encontram-se muitas vezes condensados numa pequena expressão. Quando ele conta, por exemplo, que os troianos carregaram para dentro da cidadela o cavalo de madeira, “a máquina fatal” que penetrara dentro das muralhas, prenhes de armas, já imaginamos as cenas vindouras: o cavalo é máquina mortífera, que provocará a guerra, o infortúnio, a tragédia. A poesia surrealista está acoplada à própria atmosfera mítica do relato: o herói que fica invisível sob um manto mágico, aparições de deuses alados, dragões que saem do mar. Cenas de fugas, incêndios, gestos de amor filial e conjugal, aparições de fantasmas, bosques sagrados, travessias a outros mundos em meio à natureza perigosa, pontes que se erguem a todo instante unindo o natural ao sobrenatural. Como Virgílio é atual e profundo.

Virgílio é amigo da minha alma. Assim como o foi para Dante Alighieri, que nasceu em Florença, em maio de 1265, numa época de grandes amores e grandes ódios, de fé exaltada, de aberrações dolorosas. Quando Dante, na Divina Comédia, resolveu percorrer as paragens espirituais do Inferno, situado, segundo ele, debaixo de Jerusalém; da montanha do Purgatório e dos céus circulares do Paraíso, pediu ajuda a Virgílio para que fosse o seu guia. Não importam os milênios que separaram Dante de Virgílio, nem os que separam esses poetas de mim. Integro-me a eles nessa jornada, pois preciso que eles me habitem para criar poesia, para revelar mistérios, para poetizar o mundo.

Como esquecer aquele momento incrível em que Dante encontrou Virgílio? Dante desceu ao vale silencioso, divisou um vulto e gritou: “_Tem pena de mim quem quer que sejas, sombra ou homem verdadeiro.” E Virgílio respondeu que um dia fora homem, que nascera nos tempos de Júlio César, que vivera em Roma na época do bom imperador Augusto, quando ainda se adoravam falsos deuses. Explicou que ele, como poeta, cantara as proezas de Eneias, depois do incêndio de Tróia. Dante exclamou aflito: “_Oh! És então Virgílio, fonte de onde jorra em abundância a vibração poética?” Apiedado do pranto de Dante, Virgílio se propôs a levá-lo ao bom caminho, a ser seu guia pela região do padecer eterno. Dante rogou então, em nome do Deus que Virgílio não conhecera, para que todo mal fosse afastado. E nessa proteção, pôs-se a caminhar com Virgílio. Caminho atrás deles.

O dramaturgo Paulo Corrêa de Oliveira, primo do grande ator Rubem Corrêa, de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, escreveu e encenou uma peça de teatro intitulada Divina Comédia/MS, em que ele encontrava, qual Dante, no meio da jornada da vida, com o poeta Lobivar Matos, que seria o seu guia, como Virgílio, pelos caminhos da arte desse estado do Brasil Central. Lobivar nasceu em Corumbá, em 1915 e faleceu muito jovem, aos 32 anos de idade. Seus livros, *Areotorare*, nome do índio profeta, contador de histórias da tribo bororo e Sarobá, bairro pobre da zona portuária, foram marcos da poesia modernista naqueles rincões.

Lobivar passeia então pelas páginas da Guerra do Paraguai em Retirada da Laguna, de Visconde de Taunay; pela poesia lúdica e surpreendente de Manoel de Barros; pelo canto agudo dos pássaros nos abismos e na garganta de Tetê Espíndola; pelos quadros de Lídia Baís e Humberto Espíndola; pelos imensos valados do futuro. Eu, Raquel Naveira, ó glória, era uma estrelinha pendurada no Empíreo, perto da Cândida Rosa.

A narrativa da destruição de Troia na Eneida é emocionante. Começa com o estratagema do cavalo de madeira. O jovem grego Simão recebendo a incumbência de convencer os troianos de que o cavalo era um presente dos gregos para compensar o roubo do Paládio de Minerva. Os troianos acreditam, derrubam o muro e levam para dentro de Troia o gigantesco cavalo. De noite, os navios voltam, gregos armados saem do interior do cavalo e abrem as portas da cidadela. Os troianos dormiam exaustos, quando os gregos começaram o massacre.

Na noite do 11 de setembro de 2001, quando as Torres Gêmeas vieram abaixo e mudaram a história da humanidade, estava eu mais uma vez lendo a Eneida com meus alunos: astúcia, vingança, chamas, Tróia destruída de alto a baixo, desgraças, ruídos, choros, retinir de armas, reunir de tropas, combates, carnificina, furor, ira, flagelos, lamentações, provocações, cadáveres, sangue por toda parte. E os que morrem, os que pensam em morrer bravamente, com armas nas mãos. À medida que íamos lendo o texto e lembrando do que acontecera naquele fatídico dia, desceu um silêncio sobre a sala, uma reverência de chumbo. Percebemos uma presença que ficou pairando, algo ao mesmo tempo claro e turbado. Muitos choraram.

Troia destruída,
Incendiada,
Ardendo em chamas;
O cavalo de madeira,
Presente dos gregos,
Vomitou guerreiros
Na noite escura;

Casas,
Torres,
Templos
Desmoronaram de alto a baixo;
Por toda parte,
Lamento,
Tumulto,
Clamor que se eleva até os astros.

Quem terá destruído Troia?
Do mar veio o dragão,
Corpo de escamas,
Olhos ardentes,
Boca sibilante,
Enrolou-se em torno do sacerdote
E despedaçou seus membros
A dentadas.

Quem terá destruído Troia?
O desenfreado deus Marte?
A coragem de Ulisses?
As perfídias do traidor?

Quem terá destruído Troia?
As artimanhas?
As máquinas fatais?
Os insultos do inimigo?

Quem terá destruído Troia
E trazido tantos flagelos,
Tanto furor e ira
Que nesse transe supremo
Já não encontramos lágrimas para nossas provações?

Quem terá destruído Troia?
Provocado essa carnificina,
A vida se esvaindo em sangue
A cada esquina?

Quem terá destruído Troia?
Quem, por tais crimes,
Por tamanha audácia,
Merece o inferno
E o roer dos vermes?

Quem terá destruído Troia?
Troia, que tantas vezes ressurge das cinzas,
Das ruínas,
Das escavações em nossa memória?

Quem destruiu
Continua
Ateando fogo nas muralhas.

Aquela outra passagem em que Laocoonte, sacerdote de Netuno, suplica aos troianos para não introduzirem na cidade o cavalo suspeito, mas é estrangulado por duas serpentes monstruosas vindas do mar, também é impactante. Mostra que não cremos nos profetas, que não queremos ouvi-los quando dizem a verdade.

A história de Laocoonte,
Eu me horrorizo contando:
Laocoonte,
Sacerdote de Netuno em Troia,
Opôs-se à entrada do cavalo de madeira:
“– É a morte,
A destruição,
A mão do gatuno,

Este é o momento oportuno
De acabar com o inimigo,
Reúno o povo,
Atiro um dardo contra essa estátua de carvalho
E puno os heróis gregos.”

Eu me horrorizo contando
A história de Laocoonte,
Ninguém ouviu o sacerdote,
A flecha produziu um som oco na barriga do cavalo,
Armas tilintaram,
Houve sinal de fogo no horizonte,
Enquanto a máquina penetrava
Pela ponte da cidade.

Não termina aqui
A história de Laocoonte,
Contando,
Horrorizo-me:
O sacerdote imolava um touro
Diante do altar,
Quando serpentes vindas do mar,
Emparelhadas,
Avançaram pela praia
Com suas cristas sangrentas,
Seus olhos ardentes,
Suas línguas vibrantes
E a dentadas
Despedaçaram
Laocoonte e seus dois filhos.

Que horror! Fugi,
Pálido de susto

Por uma rua escura,
Morto Laocoonte,
O prudente sacerdote,
Pensava;
De longe
Vi meninos puxando o cabo
E moças enfeitando com flores
O monstro sinistro,
Enquanto se acendiam os primeiros astros
E os derradeiros archotes.

O amor e morte da rainha Dido fazem refletir sobre o relacionamento homem-mulher e sobre as qualidades e atributos do amor. O coração da rainha Dido oscilava entre o juramento de fidelidade ao seu falecido marido Siqueu e o novo amor por Eneias, que lhe ardia no peito. A irmã Ana encoraja sua paixão e a deusa Juno, do alto, propõe a Vênus o casamento entre os dois protegidos. Um temporal, durante uma caçada, obriga Eneias e Dido a se refugiarem numa gruta, onde se dá a primeira relação amorosa. A notícia se espalha pelo país. Um rei da Líbia, Jarbas, pretendente de Dido, sente-se humilhado e suplica a vingança de Júpiter. Este envia Mercúrio a Eneias para lembrar ao herói troiano que sua missão é fundar nova pátria na Itália. Eneias, obediente, prepara os navios secretamente e abandona Cartago, insensível ao sofrimento de Dido. A rainha sobe numa pira, perpassa o próprio peito com a espada de Eneias, fazendo imprecções contra a ingratidão do herói, jurando ódio eterno e profetizando guerras.

Diante desse amor furioso transformado subitamente em ódio, costumava perguntar aos meus jovens alunos: houve amor verdadeiro entre Dido e Enéias? Depois de ouvi-los, lia com eles 1 Coríntios 13, onde a Palavra explica que o amor é paciente; bondoso; não é invejoso; nem orgulhoso; nem escandaloso, ao contrário, é discreto; não é interesseiro; não se irrita; não guarda rancor; não se alegra com a injustiça, mas se compraz com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Nada como a Palavra para dar um norte às nossas vidas, para percebermos claramente que entre Dido e Eneias houve apenas paixão, dor e equívoco. Que o amor é ideal elevado e difícil, que brilha como uma estrela.

E por falar em amor, vem-me sempre à memória o encontro de Eneias com seu velho pai Anquises, no meio das chamas. Anquises recusava-se a seguir o filho na fuga, dizia que seria um fardo, que ele o deixasse para trás. Eneias espanta-se. Jamais abandonaria seu pai ancião, nem seu filho menino, o pequeno Iulo, seu passado e seu futuro. Ouvindo o crepitar do fogo, contesta: “_Vamos, pois, querido pai, coloca-te sobre minha cerviz, levar-te-ei em meus ombros e esta carga não me será pesada. Seja o que for que suceder, nosso perigo será comum e nossa salvação uma só.” Curva-se e toma o pai sobre os seus ombros largos cobertos com a pele fulva de um leão e estende a outra mão para o seu filho. Choro ao lembrar dessa cena. Honra a quem tem honra. A responsabilidade do amor.

Sou mesmo apaixonada aprendiz de Virgílio. Imagino-o como uma das mais belas criaturas do mundo. Nele há de tudo: a sabedoria oriental, o logus grego, a civilização romana. Imbuído da cultura grega, conhecedor profundo da *Iliada* e da *Odisseia* de Homero, Virgílio patenteia a influência de ambos os poemas, criando uma vasta epopeia patriótica destinada a legitimar pela evocação de suas origens ilustres, as altas aspirações de Roma. A *Eneida*, porém, é original, tomou um rumo diferente dos poemas homéricos. Tem outra visão de mundo. Em confronto com a avidez dos generais gregos que vão à Troia visando riquezas e buscando fortuna, Eneias é um herói pacífico, humanitário, piedoso, pio, no sentido ético dessa palavra. Ele participa de uma guerra de defesa. Não o motiva a ambição, apenas cumpre a vontade divina de fundar na Itália uma nova Troia. Sacrifica-se para cumprir uma missão de interesse coletivo. Também eu não desconheço os infortúnios. Esforço-me por socorrer os infelizes, por salvar os meus. Sou aprendiz de Virgílio na minha sensibilidade feminina.

Confissão de Mariana

(a Sórora Mariana Alcoforado, que nasceu em Beja, 1640. Desde menina professou no Convento de Nossa Senhora da Conceição em sua cidade natal. Em 1663, conhece Chamilly, oficial francês servindo em Portugal, durante as guerras da Restauração. Apaixonam-se. Ele regressa à França por ordens militares. Trocam cartas, das quais só ficaram as escritas pela freira, que falece em 1723, após dolorosa penitência)

Foi aqui,
Neste convento
Cheio de varandas
E flores perfumadas,
Perto daquela fonte,
Daquela bacia esculpida,
Que eu, freira clarissa,
Conheci o amor da minha vida:
O oficial francês Chamilly,
Paixão proibida,
Insana,
Incontrolada.

Foi aqui, neste convento,
Na cela e no porão
Que me entreguei a ele,
Sufocando-o com meu manto negro
Brocado de estrelas.

Depois que ele partiu,
Foi daqui,
Deste convento,
Que enviei a ele cartas
Tão tensas e dramáticas
Que estilhaçaram meus nervos
Em transes e sangrias.

Foi deste banco de mármore,
Perto do laranjal, que,
Traída e abandonada,
Escrivã sem pejo,
Expeli toda minha fúria,
Minha ânsia,
Meu ódio
De fêmea pagã
Queimando de desejo.

Escrevi:

“A esperança me proporciona prazer,
Só quero sentir a minha dor,
Que seria de mim sem esse amor e esse ódio
Que enchem o meu coração?
O que vai ser de mim?
Morro de vergonha.”

Neste convento
Feneço
Na carne e no espírito,
Eu, amante suprema,
De doçura extrema,
Ofereci-me a um cínico,
A um ingrato
E por ele me mato
Como Cristo
Nas dores do calvário.



REGINALDO ALVES DE ARAÚJO



Natural de Itabaiana (PB), nasceu em 1946. Professor e presidente da Associação dos Novos Escritores de MS e fundador do Jornal Arauto. Dentre suas obras destacam-se: “Saga Pantaneira”, “Futebol - Uma Fantástica Paixão”, “Futebol Campo-Grandense”, “O Paladino do Pantanal” e “Águas do Povo”. Ocupa a cadeira nº 21 da Academia, da qual é o atual presidente.

Gabiru – uma cena de assombro

Acostumei-me a levar para o roçado as pequenas tarefas dadas pela professora do Grupo Escolar Camilo de Holanda, as quais, nos intervalos das lidas, eram caprichosamente feitas. Naquela fase eu tinha o hábito de sorrir para tudo quanto olhava e para todas as pessoas que se aproximavam de mim. Só me recordo de mim mesmo como criança comum, apenas um animalzinho despreocupado correndo de lá para cá, espan-tosamente interessado pelo mundo em que se via metido. Meu paraíso de beleza descortinava-se, aos meus olhos, no cimo do lajedo, no centro da vazante.

A visão do rio Paraíba fascinava-me sobremaneira quando o olhar ultrapassava as pequenas colinas e as frondosas árvores. Eu imaginava que as paisagens têm cumprido a sina que Deus lhes entregou. Na sombra das árvores, à beira das águas, no campo florido, nas altas montanhas, sempre há de se encontrar o silêncio, a consolação, e um amparo misterioso, que nos redime das canseiras e das dores. Eu guardo, ainda hoje, do tempo da infância, uma alegria feliz. Essa alegria é a minha riqueza melhor, e só a revejo diante das paisagens onde, ainda criança, os meus olhos pousaram.

De vez em quando meu pai era visitado em seu roçado por pessoas que moravam nas cercanias do Caldeirão. Um deles era conhecido por todos pela alcunha de Ventinha, devido ao achatamento de seu nariz num acidente, morador do bairro do Cochila, contador de fantasiosas histórias que as crianças adoravam. Tinha o rosto pequeno, cabelos compridos, cor de mel, mas as feições eram finas, os dentes brancos e desiguais, os olhos castanhos e tristonhos. Às vezes eu tinha a impressão que o rosto daquele homem era impregnado de uma expressiva angústia mental, que um leve traço de insanidade talvez aumentasse, tornando penosa a contemplação de sua pessoa. O que se sabia sobre ele era muito pouco, um homem só, sem notícias de casamento em sua vida.

Naquela tarde de sábado nos visitou, proseou, narrou incontáveis lorotas e se despediu. Acompanhei-o até o limite da vazante quando nos surpreendemos com o voo circular de alguns urubus, indicativo de alguma carniça ou algo semelhante. O Ventinha, aguçando minha curiosidade, provocou:

- Conhece Gabiru?
- Meu pai espetou um com o seu punhal...
- Vem, vou lhe mostrar centenas deles.

Fui ao seu encalço até onde os urubus, em voos rasantes, circulavam. Impressionante. Era uma visão estranha de uma estranha cena. Entre moitas de capins e pilhas de lenha, restos de comida jogados, pedaços de couros podres trazidos por alguém do curtume Santo Antônio e inúmeros tapurus. Depressa descobri que ali estava um paraíso de ratos. Realmente eram centenas, pequenos e grandes, os maiores, no Nordeste, são chamados de gabirus, cinzentos, velhos, de caudas compridas e escalavradas, exímios devoradores.

Com um sinal Ventinha me fez sentar, ao seu lado, numa saliência de capim seco amontoado, às margens daquele lugar mal cheiroso e, com outro sinal, deu a entender que ficássemos imóveis, sem dizer uma palavra. Porque, explicou, se não nos movêssemos nem falássemos, os gabirus não se importariam conosco, supondo-nos imagens de madeira. E assim foi, realmente, começamos a ver ratos que se escapavam de

todos os lados, de sob as pilhas de lenha e dos montes de capim seco, e convergiam para o ponto onde estava posta para eles mesa generosa, como para os urubus que vinham também se refestelar. Os gabirus procuravam atarefadamente o que devorar, comendo, guinchando, brigando e mordendo.

Subitamente, Ventinha saltou e bateu barulhentemente com as mãos, coisa que produziu curioso efeito: um guincho curto e agudo de terror, partido da atarefada multidão, seguida de absoluta imobilidade e silêncio, cada rato transformado numa estátua. Aquilo durou um momento apenas. Depois houve correria para todos os lados, com rumores rascantes sobre o capim e a lenha secos.

Fora um esplêndido espetáculo. Um extraordinário divertimento para mim.

Ao sairmos dali, já pertinho da vazante, na despedida, Ventinha se justificou deixando escorregar dos lábios um breve sorriso, dizendo:

- Viu como minhas “lorotas” são verdadeiras? O gabiru é um bom exemplo.

Com um largo sorriso fiz sinal de positivo e o Ventinha seguiu por um atalho, com passadas largas de quem estava feliz.



O Corcunda

Num cair de tarde, de calor intenso, de brisa inexistente, corri para um banho refrescante no Paraíba. Na entradinha do barranco uma pequena casa, frontal ao poente, abrigava uma desnutrida família. Uma senhora amamentava uma criança na soleira da porta, um garoto brincava nu sentado ao sol, os lábios entreabertos, bebia a luz última do dia. Desci a ribanceira já me despindo e, só de sunga, arrojiei-me na gostosíssima correnteza do rio. Bradei aos quatro cantos do areão infindo como se fos-se um melodioso hino. Tudo no rio respirava alegria,

concordia e paz. Comovido, eu imaginava que a quietude da bondade e do amor, ambos inesgotáveis de verdades eternas, pairavam ali tranquilamente. Eu estava no meio de um rio que refletia o céu e fertilizava os campos da região. De mergulho em mergulho, contemplei o sol descer no ocaso como uma hóstia vermelha, que tingia de púrpura as nuvens do céu e o cimo dos montes com seu sangue glorioso.

Joguei o olhar para o barranco mais alto da margem direita, ali uma frondosa gameleira se elevava garbosa, estendendo seus galhos até longe. Os habitantes de Itabaiana adoravam-na. Notei, para minha surpresa, um punhado de pessoas estranhas, de trajes diferentes, de gestos de outras terras, movimentando-se debaixo daquela árvore.

- Chegaram os ciganos - alguém gritou no meio do barranco. Quando saí do rio, parei na Praça Epitácio Pessoa. Raelzinho, um dos rapazes mais informados da cidade, no meio de amigos, comentava nervosamente que os ciganos é um povo errante, miserável, de procedência indiana, que desde tempos remotos se distribuiu por todo o mundo, falando dialeto estranho, corrompido, ocupando-se em enganar na compra e venda de objetos e animais, sem contar com a cobrança pela leitura das mãos dos ingênuos. A cidade ficou atenta aos movimentos dos visitantes.

O prefeito alojou os ciganos às margens do Riacho das Pedras, perto de um cacimão, encostado à Rua do Carretel, lá armaram suas tendas.

Nesse mesmo dia, inexplicavelmente, apareceu vagando nas ruas da cidade um corcunda de aspecto tenebroso, uma criatura monstruosa, de cabelo aparado raso, rosto de barba rala, de uma palidez doentia, beijo inferior saliente. Os seus braços oscilavam desmedidamente como se ele houvesse perdido todo o domínio sobre esses membros. Caminhando, atirava os pés para fora com um lento movimento de rotação, diminuindo, assim, o equilíbrio. Quase anão, tinha qualquer coisa de tão repulsivo que a gente era levado instintivamente a desviar o rosto quando o encontrava, para não humilhá-lo com um olhar fixo. Mas seus olhos eram admiravelmente belos. Como se quisesse compensar todas aquelas deformidades, a natureza dera ao corcunda

os olhos mais meigos que eu houvera visto num rosto humano. Tinha um negror profundo e luminoso, extremamente inteligentes, cheios de uma tristeza inexprimível, como os olhos de um cão que parece sofrer por não poder falar com a gente.

Infelizmente muita gente o evitava, outros, porém, atiravam-lhe pedras e o insultavam. Um dia o segui à distância e descobri que ele dormia sobre um saco de palha, debaixo de uma lona sustentada por quatro estacas, em trapos, atrás do acampamento dos ciganos. Condoído, após o término da feira, recolhi, sem ninguém notar, restos de tripa, bucho, fígado e mocotó da banca de meu pai e, às pressas, deposei nos braços disformes do corcunda. Ele não sabia expressar uma extremada alegria, mas, enlevado, olhou-me com uma ternura inigualável.

Com o tempo o seu andar foi-se tornando mais lento e mais doloroso de se ver. Queixava-se por vezes de fadiga. Dias depois os ciganos deixaram a cidade para alívio de todos. O padre visitou o corcunda na beira do riacho, curou suas feridas, alimentou-o e rezou pela sua sofrida alma. Na noite seguinte o corcunda inventou de dar um passeio já que a lua brilhava intensamente. Um bêbado aproximou-se e deu-lhe um encontrão. Ele caiu ao solo e não pode levantar-se. Outros chegaram e formaram roda dançando em volta dele, que se arrastava sobre as mãos e os joelhos. Foi machucado e torturado. O padre foi avisado e o levou para a igreja, no finzinho da madrugada faleceu.

Era um sábado quando o corcunda foi enterrado. Na missa domingueira, igreja apinhada de fiéis, o padre subiu ao púlpito e ficou um momento imóvel, com a sua casula bordada e a estola negra, contemplando fixamente a congregação e voltando a cabeça para um lado e outro, como se quisesse tomar nota de todos os homens e mulheres presentes. Então disse:

Cristãos! Quando o Senhor da vida e da morte me perguntar, no Dia do Juízo: Padre João, onde estão as tuas ovelhas? Eu não lhe responderei. E quando o Senhor me perguntar novamente: Padre João, onde estão as tuas ovelhas? Guardarei silêncio. Mas quando o Senhor me perguntar pela terceira vez:

Padre João, onde estão as tuas ovelhas? Deixarei pender a cabeça de vergonha e direi: Não eram ovelhas, Senhor: era um bando de lobos...

Aquele foi o domingo mais triste em toda a região do Agreste paraibano, na década de 50.



RUBENIO MARCELO

Poeta, compositor e revisor, é autor de oito livros publicados e dois CDs musicais. Pertence também à Academia Maçônica de Letras de MS, é Conselheiro Estadual de Cultura de MS. Participou - como convidado - da I Bienal Internacional de Poesia - Brasília, que reuniu os grandes nomes da poesia nacional e do exterior. Ocupa a Cadeira nº 35 da ASL, da qual é o atual secretário-geral.



O Prêmio Nobel de Literatura 2011 e a valorização mundial da Poesia

“Como não invocar o vício da poesia: o corpo que entorpece ao ar de versos?” - João Cabral de Melo Neto

Quinto gênero de livro na preferência dos leitores brasileiros em geral (acima, verbi gratia, das histórias de quadrinho, obras religiosas, contos e autoajuda, dentre outros) – como demonstrou a mais recente pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, promovida pelo Instituto Pró-Livro e considerada o maior estudo já realizado no nosso país sobre comportamento leitor da população – a Poesia vem ganhando também merecido destaque mundial.

Isto ficou constatado, por exemplo, na concorrida solenidade de posse de Barack Obama (20/01/2009), quando, logo após o pronunciamento do seu primeiro discurso oficial como novo presidente dos Estados Unidos [e conforme pauta estabelecida], a tribuna de honra foi ocupada pela poeta estadunidense Elizabeth Alexander, que – aplaudida pela imensa multidão que superlotava o Washington’s Mall (e todas as demais imediações da Casa Branca) – declamou um poema autoral

especialmente criado para a memorável ocasião, enaltecendo, assim, o gênero poesia e mostrando ao mundo a força e a beleza da arte da palavra escrita em versos.

E isto fica comprovado, outrossim, agora com o anúncio – pela Academia Sueca (Svenska Akademien), na quinta-feira: 06/10/2011 – do Prêmio Nobel de Literatura 2011 para o poeta nórdico Tomas Tranströmer, de 80 anos de idade. O veterano bardo, autor [dentre outras obras poéticas] do livro “O Grande Enigma” - coletânea de poesia, recebe a mais importante premiação literária mundial – conforme justificativa da Academia (que destaca, na lírica do vate, a expressividade de “concreção e metáforas”) – “por causa das imagens condensadas e translúcidas” contidas na sua obra, as quais proporcionam “um novo acesso à realidade”.

Também psicólogo (formado aos 24 anos), poeta eclético (do verso livre ao haicai), traduzido para dezenas de idiomas, entanto pouquíssimo conhecido no Brasil, Tomas Gösta Tranströmer – que vinha sendo indicado ao Nobel desde 1993 – nasceu em Estocolmo (capital da Suécia), em 15 de abril de 1931, e publicou seu primeiro livro intitulado “17 dikter” (“17 Poemas”) com a idade de 23 anos. Presentemente, possui consideráveis limitações de locomoção e de fala (por conta de um derrame sofrido em 1990) e, ainda fecundo poeticamente, vive na companhia de sua esposa Mônica Bladh-Tranströmer, de 72 anos.

Assim como os demais ganhadores [das outras categorias] do Nobel 2011, Tranströmer receberá o seu prêmio no próximo 10 de dezembro (data oficial da premiação). A solenidade de entrega do Prêmio Nobel de Literatura acontecerá – conforme a tradição – em sua cidade natal (Estocolmo). O cobiçado galardão (que foi criado, em 1901, pelo engenheiro e inventor sueco Alfred Bernhard Nobel) confere atualmente a cada agraciado uma medalha de ouro com a efigie do seu criador, um diploma constando a condecoração, e cerca de dez milhões de coroas suecas (o equivalente a 2,7 milhões de reais).

Destarte, quando – na proeminente cerimônia da tarde/noite do especial sábado (10/12/2011) – o poeta escritor (e também tradutor)

Tomas Tranströmer estiver sendo aclamado perante os olhares do mundo (ao receber uma das distinções mais famosas do universo: o Nobel de Literatura), será a Poesia que estará também [mais uma vez] sendo evidenciada e condecorada, provando que – como gênero literário altivo e fértil – continua ocupando [e sempre ocupará] o seu prefulgente espaço no tempo contínuo da existência, respirando encantos e transpirando sonhos e, assim, exprimindo a natural linguagem da eternidade.

Que bom podermos ver a Poesia sendo aplaudida e festejada internacionalmente, comprovando a lucidez de todos os que defendem a sua inserção nas salas de aula, bem como o fomento das oficinas de criação poética nas bases da educação. Viva a poesia!... Ela é o santo graal dos nossos corações!

* Texto escrito em 08/10/2011



Poema de la paz

Que a cada mañana,
podamos despertar el sol
que esparce rayos fértiles
de amor y solidaridad...

Que podamos transformar
la cal de nuestro fuerte individualismo
en afortunadas estructuras
que edificarán
el templo eterno de la virtud...

Que reine entre nosotros
la mirada pacífica y verdadera
de la asaz tranquilidad...
¡Sí, pues nosotros somos dignos
de que entre en nuestro hogar
el reino de la paz!

Que la alba bandera,
que envuelve naturalmente
el nuestro íntimo
[y que a todo ablanda],
se agite altiva,
siempre que un hilo de ira
quiera animar
los tentáculos de la discordia.

Y que una palabra
no sea salva
si acaso mal dicha.

Que una sola palabra
no sea dicha
si no sea digna.

La luz de la comprensión
está dentro de nosotros,
depende de nosotros...
¡Y es nuestra la decisión:
hagamos nuestra parte!

Es el impulso ciego
de nuestros deseos

que cría los misiles
de nuestro desatino.

Que sepamos actuar
por lo espíritu y la razón,
para no esparcir
alfanjes del odio y de la violencia.

Y que, la Tabla Redonda del amor,
a la sombra mística
de los flamboyanes de la esencia,
podamos meditar,
reinaugurándonos
a cada mañana...

Que jamas penetre
en nuestro hogar
la desarmonia.

Que nuestro pulsar
de gran primacía
no sea fugaz.

¡Y que nuestra lucha
- nuestra eterna lucha-
sea siempre
la Paz!



Miscigenação

Está na cara
que a minha cara
é nhambiquara,
é sarará,
é potiguara,
sempre será
assim mulata,
branca, pacata,
tupinambá,
cor de alfena,
negra, morena,
alvissareira,
parda, trigueira,
feição cafuza,
tez mameluca,
em paz profusa,
enfim brazuca!...

Eu sou pardo, ameríndio, sou mulato,
sou caboclo, moreno, sou castiço,
sou tupi, sou do mar, sou João-do-mato,
eu sou branco, sou negro, sou mestiço.



Na ponte pênsil do inconsciente

Frenéticas ideias,
decifrando nuvens no azul do instante,
desenham com ênfase e êxtase
o sentido das múltiplas sombras

nas águas tristes do camaleônico rio
e vasculham
as entranhas
de estranhas sensações...
enquanto o oceano mastiga o sal
inato de suas aventuras,
um grito intraduzível
demarca
o palco da fúria dos ventos
e o reflexo dourado dos girassóis
em capítulos instintivos
de fecundação...
olhares tingidos num misto de fogo
e solidão
perdem-se nos labirintos
das paisagens entre/laçadas e consumidas
nos parapeitos das plúmbeas horas...
os fragmentos letárgicos dos sóis coloquiais
descem a impura ladeira
do tempo em ímpeto
levando verdes ramos de sonhos
para o lugar-comum
das ilusões...



De amor abaixo

Bom como água era assim o teu amor,
Totalmente potável, natural...
E dava água na boca, era, afinal,
Saboroso, constante e sedutor!

Porém a tua essência colossal
Afogou-se no tempo, sem pudor...
E, destarte, o teu toque enganador
Pôs por águas abaixo o nosso astral...

Hoje eu sou cômico da realidade:
Esta antiga paixão (sem proibidade)
Pode cortar bem mais que um bisturi.

Ser como água em balaio é te querer:
Se eu não cuidar de mim, vou me perder.
Até debaixo d'água eu sei de ti!



Saga ativa das formigas

Altaneiras formigas, calmamente,
Amanhecem cumprindo o dom da sina;
Com destrezas, vão indo, em disciplina,
Tecendo os seus misteres, sempre em frente...

Respeitando os ditames da corrente,
Elas não são escravas da rotina;
Curtem seus feromônios, em surdina,
Desfrutando os prazeres do presente.

São sempre intimatoras... Com elã,
Trabalham... Exercitam nobre afã
E depois se recolhem sem zumbidos...

Bem no meio da noite, nas colônias,
As formigas sorriem das insônias
Dos temerários homens corrompidos.



Soneto Mariano no Natal

Ó bondosa Senhora, em harmonia
e humildade, eu vos trago o meu fervor,
preparando o Natal com esplendor,
louvando o vosso nome neste dia.

Soberana e Santíssima Maria,
Virgem Mãe do Menino-Salvador
que, em Belém, veio ao mundo pelo amor
de Deus em sua grã supremacia...

Eis-me a vos suplicar a piedade
deste mundo e de toda humanidade
que se esvai mergulhada em perversões.

– Que o Natal e os desígnios de Jesus
renasçam todo dia, em viva-luz,
nos albores dos nossos corações!



Milénar perfídia

Jesus, o Grande Pacificador,
quando peregrinou aqui na terra,
mostrou que não se deve fazer guerra
e sim só semear real Amor...

Assim, Ele – em verdade – com fervor,
do mundo verberou o mal, a treva:
a todos revelou a luz que enleva
e que afugenta os laivos do rancor.

Mas, pra que se cumprissem os Escritos,
um beijo impenitente às vilanias
O entregou, entre risos inauditos.

Hoje outros Judas mostram semelhantes
maquinações gerais de aleivosias:
milhões de ósculos brotam dos farsantes...

Jesus, meu abrigo!

Um grão perdido num almofariz...
Assim vezes me sinto – então eu paro.
Aí percebo, neste instante amaro,
Que a minha fé se encontra por um triz.

Jesus, se estou contigo, algo me diz
Que forte sou, pois tenho o Teu amparo.
O Teu amor é o mais puro preparo
Que traz alento para o infeliz.

A Tua destra aponta a direção
Da luz que plenifica a redenção
E extirpa todo o mal, todo perigo.

Torrente eterna de libertação,
Senhor Jesus, só Tu és claro abrigo.
Ó Cristo, estou feliz... Estás comigo!

Famintas indagações... (ou: 'A outra face do Natal/Noel')

Papai, quem é aquele ser rotundo
que exulta, enquanto aqui a gente chora?...
Quem é a criatura que, lá fora,
não para de sorrir um só segundo?

Por que aquele cara, mundo afora,
faz poses e abraça todo mundo?...
Trará aquele riso o sol fecundo
que vem fertilizar a nova aurora?

E como esse velhusco folgazão
consegue conceber a inspiração
que o faz viver o sonho que se esvai?...

Quem é aquele ser, qual seu papel?
Quem é, enfim, quem é o tal Noel
que sempre nos natais se diz papai?

SINOPSE (Cenário enigmático)

um teórico eufórico
subiu ao centro histórico...

há traços na grafoteca.

um esotérico folgado
e histérico
foi
j
o
g
a
d
o do teleférico...

ganhara na loteca.

enquanto o
colérico detesta
barbitúrico
e cuida o ácido úrico

perdeu-se em hipoteca.

o técnico eclético
é rico
e não passou no psicotécnico
pois sonha tecnicolorido

– há dolo florido

dolorido
dolo aferido?

há grafite, cinismo
ou grã-finismo?

há esquife fênico
ou esquizofrênico?

– há fresta na grafoteca.
aresta
gráfico hipotético...

só resta o grafotécnico!

um olhar cético
onírico
ou ético.



Colibri

versos pairam
sobre o poema que eu sonhei
mas não escrevi

minhas palavras
carregam aos ombros
um verde colibri

a plumagem brilhante
da poesia
passeia ao sol
da pele fecunda
da criação

hoje
estio e frieza,
aspereza, estéril espinho

amanhã
quero flores, jardins
e néctares para o meu cuitelinho...



VALMIR BATISTA CORRÊA

Nasceu em Maracai (SP), em 1946. Professor licenciado por Faculdade de Filosofia, Mestre pela USP em História Econômica e Doutor pela USP em História Econômica do Brasil. Ocupou os mais diversos cargos no Estado e colabora com várias mídias. Publicou “Coronéis e Bandidos em Mato Grosso”, “Corumbá: Terra de Lutas e de Sonhos”, dentre outras. Ocupa a cadeira nº 17 da Academia.



Um traço político em “Vila dos Confins”

Existem inúmeros estudos realizados por historiadores que se servem da literatura como uma de suas fontes mais interessantes. No caso da literatura regional, romances, crônicas e poemas são textos coadjuvantes na compreensão de um contexto histórico determinado, tornando até mais atraente o trabalho e a análise de fatos e a interpretação do pesquisador. É o “saber com sabor”.

Este é o caso de *Vila dos Confins*, romance de Mário Palmério, que representa magistralmente os coronéis todo poderosos dos sertões brasileiros, durante a velha República, de 1889 a 1920.

Um dos fenômenos políticos que mais tipificaram a primeira fase da história republicana brasileira, o *coronelismo*, já assentava suas bases no período imperial (bastando lembrar a criação das Guardas Nacionais). No entanto, o poder dos coronéis de influir na política local e estadual encontrou seu momento de maior expressão na *política dos governadores*, a partir do governo de Campos Salles e entrou em estado de decadência após a *Revolução de 1930* e o intervencionismo federal nos estados. Dessa forma, “a estrutura de poder estadual, no

período republicano, era muito mais complexa na medida em que coexistiam, pacificamente ou não, chefes políticos locais que tinham sob seu domínio direto, ou influência, um núcleo urbano ou um município inteiro, partilhando o poder com outros *coronéis*, apoiando os mais fortes, porém, sem necessariamente ou abertamente recorrer às armas e à violência”¹ Para a historiadora Maria de Lourdes Janotti, “de forma genérica, entende-se por coronelismo o poder exercido por chefes políticos sobre parcela ou parcelas de eleitorado, objetivando a escolha de candidatos por eles indicados”².

Além de documentos históricos, periódicos e de obras clássicas e consagradas na historiografia brasileira, alguns romances em especial, seu conteúdo focalizado em rincões do sertão brasileiro, contribuem muito para a discussão e compreensão do tema *coronelismo*. Um desses exemplos, portanto, é o romance *Vila dos Confins*³.

Mário Palmério, um expoente da nossa literatura, escreveu ainda *Chapadão do Bugre* explorando o universo sertanejo. Foi deputado federal, educador, embaixador do Brasil no Paraguai e escreveu a letra da belíssima guarânia *Saudade*, muito conhecida no cancioneiro nacional e de Mato Grosso do Sul.

Ao escrever *Vila dos Confins*, Palmério conseguiu produzir e expor uma ficção fascinante, através de uma narrativa simples descrevendo o processo eleitoral de um pequeno lugarejo dos confins do Brasil, refletindo a real história política da República brasileira. O leitor, à medida que percorre as páginas do romance, convive com situações e personagens encontrados em qualquer parte do interior brasileiro. Dessa forma, *Vila dos Confins* passa a ser uma fonte explicativa para os amantes da nossa história política e para os pesquisadores que focam o processo político que explica o fenômeno do poder local e, especificamente, do coronelismo. Como Palmério relata, este seu livro “...nasceu relatório, cresceu crônica e acabou romance”.

Nota-se, em primeiro lugar, a preocupação do autor em situar historicamente o romance. Essa abordagem explícita remete o autor à amplitude do tema e à sua delimitação espacial/temporal. Além da

disputa de poder entre coronéis, como aconteceu em todas as pequenas cidades interioranas do país, há uma conotação especial em *Vila dos Confins* ao focalizar as vésperas da primeira eleição de um município recém-emancipado. O eixo central do livro gira em torno da disputa eleitoral entre duas agremiações partidárias, a União Cívica e o Partido Liberal, ambas fazendo parte da coligação de sustentação do governo estadual. Na realidade tratava-se da luta pelo predomínio do poder político no município entre os grupos representados pelo deputado Paulo Santos de um lado e pelo coronel Chico Belo, de outro.

Para Palmério, um dos seus protagonistas, o deputado Paulo Santos, é configurado como o estereótipo do político interiorano e atrelado ao contexto coronelista e ao universo rural. O dr. Paulo cresceu e se criou numa sociedade rural, conservadora, paternalista e com regras preestabelecidas rigidamente pelos detentores do poder local, tendo sido, provavelmente, filho ou afilhado de um coronel. Uma das características das famílias dos coronéis era encaminhar um dos filhos ao bacharelado em leis. A prática fazia parte dos caminhos percorridos pelo poder de mando. Com o retorno do bacharel para operar no *território do coronel*, o poder de mando reforçava-se através da manipulação e controle da aplicação da lei no nível local. Logo, o filho advogado projetava-se na carreira política, extrapolando o âmbito municipal, elegendo-se para cargos no legislativo estadual ou federal, obviamente sustentado pela máquina montada pelo pai/padrinho. A atuação desses deputados refletia claramente os interesses dos coronéis. E por conta disso, em muitos caos, o poder do coronel não se restringia ao âmbito local, passando a ter maior dimensão ou maior influência regional, ou mesmo nacional. Assim, para Queiroz, “toda a política passava a se processar segundo as leis de um jogo claro e simples, com as figuras seguintes: os coronéis, o governo estadual, governo federal”.⁴

Os interesses políticos do deputado Paulo Santos, que ambicionava aumentar seu prestígio e seu controle sobre o município recém-emancipado, entram em choque com os do coronel Chico Belo. Conforme Leal, o coronelismo “atua no reduzido cenário do governo

local: seu habitat são os municípios rurais do interior...”⁵, e é nesse contexto que ocorrem os atritos e disputas coronelistas. O deputado Paulo Santos, enfrenta o coronel Chico Belo em seu próprio *habitat*, que por sua vez procura socorro junto às autoridades estaduais. Isso mostra que, ainda segundo Queiróz, “quando o governo central tinha simpatia por uma facção, auxiliava-a, mas de maneira a não prejudicar uma atitude contrária, caso a facção oposta se mostrasse mais forte. No caso de serem ambas *de confiança*, deixava que liquidassem entre si a divergência para apoiar o vencedor”⁶.

Vale lembrar que o controle de mando do coronel contava com alguns elementos fundamentais além do filho bacharel: dispunha de influência sobre o delegado de política e a conivência do pároco local, somados ao seu próprio prestígio e riqueza para manter uma guarda pessoal e a lealdade de seus apadrinhados. De um modo simples, Palmério lança toda a composição do coronelismo na fala dos seus personagens: “Sei não, Deputado. Eleição se ganha, mas é com dinheiro e polícia”⁷. Nessa linha de interpretação, Palmério narra: “com a aproximação das eleições nos municípios recém-emancipados, a política estadual se agitará. Os chefes do interior exigiam prestígio do Governo, e nada melhor para manter a autoridade local que a presença de um delegado militar nomeado às vésperas do pleito”⁸. Começam as dificuldades do deputado Paulo Santos, enfrentando intimidação policial, traições, compra de títulos de eleitor e de votos.

Tais situações remetem ao compromisso fundamental e ao compromisso secundário do coronelismo, em estudo realizado com muita propriedade por Victor Nunes Leal. Segundo este autor, o compromisso fundamental no “*coronelismo* é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido e a decadente influência social dos chefes locais notadamente senhores de terra”⁹. Junto a esse compromisso fundamental havia outros componentes que faziam parte do conjunto da ação coronelista como o “mandonismo, o filhotismo, o falseamento do voto, a desorganização dos serviços públicos locais”¹⁰.

O eleitor estava, dessa maneira, inexoravelmente enredado num encadeamento de compromissos para sobreviver e votava sem ideologia ou consciência política. Como tal, *rendia-se* ao desejo e à ordem do coronel por submissão, amizade, troca de favores, dinheiro e emprego. Fica claro, portanto, uma das marcas típicas da política brasileira, que é a inexistência de embasamento ideológico nas ações, a fragilidade dos partidos políticos e a troca constante e *sem cerimônia* de siglas partidárias e de seus membros que não desejam o desconforto da oposição, preferindo sempre que possível desfrutar do poder da situação. “Nas eleições passadas, nós aliamos aos democratas para vencer os liberais, nas últimas, nos unimos aos liberais para derrotar os democratas, agora, o boato é que os democratas estão se aproximando dos liberais para acabarem com a gente... Nessa confusão toda, sobram apenas os mais duros, que ninguém é bobo de fazer casa com pau bichado...”¹¹

O processo eleitoral no universo do coronelismo exigia um trabalho preparatório quando se iniciavam as atividades fraudulentas. O que geralmente se constava, ao se fazer o levantamento do eleitorado potencial local, era a existência de grande número de analfabetos. Uma das primeiras medidas era, então, providenciar títulos de eleitor para esse eleitorado *inexperiente* assinando, se preciso fosse, os documentos pelos próprios titulares. Uma *mão gentil e providencial* ajudava na obtenção de títulos de eleitor. A seguir vinha o trabalho de esclarecimento para assegurar que o novo eleitor não voltasse errado, ou anulasse o seu voto.

Outra forma de garantir o resultado desejado nos pleitos eleitorais, era a de “entregar as marmitas já preparadas ao eleitorado”¹², fenômeno este tido e mantido como o clássico *voto de cabresto*. A tática de cabresto foi combatida de certa maneira pela instituição da cédula única, eliminando a diversidade de cédulas antes existente. Cada candidato tinha a sua cédula, obrigando o eleitor a colocar em um envelope uma cédula para vereador, outra para prefeito, outra para deputado e assim por diante. Assim, as marmitas eram acompanhadas no dia da eleição pelos envelopes já prontos e fechados. O eleitor podia votar sem saber em que estava votando.

Os eleitores podiam também ter condução para votar, sendo esta prática uma das formas mais corriqueiras de fraude eleitoral. Veículos podiam estar a mando de um chefe local, à disposição para buscar nas regiões vizinhas diversos eleitores; estes primeiro faziam uma parada estratégica na casa do coronel, que distribuía envelopes e, para maior segurança, podia até reter os títulos de eleitor, devolvendo-os apenas após a votação. Nesta parada, em geral na propriedade do chefe político, também podia haver marmitas ou refeições, o que passou a ser conhecido por *curral eleitoral* do coronel.

A condição essencial para permitir tais práticas, absolutamente ilegais e descaradamente consentidas como a manipulação criminosa das refeições, representava o prestígio e a riqueza do coronel praticando a compra de votos em dinheiro vivo ou em *agrados*, o que garantia a vitória certa do candidato mais poderoso, ou de padrinho poderoso. Uma forma também considerada clássica era cortar a nota (o papel moeda) ao meio, entregando a segunda metade ao eleitor após a realização do pleito. Outras medidas eram tomadas como a intimidação policial, a interferência providencial do padre em seus sermões dominicais, e muitas outras, conforme a criatividade e a imaginação profícua dos políticos coronelistas.

Em contrapartida, a população encontrava uma maneira de resistência à declarada fraude eleitoral, ridicularizando essas práticas e difundindo piadas e comentários irônicos a respeito das eleições manipuladas. Assim, ouvia-se dizer: *naquela eleição até os mortos votaram*. E, muitas vezes esta piada tornava-se realidade. O eleitor votava várias vezes ou alistavam-se no rol do eleitorado pessoas mortas, menores de idade e assim por diante. Não faltavam especialistas para esses serviços e eram pródigos em suas tarefas de burlar o voto e literalmente *fazer* candidatos vitoriosos sempre sob os auspícios de um coronel, medindo forças com seus adversários ou não aliados políticos.

O romance *Vila dos Confins*, obra-prima de Mario Palmério, é um quadro singelo e surpreendentemente real que retrata o cotidiano político de um momento da história política brasileira. E neste caso, a

literatura permite a compreensão de um fenômeno histórico, mesmo para os que não são especialistas em questões de política. Isso vem demonstrar que ao tratar de uma realidade regional, Palmério soube talentosamente abordar uma sociedade e um contexto político em sua universalidade. Por isso, a obra de arte, imitando a vida, pode ser uma fonte preciosa e saborosa de conhecimento e compreensão do universo humano.

1. CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso, 1889 – 1943*. 2^a. Ed. Campo Grande: EdUFMS, 2006, p. 60.

2. JANOTTI, Maria de Lourdes M. *O coronelismo: uma política de compromissos*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 7 (*Tudo é História*).

3. PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins*. 11^a Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, , 1968.

4. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida política brasileira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969, p. 97

5. LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975, p. 251.

6. QUEIROZ, M. I. P. *Op. cit.*, p. 100.

7. PALMÉRIO, M. *Op. cit.*, p. 19.

8. *Idem, ibidem*.

9. LEAL, V. N. *Op. cit.*, 20.

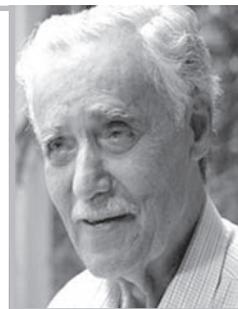
10. *Idem, ibidem*.

11. PALMÉRIO, M. *Op. cit.*, p.26/27.

12. *Idem, p. 26*.



WILSON BARBOSA MARTINS



Nasceu em Campo Grande. Formado em Direito, foi prefeito de Campo Grande, Deputado Federal, Governador de Mato Grosso do Sul por dois mandatos e Senador Constituinte. Publicou o livro: "Memória - Janela da História" em 2010. Ocupa a cadeira n° 38

Faculdade de Direito em São Paulo

No início de 1934, falei com meu pai e obtive permissão para concluir o ciclo ginásial em São Paulo e dar início ao curso de direito na Faculdade do Largo de São Francisco, famosa no país. Eu havia sido aprovado no quarto ano do Colégio Dom Bosco de Campo Grande e faria o quinto e último no Liceu Rio Branco, naquela capital.

Combinados, ele me deu oito notas de quinhentos mil réis no total de quatro contos de réis e eu parti na companhia do primo Ivan Barbosa Martins, simpático e afável, que estava para concluir o curso de Medicina no Rio de Janeiro. Tomamos o noturno da Noroeste do Brasil e chegamos ao destino quarenta horas depois.

Eu era apenas um menino, com pouco mais de dezesseis anos, e fiquei aturdido com o movimento da cidade grande, na época com um milhão de habitantes e linhas de bondes e ônibus, fora automóveis a circularem em todas as direções. Aluguei quarto e tomei pensão na Rua Marquês de Itu, 19, na Vila Buarque, onde havia ainda lampiões a gás – era a São Paulo da garoa e dos lampiões a gás, cantada pelos poetas. Matriculei-me no colégio, fiz dois ternos de casimira e comprei roupas e livros didáticos. Sobrou-me dinheiro para mais dois meses, como avisei aos meus pais.

Conheci na pensão dois jovens de Corumbá, André de Barros que partiu para o Rio de Janeiro, onde estudaria direito, e Carlos Mônaco, que fez ali mesmo o curso de engenharia. Na mesa de refeições, um dos companheiros, Celso, criticava acidamente os patricios que não haviam se engajado na revolução paulista, falei-lhe da nossa ajuda, no sul de Mato Grosso, mas nada o conformava. O colega de quarto era educado, João Francisco Cuba dos Santos Filho, funcionário que mais adiante se faria bacharel como o pai, então Juiz de direito do interior. Dias depois começaram minhas aulas, eu achava tudo difícil, ignorante como era das pessoas e das coisas. Em verdade, sentia falta dos meus e levei tempo a me habituar fora de casa. Encerrado o ano letivo, estava concluído o meu curso ginásial e logo após deveria submeter-me ao exame vestibular da Faculdade. Fiz inscrição para o vestibular de direito, que constava de uma prova escrita apenas e de várias outras orais. No momento em que nos pusemos em fila para o exame escrito, abri o livro que continha os pontos (higiene e medicina preventiva, de Afrânio Peixoto) e li toda a matéria que, por sorte, responderia logo depois. Minha prova esgotou o assunto.

Os professores incumbidos do vestibular não nos deram a nota dessa prova, mas ela era examinada no instante em que fomos arguidos e pude perceber que a minha aprovação decorrera em boa parte do êxito na prova escrita.

Travei relações com dois rapazes de minha cidade e com eles passei a morar junto à faculdade e também na pensão de José Gil Lescano e sua mulher, dona Martina, que acolhia gente do nosso rincão, no Largo do Arouche, 39. Eram José Fragelli e Iturbides Serra, ambos de Campo Grande, estudiosos e de bom caráter. Fizemo-nos bons e leais amigos. Nossa amizade era a de irmãos. Na pensão, eu e o Iturbides ocupávamos o mesmo quarto. No inverno apanhei gripe e à noite a tosse me acometeu e nos impedia de dormir. Lá pelas tantas, o Tubica – seu apelido – lamentou-se, desceu a escada e obteve, em um dos bares abertos, uma porção de vinho que fez aquecer e me trouxe a beber. Foi tiro e queda, parei de tossir e nós pudemos conciliar o sono. Iturbides,

além de bom coração, foi dos melhores talentos de nossa geração. Sua oratória era rica, entusiástica e repleta de imagens.

O ano não era auspicioso para mim apenas, mas para a cidade e o país. Criou-se em 1933 a Escola Livre de Sociologia e Política, com o apoio de empresários, e o interventor Armando de Salles Oliveira criou a Universidade de São Paulo, em 1934. Sergio Milliet disse, a propósito: “De São Paulo não sairão mais guerras civis anárquicas, e sim uma revolução intelectual e científica suscetível de mudar as concepções econômicas e sociais dos brasileiros”.

Professores estrangeiros de valor: Roger Bastide, Emílio Williens, Donald Pierson, Pierre Monbeig, Hebert Baldus lecionaram ao lado dos nacionais, formando novas gerações de cientistas.

Mário de Andrade, um dos organizadores da Semana de Arte Moderna em 1922 e que lançara Paulicéia desvairada, de poemas modernistas, fundou com Paulo Duarte o Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, órgão de grande influência na democratização da cultura. Criou, também com Paulo Duarte, a Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo. A Discoteca Pública e os primeiros parques infantis são obras suas. Em 1938, transferiu-se para o Rio de Janeiro para dirigir o Instituto de Arte da Universidade do Distrito Federal e para ocupar a cátedra de história e filosofia da arte.

A velha Academia de Direito, embora compusesse a Universidade de São Paulo, não mudou do lugar que ocupa desde sua criação, em 1827, no antigo Convento do Largo de São Francisco.

O prédio do convento foi demolido por etapas e, quando do meu ingresso, eu ainda assisti às aulas em salas antigas. O salão nobre, onde se realizam as festas de formatura, não estava concluído no ano de 1940, assim coleí grau, no mês de janeiro, no Teatro Municipal. Tivemos a insigne honra de contar com o professor Clóvis Beviláqua na solenidade de formatura.



O 1º Trabalho Forense em Campo Grande

A decisão de voltar à terra natal mudou o rumo de minha vida e selou minha sorte. Pude conviver por mais tempo com minha família e ser útil a minha gente.

Nas cidades grandes, cada habitante é simplesmente um número. Nas pequenas, passa a ter individualidade. O nosso caboclo, na rudeza da sua expressão, diz que em terra estranha o touro é vaca – é mais frágil e vale menos. Ajudado por familiares e amigos, experimentei o sabor do crescimento rápido. Os clientes me empurraram para cima. Nem bem eu respondia uma consulta e já surgia outra. E os advogados novos precisam tempo dobrado para bem estudar e orientar suas causas e seus clientes.

No início da década de 1940, Campo Grande contava 24.479 habitantes na cidade e mais 25.120 no município e tinha um único juiz de direito, Eurindo Neves, e um promotor público, José Fragelli. O juiz despachava regularmente o expediente forense. A justiça era mais rápida. Parte da remuneração do magistrado era formada pelos emolumentos, gratificações que lhe eram pagas durante o andamento do processo. A supressão dessa vantagem aos juízos, que nos parecia um avanço, na verdade resultou em maior demora na solução das contendas. O promotor sempre foi homem de fibra. Recolocou as funções do Ministério Público na sua exata posição. No júri, acusava com desassombro bandoleiros temidos.

Meus pais moravam na Rua Antonio Maria Coelho, entre as Ruas 13 de Maio e Rui Barbosa, onde me instalei. Isso, em junho de 1941. Procurei sala para o escritório, que montei no sobrado da Rua Barão do Rio Branco, acima do cartório do 4º Tabelião, Júlio de Castro Pinto, de quem fui colega e amigo. Os móveis, comprei-os no Terruta Ishi, cuja oficina ficava na 13 de Maio, próxima à Maracaju. A escrivaninha e duas estantes para livros, maciças, de umburana ou Angelim, ainda as tenho no meu escritório, passados tantos anos.

Os advogados que trabalhavam na comarca eram os drs. Carlos

Hugueney Filho, Heitor Medeiros, Oclécio Barbosa Martins, Luiz Alexandre de Oliveira, Manoel Máximo da Fonseca, Demosthenes Martins, Lourival Azambuja, Fausto Matto Grosso Pereira, Aristóteles Ferreira, Paulo Coelho Machado, João Leite, João Magalhães, Ataliba Alvarenga e Dolor Ferreira de Andrade. O fórum funcionava ao lado da Prefeitura Municipal, esta na esquina da Avenida Afonso Pena com a Calógeras, onde também era o tribunal do júri. A casa ao lado era sede do Rádio Clube, onde se reunia a sociedade na parte da manhã para jogos de carta e à noite para festividades, inclusive bailes. O presidente do Rádio era o Mário Quintanilha Ribeiro, oficial médico do Exército, cujo desafio maior era a construção da sede própria do clube, na Rua Pe. João Crippa.

O prefeito Demosthenes Martins havia reformado o prédio do clube e o destinou à Câmara Municipal e ao fórum da comarca, guarnecendo-o de mobiliário condigno. E o clube passou a funcionar na nova sede.

Em função da nossa participação na Segunda Guerra Mundial, fui convocado e, como soldado, passei a lecionar na Escola Regimental do 18º Batalhão de Caçadores de Campo Grande. Exercitei também o cargo de advogado na Justiça Militar.

No exercício da advocacia criminal aprendi a falar em público; eu que era tímido e tanto dependia da oratória para defender os clientes e, mais tarde, para sustentar os direitos da cidade e do estado na comunhão nacional.

Comprazia-me nas defesas escritas ou orais, inclusive no júri, quando a luta alcançava o ápice de sua importância na salvaguarda da liberdade dos cidadãos.

Procurei o tio Vespasiano, cujo consultório ficava na Avenida Afonso Pena com a Rua 14 de julho, em salas da Farmácia Royal, e entreguei-lhe carta do meu pai, na companhia do tio João. Acolheu-me bem e aconselhou-me a trabalhar e não brigar com o juiz, para não dificultar a carreira. Assim agi ao longo da vida profissional: se as sentenças me eram contrárias, interpunha os recursos cabíveis, não ofendia o juiz. Estudava com afinco, trabalhava bastante e formei boa clientela.

Casa comercial de ponta era a Nhanduti, na rua 14 de Julho, pertencente ao casal Ramonita e João Akamine; ela, habilidosa e alegre, sabia melhor que ninguém comprar e vender bons presentes. Acabaram vendendo a casa comercial para dona Áurea Barbosa Klafke e seu marido Olímpio Klafke. Passado algum tempo, adquiriram outro estabelecimento do mesmo ramo e na mesma rua, por isso tiveram que responder a uma ação indenizatória da parte de dona Áurea e seu marido. Foi o meu primeiro trabalho forense de repercussão. Obtive ganho de causa para Ramonita e o marido, tanto na comarca como no tribunal de justiça, ao tempo em Cuiabá. Novas vitórias ocorreram na área civil e também na criminal, pois me familiarizara com o júri e já comparecia à tribuna como bom lidador.

CONCURSO DE CONTOS ULISSES SERRA



A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras promoveu recentemente a edição/ano 2011 do “Concurso de Contos Ulisses Serra” da ASL, já tradicional em sua história e que homenageia um dos seus fundadores. E, após a seleção e julgamento (por comissão própria) dos textos inscritos, foram considerados vencedores os seguintes contos/autores:

1º Lugar: “O Santo que não tinha os pés” (autor: Reginaldo Costa de Albuquerque – de Campo Grande/MS);

2º Lugar: “O velhinho das compras” (autora: Marlin Balbuena Bremm – de Campo Grande/MS);

3º Lugar: “O rei e o hipopótamo” (autor: Samuel Xavier Medeiros – de Campo Grande/MS).

Assim, conforme edital e regulamento do presente certame literário, transcrevemos, nas páginas a seguir, pela ordem de classificação, os textos vencedores.

1º lugar do Concurso de Contos Ulisses Serra da ASL (Ed. 2011):

Conto: “O santo que não tinha os pés”

Autor: Reginaldo Costa de Albuquerque

Breve currículo:

48 anos, campo-grandense (MS) de coração. Possui mais de duzentas premiações literárias em concursos de poesias, sonetos e contos. Participa de mais de 100 antologias. Autor do livro *Sonetos no azul da tarde*.

2º lugar do Concurso de Contos Ulisses Serra da ASL (Ed. 2011):

Conto: “O velhinho das compras”

Autora: Marlin Balbuena Bremm

Breve currículo:

Nascida em Anastácio (MS), atualmente reside em Campo Grande. Filha de Epifânio Balbuena Rojas e Elmira Coutinho Balbuena, é formada em Administração de Empresas, pela UNIDERP. Atualmente trabalha como administradora em empresa na qual é sócia-proprietária.

É escritora e poeta amadora e admiradora da literatura sul-matogrossense.

3º lugar do Concurso de Contos Ulisses Serra da ASL (Ed. 2011):

Conto: “O rei e o hipopótamo”

Autor: Samuel Xavier Medeiros

Breve currículo:

Atual presidente da UBE-MS. Conselheiro Municipal de Cultura. Advogado. Autor de dois livros: *Memórias de Jardim* (2002) e *Senhorinha Barbosa Lopes* (2007).



PREMIADOS NO CONCURSO DE CONTOS ULISSES SERRA

**1º Lugar do *Concurso de Contos*
Ulisses Serra da ASL (ed. 2011):**

O santo que não tinha os pés

(Reginaldo Costa de Albuquerque)

Verão abafadiço, o sol brotando em ondas das profundezas da terra. Caminhou a passo curto e parou apurando os ombros largos na soleira de tijolos que havia na entrada humilde do casebre, mastigando o final da fome, que empurrara com uma caneca de água fresca, em três goles. O prato com migalhas do almoço ficara para trás, à beira da mesa da cozinha, alimentavam moscas e fila de formigas, entravam através de um furo da parede caiada junto ao piso, vindas de um montículo de sujeira do quintal por varrer. Da solidão local contemplava o mundo lá fora. À esquerda, a uns quinhentos metros, o povoado começa. No alto, a cruzinha da torre da capela brilha acima dos telhados. As alpercatas com solado de borracha de pneu velho estralaram nas depressões da areia grossa, expelida pela aspereza da estrada sem asfalto, cobra em constante fuga, que serpenteia entre margens de beldroegas e cercas de arame, sobe o cascalho da pequena ladeira e desaparece no contorno da curva num eterno aceno de adeus, escondendo faixa estreita de mata afastada. A fronde escassa de um jasmineiro cercado por bancos rústicos sem encosto, fazendo as vezes de varanda, cobriu-lhe com um manto rendado de sombras, enegrecendo o branco dos cabelos. Picou, ali mesmo,

um fumo de corda com o canivete agarrado ao cinto e durante minutos desfilou, sem convicção, o pensamento no meio da fumaça dissipada. Na idade que o carrega, já não espera surpresas ou emoções. Apertou a camisa puída contra a barriga saliente com os botões que encontrou e atravessou a estrada, as farpas do arame frouxo e perambula pela propriedade que se espicha até as montanhas no horizonte.

Na tristeza da paisagem, a sequeidão tornava a atmosfera irrespirável, a estação chuvosa esquecera-se do lugar. O castanho dos olhos exprimia curiosidade do roçado de pés de milho mortos, antes de levantar espigas ao pardacento regato, em cujo leito estreito e raso, tão somente o lamento de rachaduras quentes dormitando nos tufos de barro e lodo duros. O silêncio quase infinito é cortado pelo rastro da lagartixa se enfiando rápido nas brechas de pedras e restos de capim. Mais de uma vez experimentara a ponta do zumbido de mutucas. Agora velho e fraco, porém conservava a lucidez ativa. Os feitos do homem de músculos fortes que lhe apontavam esporando a memória. Vaqueiro que se distinguira ora tangendo o rebanho manso para o curral, ora chicoteando o ruão pelas rédeas na perseguição da rês desgarrada, quadrupedando pelas trilhas daquele pedaço da fazenda. De tempos em tempos, parecia ouvir um bovino longe, estremecendo folhas por perto. Em seguida, pressentiu ser observado. Mas se convenceu de mera desconfiança. Para não se deixar vencer pelo calor, encosta-se à firmeza do tronco de ingá grandioso, pisando os nós retorcidos das raízes expostas. Ergueu a mão e examinou a cápsula estalada pendente de um galho.

Um urro assustador ribomba rompendo a quietude. As rugas da testa assumiram de imediato, traços de preocupação. Algo se aproxima espedaçando moitas, levantando poeira. Balançou a cabeça para os lados evocando Deus e intuiu que o perigo não só existia de fato, como tinha vida própria. Perturbou-se porque estava inteiramente sozinho, dobrou os braços e cerrou os punhos recobrando nas veias dilatadas a cena em que pôs ao chão o primeiro boi. As marcas da lida no campo amealhadas ao longo da existência o abandonaram. Mas voltaram

num ritmo acelerado quando um zebu enorme apareceu diante dele sacudindo os chifres violentamente e riscando, desafiador, o chão com os cascos dianteiros. Gritou se preparando para o pior. Mínima pausa, o bicho disparou furioso em sua direção arrastando a corda que trazia ao redor do pescoço. Ao mesmo tempo, o vulto de um homem vestindo batina surge voando baixo em posição vertical e se interpôs entre ele e a fera, dominando-a com facilidade, sem ao menos tocar o solo com o corpo ou desfazer o laço do cordão que lhe cingia a cintura. A pele eriçou-se e se prostrou em estado catatônico, quando perde os sentidos ao notar que a estranha figura do salvador, permanecia ereta no ar olhando intensamente para ele, em vez de caminhar. Não tinha os pés.

As pessoas faziam barulho ao entrarem e saírem da casa. Tagarelavam alto num tom festivo. A razão se equilibrava no tênue fio do sonho e da realidade. Reconheceu nas vozes indiscretas velhos companheiros de ofício e o ex-patrão ali no quarto.

– Você está com uma aparência ótima – o antigo patrão consolando o aposentado.

A respiração pesava, as pálpebras estavam inchadas e os olhos apertados quando murmurou:

– O que aconteceu?

– Ora, você é quem deve explicar a proeza de dominar e amarrar aquele boi bravo, que há dias estávamos à caça. Não tem arranhão ou ferimento. Deparamos com você totalmente desacordado ao lado do fujão.

– Certo – disse a si mesmo com ligeira irritação pelas possíveis insinuações.

Um esgar foi entendido como um sorriso. Sentando-se sossegadamente na cama, falou entrecortado, as lembranças chegaram juntas à corrente das ideias. Houve murmúrio de assentimento e se aquietaram atentos a escutá-lo. A manifestação geral era de tensa expectativa. Daí sentiu os lábios se mexerem automaticamente, num resumo rápido ao arrematar o rosto sério:

– Foi um santo que intercedeu em minha defesa!

A resposta improvável deixou-os vagamente intrigados. Duvidaram.

– Bateu a cabeça? – questionaram diversas vezes.

– Efeito do álcool, quem sabe? – ecoou uma fala sumindo mais ao fundo.

Quase imediatamente alguns se retiraram e foram embora. Outros pilheriam. Restrito grupo de homens permaneceu nas mesmas perguntas.

– Qual santo te protegeu? – inquiriu o vaqueiro paciente.

Nítido esforço restaurou a calma e repetiu contente sem pestanejar:

– Um santo que não tinha os pés, do qual não me recordo de tê-lo visto antes. Soaram resmungos de insatisfação. Concluíram que tecia palavras inúteis. Um a um os que ficaram, deram-lhe às costas. E continuou falando com mais ênfase. Confiante, pôs-se de pé e debruçou-se no parapeito da janela para a luz morna e alaranjada. A calma reinante, à tardinha, o incitou a formular reflexões imprecisas.

Na manhã seguinte, cedo, fora acordado por insistentes pancadas na porta da sala. O relógio no pulso marcava seis e meia. Vestiu-se às pressas e atendeu a dois garotos estendendo-lhe um embrulho.

– Encontramos numa moita, perto do acontecido, metade enterada – arrematou o mais velho.

Ao desenrolarem o pano velho que o envolvia, embarçou-se e continuou calado por um bom momento. Entregaram-lhe a imagem carcomida de um santo de madeira de quase um metro faltando os pés e desapareceram em correria sem lhe dar atenção.

Lavou a sonolência na torneira. Com ele debaixo do braço, preso ao peito, saiu para o centro do povoado. Alcançou os paralelepípedos da rua que o separava da capela. Um bando de andorinhas sobrevoou em alvoroço, trissando as badaladas das sete horas. Saudava os que por ele passavam. Subiu depressa a escadaria. Entrou pelo vão de uma das duas folhas grossas da porta e sentiu o aroma confortante emanado dos turíbulos. Ajoelhou-se curvando a fronte perante o altar onde o pároco acendia um castiçal e, após uma reza, cumprimentou-o com a reverência merecida.

– O que o traz aqui, filho? Já recuperado do susto de ontem?
– Um milagre, padre! Veja o santo que me salvou! Arrepio-me só de lembrar.

– Não brinque com o sagrado na casa do Pai. Isso é heresia. Estão se divertindo às suas custas.

Tentou argumentar, falar dos desígnios de Deus para com os homens.

– Essa é a única verdade, quer o senhor queira, quer não! – bradou sem hesitação, afastando-se dali.

– Um milagre! – repetia mais tarde para o desconfiado ex-patrão.

– Sei, sei...

– E justo nos seus domínios. Peço apenas um cantinho à beira da estrada, em frente da minha casa, um pedestal com estátua em homenagem ao santo. Ele nos trará alegrias, “fatos extraordinários”, superaremos dificuldades.

Em consideração aos préstimos do ex-empregado e ignorando a negativa do sacerdote, mandou cercar e limpar o emaranhado de tocos finos do lote de terreno postulado, tapar os buracos, corrigir os ressaltos. E nesse dia, nuvens escuras rolaram sobre a região, relâmpagos riscaram o firmamento e a chuva desabou em abundância. O regato lançou águas barrentas, peixes e detritos sobre as margens.

Arrecadou tijolos, pedras, cimento e cal. Reuniu mão de obra voluntária, pedreiro e serventes.

Por esses mistérios que não se explicam a vez do santo logo correu léguas. Atribuíram-lhe milagres. Cordéis deram-lhe um passado glorioso: moço perdera os pés salvando crianças numa cidade incendiada e Deus o arrebatara para os assentos celestiais. Barracas vendiam lembranças aos visitantes, chaveiros, canetas, imagens. O vigário fora enxotado ao tentar dissuadi-los.

– A verdade, caríssimos, é outra. Deus bem que escreve certo por linhas tortas, mas essa linha de conduta de vocês é torta além da conta.

Os degraus da estátua ao santo que não tinha os pés acolhiam promessas gravadas na forma de mãos, pés, pernas e bengalas de madeira.

Orações e cantorias fraternais calaram-se nas árvores próximas o bico da passarada. Profusão de círios acesos enche as noites de luar.

E numa dessas noites, o mistério visitou a moradia em frente. Orações e cantorias se distanciaram dos ouvidos de quem lá estava. O corpo tremeu suando frio sob o lençol, arqueou um instante, e só.

Quando à luz da aurora, fecharam suas pálpebras, as chamas da noite anterior ainda tremeluziam dentro dos olhos esbugalhados.

A fé que move montanhas, também moveu romarias, promessas e barracas. E apagou velas.

– Farsa! – esbraveja um mais exaltado. – Nunca me enganou, visava à riqueza.

– Aposto que é coisa do capeta! – desafia outro se atrapalhando no sinal da cruz.

– Ingratidão! – pondera uma voz fraca de anciã. – Deus sabe o que faz!

Velado ali mesmo, caixão simples, pessoas diversas se revezando na vigília.

– Está no céu.

– Direto para o inferno.

Caía a penumbra quando o padre orou pela salvação da alma do defunto.

Então uma ventania passou empoando tudo. As velas recobriram o viço, iluminando o pedestal. A estátua do santo que não tinha os pés se movimentou. Aereamente adentrou-se ao velório e se inclinou sobre a face do morto. Acolheu-o carinhosamente nos braços e ganharam o espaço voando.



2º Lugar do Concurso de Contos
Ulisses Serra da ASL (ed. 2011):

O velhinho das compras

(Marlin Balbuena Bremm)

Tarde de sexta-feira... O sol era forte e o calor era intenso na nossa querida Cidade Morena. E lá estava eu a fazer compras num destes supermercados centrais. Não gosto desta tarefa – confesso. Mas fazer o quê!?

Assim, percorri todas as seções do estabelecimento com a tradicional listinha na mão. Coloquei em meu carrinho tudo o que eu precisava, o que estava listado e mais um pouco (é sempre assim). Enfrentei a fila para o devido pagamento e, ao chegar ao local, deposei item por item na esteira, que deslizava suavemente, até que os produtos fossem registrados um a um pela máquina controlada pela moça operadora do caixa. Chegara a ocasião da tarefa mais fácil, porém desanimadora: a hora de sacar o cartão e pagar os gastos; não ficaria tão surpreendida se tivesse seguido fielmente a listinha que fizera; mas os supérfluos são coisas inevitáveis! Então, na hora de pagar a conta, sempre vem a surpresa dos gastos não contabilizados. Efetuei o pagamento. A seguir, tive todo o trabalho de empacotar as compras e acomodá-las de novo no carrinho, tomando todo o cuidado para não danificar nenhum produto. Trabalho chato e cansativo.

Finalmente, dirigi-me ao estacionamento; lá, enfrentei mais uma tarefa: descarregar todas as mercadorias compradas, e depositá-las no porta-malas do carro. Enfim, tarefa concluída.

Entrei em meu automóvel e, antes de dar a partida, presenciei uma cena um tanto curiosa, e que me prendeu a atenção: um senhor idoso (que também, pelo visto, acabara de sair do supermercado), ao lado do seu carrinho de compras, a uns 10 metros de mim, ‘lutava e relutava’ com as suas compras... naquele sol forte e mormaço de quase 40°.

O “pobre” velhinho, que vestia uma calça social escura (aparentemente bem usada) e uma camisa clara com mangas dobradas no meio dos antebraços, estava quase derretendo... Entretanto, ele tirava e colocava as compras nas sacolinhas do supermercado; inexplicavelmente, passava algo de uma sacola a outra; despejava as batatas, movia as cenouras e checava com cuidado os ovos... acomodava tudo em respectivas sacolas, selecionava os itens e, logo em seguida, começava tudo de novo... e era um tal de põe batata, tira batata; coloca cenoura, remove o chuchu; ajeita a beterraba, protege a alface... admira o repolho... Opa! Abriu espaço para os ovos, mas, na troca de posições, a bendita batatinha ficou de fora... faltou sacola (terão diminuído de tamanho as tais sacolinhas?)... E recomeça tudo de novo... vai batatinha, vêm os ovos, giram outros itens (não identificados por mim): isto prum lado, aquilo pra outro...

Então, matutei... – O que será que este velhinho está tentando fazer!?... Fiquei ali, dentro do meu veículo, numa posição frontal e privilegiada, observando atenta (e até um tanto preocupada), para matar a minha curiosidade, e certamente aprender algo com aquele senhorzinho bem vivido, que - pela aparência - devia ter cerca de uns oitenta anos. Com certeza, eu tiraria dali alguma lição de vida...

Bem... Foi aí que ele, finalmente, retirou as sacolas todas do carrinho do supermercado, ao tempo em que mencionou pegar a sua surrada maleta (destas do tipo 007, antiga, que, desde o início daquela ‘tarefa’, se encontrava ao lado)... Pensei: Ufa!... Que bom, até que enfim o velhinho resolveu a sua peleja... Ah, mero engano meu. Ele despejou tudo de volta no carrinho... Aí, neste instante, retirou um lenço do bolso, e secou o suor que lhe escorria abundantemente pela face, e - de imediato - recomeçou toda a ‘batalha’ novamente... Ah, não! Pensei comigo (agora já bem preocupada): – Será que ele está caducando? Refleti...

E o velhinho, alheio ao meu curioso olhar, começou tudo de novo... Examinou as compras no carrinho, mirou-as bem... E agora: passa a colocar um saco dentro do outro... põe uma coisa, retira outra... reacomoda a cartela de ovos... organiza tudo novamente, examina o volume

das sacolas, perscruta, chega mesmo a quase dialogar (ou discutir) com os legumes e outros itens (os quais não consegui visualizar bem). A ‘batalha’ (velhinho x carrinho x compras x embalagens) se prolonga... A cena parecia até uma contenda de lutadores num ringue solitário... E, na plateia, eu, a única espectadora atenta a este combate sui generis... Enquanto o determinado velhinho, “a estas alturas do campeonato”, já estava todo descabelado, muito suado, visivelmente cansado, porém atracado às compras e sacolas. E, neste ponto do conflito, já resmungava consideravelmente em bom som (falava sozinho, ou melhor: com seus adversários-mercadorias), gesticulando o tempo todo, como que a dizer: – “Vou já mostrar quem é mais forte aqui!”...

Que coisa! Um verdadeiro teste de resistência para mim, não para ele, que parecia normalmente envolto, de corpo e alma, num ritual inexplicável e deveras interminável. Aquilo, aquela cena toda, já estava – como se diz no coloquial – ‘me dando nos nervos’!

Mas, de repente... Eureka!... Ele rasgou uma das sacolinhas, dobrando-a em seguida, formando um tipo de cordão, que serviu para entrelaçar umas às outras, com o intuito – fiquei sabendo depois – de conseguir maior firmeza na hora de carregá-las e, assim, também não rasgá-las com facilidade no trajeto.

Pois bem... Depois de mais de meia hora, “bolando” um plano estratégico para conduzir as suas compras, aquele idoso, resoluto na sua missão, sacou de seu bolso um pente e novamente o surrado lencinho: penteou, com desvelo, os seus poucos e alvos cabelos, e secou um pouco do suor que lhe tomava o corpo... Pensei: sobrou ainda tempo para a vaidade. Velhinho danado! Que fofo!

Por fim, coçou a cabeça, olhou prum lado e pra outro, respirou fundo, juntou as sacolas entre os dedos das suas mãos, acomodou-as da melhor forma para o transporte, pegou também a sua pequena maleta e partiu... Ufa! Finalmente! Aleluia! Assim, ele seguiu rumo ao portão de saída do supermercado...

Esclareço que, durante todo o tempo em que eu observei a cena, fiquei certa de que um fusquinha azul (que se encontrava estacionado

ao lado) era do simpático velhinho, e que era lá onde ele iria colocar as suas famigeradas compras. Que nada! O nosso protagonista seguiu, a pé, até um ponto de ônibus localizado nas imediações.

De certa forma, senti-me envergonhada comigo mesma, pois, quando eu estava realizando as minhas compras, “reclamei” o tempo todo, criticando o trabalho que teria para concluí-las (desde escolher os produtos, ‘pilotar’ o carrinho, enfrentar as filas da carne e do pão, acomodar as compras, encarar a fila do caixa, efetuar o pagamento, empacotar etc...). É... Realmente, aquele senhor foi uma grande lição de vida pra mim. Comparando as nossas idades, ele deu um show de energia e disposição, pois passou por tudo que passei e muito mais... Qual Dom Quixote e seus cata-ventos, o nosso ‘herói-velhinho das compras’ enfrentou uma acirrada luta imaginária-real (sob um calor escaldante) e – em seguida – adentrou feliz no ‘seu’ ônibus/coletivo (certamente superlotado) para levar as suas abençoadas comprinhas para casa.

E eu, que achei que já tinha visto tudo nesta vida, me deparei com este esdrúxulo, senão hilário, e tocante episódio: um velhinho engenhoso simplesmente tentando encontrar uma forma mais fácil de conduzir as suas compras de supermercado. Confesso que, inicialmente, fiquei penalizada, mas depois descontraí e fiquei feliz por ter presenciado, de perto, aquela singela cena daquele senhor de alma enorme – aquele verdadeiro herói do nosso cotidiano. Enfim, liguei o carro e saí dali, refletindo, rumo à minha casa. Quase chego atrasada para a aula na academia. Mas tudo valeu a pena! E como valeu!



3º Lugar do Concurso de Contos
Ulisses Serra da ASL (ed. 2011):

O rei e o hipopótamo

(Samuel X. Medeiros)

Com insônia, o rei levantou-se numa calorenta noite de lua cheia, e fixou os olhos mal dormidos nos longos gramados de seu jardim esbranquiçados por aquela luz noturna que nomeava as distâncias. Não muito longe, distinguiu uma coisa um pouco disforme mais parecendo um grande animal que se movia em gestos lentos. Aguçou o olhar, e viu um hipopótamo banhando-se nos esguichos da fonte. Pelo seu natural tamanho, ele não espargia água em quantidade como era de se esperar; apenas estava deitado, e se movia lentamente para que os jatos de água lhe lambessem o metálico couro.

O monarca esfregou os olhos com as costas da mão; não acreditava no que via. Voltou ao quarto e acordou a rainha, que incomodada, e após impropérios, o ouviu contar do absurdo recebendo de volta uma pergunta: como um animal, desse porte, poderia estar se banhando nas águas de nosso chafariz a estas horas da noite?

Não quis conferir, chamou o marido de doido e virou-se de lado para continuar seu plácido sono real no leito rodeado de dosséis donde caíam exageradas rendas. O rei ficou por ali alguns minutos, e voltou à janela. O hipopótamo não estava mais lá. Aguardou algum tempo e retornou, meditativo, para a cama onde dormiu um sono agitado até o romper da manhã.

Não comentou o assunto com ninguém, nem com a rainha que, aliás, parecia haver-se esquecido que naquela noite, ele a acordara para contar um fato inusitado. Talvez por ter sido bruscamente acordada, ou por não dar absoluta importância, não comentou o assunto com ninguém. Com certeza o fato lhe escapou da memória conjecturou, com satisfação, o rei.

No mês seguinte, com a mesma lua cheia que inundava todos os espaços do reino, era quase meia noite quando olhou pela janela e viu duas girafas na grama ao lado das árvores. Elas enrolavam o soberbo pescoço uma na outra, num gesto de carinho, dando a impressão que era um bicho só. Era uma visão clara e definida. Desta vez não mais chamou a rainha.

Ficou lá, absorto no absoluto silêncio da noite só cortado pelo trilar dos grilos; a mente viajava pelos longos caminhos de seu tempo de jovem príncipe, quando caçava nas florestas cavalgando em companhia de nobres e pajens. Lembrou-se das poucas batalhas em que estivera envolvido e os lugares inóspitos onde andou. O tempo ia se passando e ele não teve consciência de que adormecera encostado ao parapeito da janela.

Em seu sonho, montava um cavalo alado voando pelos enormes campos do seu território. Após sobrevoar uma montanha, encontrou um espaço habitado por animais selvagens e lá desceu. Esses bichos não falavam, mas tinham uma organização quase humana pela forma como viviam. Era um lugar onde se encontravam em harmonia, mesmo sendo eles de diferentes espécies.

O principal deles, que parecia ser o líder, era o hipopótamo, seu conhecido. Este, apesar do tamanho e desajeitado corpo, estava confortavelmente deitado num enorme e limpo colchão. Ao seu redor, duas ursos posicionavam-se como guardas da realeza. Acima, numa espécie de escadaria, encordoavam-se gigantescos cavalos selvagens que agitavam o rabo espantando as moscas; completando o séquito, alguns leões passeavam pelo gramado e, ao longe, tigres e elefantes pareciam estar atentos, como seguranças, mas aparentando calma e placidez convidativas. Olhando mais à direita, viu as duas girafas, também já suas conhecidas; estas o olhavam, espichando o desmedido pescoço, como que pedindo a ele que se aproximasse.

O rei entendeu, e se aproximou daquele estranho cenário onde camas de grandes proporções abrigavam diversos bichos, entre eles zebras que, deitadas placidamente, ruminavam sem pressa; suas listas pretas e brancas decoravam o ambiente.

Quando chegou perto do hipopótamo, este soltou um leve som e abriu a bocarra: o rei olhou dentro daquela boca, para ele incomensurável, e lá viu pessoas suas conhecidas: o comandante geral do exército com a rainha em gestos sensuais; o chefe de polícia retirando caixas do tesouro real e escondendo numa caverna; viu muitas outras coisas todas relacionadas a traições, roubos, deslealdades de seus súditos e, por último, reconheceu o noivo de sua filha, o príncipe filho do rei vizinho dizendo que, assim que se casasse, o reino de sua mulher seria anexado ao seu, e haveria um só território com ele reinando absoluto, com o apoio do comandante geral.

A esta última visão da boca do hipopótamo, subiu-lhe um pavor, queria sair daquele lugar, não sabia onde e como estava, só sabia que não poderia mais estar ali. Num esforço sobre-humano, acordou. Foi quando caiu ao chão à beira da janela.

Voltou e, novamente percebeu a rainha enrolada em lençóis coloridos, dormindo como sempre, alheia a insônias e a qualquer barulho. Com certeza tivera muitas atividades no dia, por isso sempre estava cansada à noite, imaginou, já se desenhando em sua mente a desconfiança. Caminhou pela enorme suíte a esmo algum tempo, depois vestiu-se, e saiu pelos corredores surpreendendo os guardas. Subiu até a torre e, de lá, ficou olhando ao longe os campos, as colinas, as casas, o seu reino. Era um momento em que sua mente não sabia realmente o que pensar. Só via diante de si aquela boca imensa tanto na profundidade como no mistério e nas visões, quase reais.

Amanheceu e ele ali, só os guardas à volta, respeitosos e sem entender porque Sua Majestade estaria andando pelo palácio em horas tão remotas. Desceu aos seus aposentos e não mais encontrou a rainha. Esta havia se levantado antes da hora e, como não encontrou o rei, preferiu não tomar o café ali, descendo ao salão onde alguns nobres e damas já se encontravam.

O rei não dormiu mais, o sol já estava alto. Inquieto, não sabia como interpretar o sonho. Sabia que não podia levar ao assunto ao pé da letra, porque também não possuía alguma prova daquilo que viu

e ouviu. E, também, caso tais fatos fossem verdadeiros, não saberia como iniciar, porque havia visto os principais oficiais, comandantes e religiosos da corte na goela do hipopótamo.

Permaneceu inquieto durante todo aquele dia. Despachou com os nobres, compareceu a uma solenidade na qual pouco falou, todos estranharam, ele sempre usava essas cerimônias descontraindo o auditório com frases de efeito e algum humor.

Avisou que não compareceria ao banquete agendado para alguns embaixadores estrangeiros que se credenciaram no país. Estava indisposto. Alguém sugeriu a vinda do médico real, mas ele recusou. Preferia estar a sós.

Permaneceu no quarto lendo um livro até que a rainha apareceu; esta, indagou o que havia, mas ele recusou-se a falar, e mal respondia às perguntas mais óbvias entre marido e mulher. Carinho, nem pensar. Chegou a noite.

Após o jantar e um período de conversas sem assunto, ela foi dormir, como sempre. Ele, cansado, também deitou-se ao lado, fez sinal ao pajem para apagar a luz e se retirar. Ficou olhando o vazio, e os negros móveis do quarto mal iluminados pela lua crescente que teimava em atravessar as janelas de cortinas transparentes.

Nessa noite, não sonhou porque também pouco dormiu. Levantou-se antes da meia-noite e se dirigiu ao outro lado do quarto onde havia uma sacada e lá avistou o hipopótamo fixando-o com seus pequeninos olhos que destoavam de seu tamanho.

O rei, então, entendeu que, embora usasse, ou tentasse usar de justiça e equidade com seu povo, havia uma força por trás, que ele era incapaz de conceber, mas passível de ser dominada, assim como o eram os animais selvagens. Se até estes tinham a capacidade de viver em harmonia, porque não os homens? Em seus supostos aliados havia todo tipo de traições e mentiras que, um dia, haveriam de se revelar. Nem precisava daquele sol dos trópicos que banhava seu país naquele verão intenso. Apenas a luz baça da lua serviu para que ele entendesse o que lhe rodeava.

À busca de justiça decidiu, ele próprio, descobrir o que havia ao seu redor. Chamou auxiliares que não eram de sua polícia, estes seguiram os personagens que avistou na boca do hipopótamo e, assim, provou-se que cada um agia de acordo com o sonho. Com seu poder de império procurou logo defenestrar alguns, substituindo-os por outros.

Restava somente o casamento de sua filha e a situação da rainha com o comandante.

Era um caminho espinhoso para achar soluções; pensou, pensou, e ao relembrar os grandes animais de seus sonhos, tomou uma decisão: convidou ambos, o príncipe estrangeiro e o comandante para um passeio no imenso zoológico, famoso pelo elevado número de animais selvagens de grande porte, com a desculpa de mostrar algumas aquisições de novas espécies.

A pretexto de atender um chamado deixou-os, convidando os soldados que os acompanhavam para também se retiraram.

Ao ficar a sós, o comandante e o príncipe começaram a confabular seus projetos para usurpar o trono conforme tudo que haviam planejado.

A seguir, ninguém mais soube o que aconteceu com aquela turba de animais selvagens que romperam suas jaulas e o sumiço daqueles personagens que estavam tentando destruir o reino. Restaram poucos vestígios: uma estrela do comandante, o bastão de ouro que o príncipe carregava, e as longas noites de pranto de uma princesa, viúva sem ter casado.

Em eventuais insônias enluaradas, o rei não viu mais o paquiderme.



RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS



Academia
Sul-Mato-Grossense
de Letras

(Patronos e Titulares)





CADEIRAS

- N° 01 | Patrono: Nicolau Frageli
Titular: **Hernani Donato**
- N° 02 | Patrono: D. Francisco de Aquino Correia
Titular: **Padre Afonso de Castro**
- N° 03 | Patrono: Ulisses Serra
Titular: vaga
- N° 04 | Patrono: Joaquim Duarte Murtinho
Titular: **Guimarães Rocha**
- N° 05 | Patrono: José Ribeiro de Sá Carvalho
Titular: **Enilda Mougnot Pires**
- N° 06 | Patrono: Arnaldo Estevão de Figueiredo
Titular: **Thereza Hilcar**
- N° 07 | Patrono: José de Mesquita
Titular: **Américo Calheiros**
- N° 08 | Patrono: Itúrbides Almeida Serra
Titular: **Raquel Naveira**
- N° 09 | Patrono: Mal. Mascarenhas de Moraes
Titular: **Maria Adélia Menegazzo**

- N° 10 | Patrono: Argemiro de Arruda Fialho
Titular: vaga
- N° 11 | Patrono: José V. Couto de Magalhães
Titular: **José Couto Vieira Pontes**
- N° 12 | Patrono: Mal. Cândido M. da S. Rondon
Titular: **Orlando Antunes Batista**
- N° 13 | Patrono: Patrono: Estevão de Mendonça
Titular: vaga
- N° 14 | Patrono: Patrono: Severino Ramos de Queirós
Titular: vaga
- N° 15 | Patrono: Patrono: Pandiá Calógeras
Titular: **Paulo Corrêa de Oliveira**
- N° 16 | Patrono: Patrono: Rosário Congro
Titular: **Paulo Tadeu Haendchen**
- N° 17 | Patrono: Patrono: Eduardo Olímpio Machado
Titular: **Valmir Batista Corrêa**
- N° 18 | Patrono: Patrono: Aguinaldo Trouy
Titular: **Abrão Razuk**
- N° 19 | Patrono: Patrono: João Guimarães Rosa
Titular: **Maria da Glória Sá Rosa**
- N° 20 | Patrono: Patrono: Visconde de Taunay
Titular: **Paulo Sérgio Nolasco dos Santos**

- N° 21 | Patrono: Arlindo de Andrade Gomes
Titular: **Reginaldo Alves de Araújo**
- N° 22 | Patrono: Vespasiano Martins
Titular: **Rêmollo Letteriello**
- N° 23 | Patrono: Sabino José da Costa
Titular: vaga
- N° 24 | Patrono: Lobivar de Matos
Titular: **Francisco de Albuquerque Palhano**
- N° 25 | Patrono: Arnaldo Serra
Titular: vaga
- N° 26 | Patrono: Pedro Medeiros
Titular: **Adair José de Aguiar**
- N° 27 | Patrono: Antônio João Ribeiro
Titular: **Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro**
- N° 28 | Patrono: Raul Machado
Titular: **Augusto César Proença**
- N° 29 | Patrono: Elmano Soares
Titular: **José Pedro Frazão**
- N° 30 | Patrono: Otávio Cunha Cavalcanti
Titular: vaga
- N° 31 | Patrono: Henrique Cirilo Correia
Titular: **Hildebrando Campestrini**

- N° 32 | Patrono: Weimar Torres
Titular: **Abílio Leite de Barros**
- N° 33 | Patrono: Ovídeo Correia
Titular: **Flora Egídio Thomé**
- N° 34 | Patrono: Tertuliano Meireles
Titular: **Altevir Soares Alencar**
- N° 35 | Patrono: Múcio Teixeira
Titular: **Rubenio Marcelo**
- N° 36 | Patrono: Franklin Cassiano da Silva
Titular: **Lucilene Machado Garcia Arf**
- N° 37 | Patrono: Padre José Valentim
Titular: **Francisco Leal de Queiroz**
- N° 38 | Patrono: Enzo Ciantelli
Titular: **Wilson Barbosa Martins**
- N° 39 | Patrono: João Tessitori Júnior
Titular: **Geraldo Ramon Pereira**
- N° 40 | Patrono: Lima Figueiredo
Titular: vaga





O papel utilizado neste livro é biodegradável e renovável.
Provém de florestas plantadas que dão emprego a milhares de brasileiros e combatem o efeito estufa, pois absorvem gás carbônico durante o seu crescimento!
A tinta utilizada na impressão das páginas é à base de soja, cujo componente é renovável e atóxico que não degrada o meio ambiente.

Esta obra foi composta em Georgia,
impressa pela Gráfica Viena em papel offset
para a Life Editora em Dezembro de 2011.

